

Norberto Moro

**A PERSPECTIVA DO AMOR FRATERNAL DE JESUS DA
PRIMEIRA CARTA DE JOÃO E DA PASTORAL SOCIAL NAS
COMUNIDADES DO MONT SERRAT E ALTO DA CAIEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Osmar
Debatin

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Moro, Norberto

A perspectiva do amor fraternal de Jesus na primeira carta de João e na pastoral social nas comunidades do Mont Serrat e Alto da Caieira / Norberto Moro; Orientador: Prof. Osmar Debatin; Florianópolis, SC, 2023.

151 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Amor 2. Caridade 3. São João 4. Pastoral Social



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)

Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26,06/02/2017, p.23)

Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro. Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil - CNPJ nº 82 898 891/0005-33

Norberto Noro

A perspectiva do amor fraternal de Jesus na Primeira Carta de João e na pastoral social nas comunidades do Mont Serrat e Alto da Caiera

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 07 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti

Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Osmar Debatin

Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Vilmar A. Vicente

Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Esp. Rafael Uliano

Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus de infinito amor, luz do mundo, filho de um Deus de amor universal, pela minha saúde atual; pela graça de sempre acreditar em seu poder de amor transformador; pela sua atuação em tudo e em todos que já lutam pelo Reino de Deus e sua justiça de uma forma ou de outra – pessoas que, graças à fé, possuem alta resiliência, como se vê nas comunidades aqui citadas e estudadas.

Agradeço ao Bom Samaritano da humanidade, por seu amor fraterno presente na minha família, a qual sempre compreendeu a importância deste modesto trabalho e o incentivou. Posteriormente, este trabalho servirá como instrumento reflexivo a estas comunidades via retiros e seminários, fornecendo força e ânimo, a fim de aperfeiçoar sua práxis social libertadora cotidiana.

Agradeço também pelo ambiente amoroso da FACASC, onde fui muito bem acolhido pelos professores, funcionários e pelos queridos colegas. Entre as funcionárias, agradeço profundamente a querida bibliotecária Adriana de Melo Tomaz, sempre numa amorosidade exemplar de serviço em ajudar a qualquer momento todos nós alunos em várias pesquisas exigidas pelo curso formativo.

Agradeço de coração ao Professor orientador Pe. Osmar Debatin pelo incentivo no tema escolhido e pelas inúmeras leituras realizadas neste trabalho de pesquisa bibliográfica. Com sua simpatia de sempre e presteza amorosa cotidiana, sugeriu correções e orientações após conversas amigáveis, para que este trabalho estivesse a contento. Sua preocupação maior sempre foi ao encontro do tema da realidade titulada e das normativas científicas desta escola.

“Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê”.

(1Jo 4, 20)

“Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê seu irmão na necessidade e lhe fecha as entranhas, como permaneceria nele o amor de Deus?”.

(1Jo 3,17)

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”.

(Gaudium et Spes, Proêmio)

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...”

Fernando Pessoa

“Nós nos gloriamos também nas aflições, sabendo que a aflição produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.”

(Rm 5, 3-5)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, de cunho bibliográfico, tem como objetivo atualizar a teologia do amor da primeira carta do apóstolo João e exemplificá-la pastoralmente nas comunidades do Mont Serrat e a do Alto da Caieira, grupos de famílias de muita fé no entorno do centro da cidade de Florianópolis. Num primeiro momento, reflete-se sobre uma espiritualidade aprofundada e centrada no poder do amor serviço de Jesus a todos os irmãos e irmãs que sofrem. Esta práxis messiânica de Jesus refletida, possibilita um maior estímulo interior de fé e força já fincadas no coração das lideranças das comunidades do Mont Serrat e do Alto da Caieira para prosseguirem firmemente em suas lutas emancipatórias cotidianas. Num segundo momento, apresenta-se a estas lideranças algumas pistas sobre os conhecimentos da ciência política e também sobre filosofia para que, desta forma, usando a razão, tenham maiores discernimentos e entendimentos em prol de uma maior consciência de classe e elevada visão de mundo, mais coletiva e solidária. Por fim, como conjugação final, demonstra-se a materialização de vitórias dos membros destas duas comunidades advindas das suas lutas por direitos aviltados e esquecidos há décadas pelas elites políticas. Se as lideranças e as pessoas de boa vontade cooperadoras destas comunidades, num futuro próximo, chegarem a um poder transformador de libertação e, simultaneamente, conseguirem equilibrar a sobriedade com o mundo material, a relação de amor consigo, com o amor de Deus e com o amor ao próximo, desta forma certamente estarão preparadas para continuar eficazmente com a construção do Reino de Deus e sua justiça. Esta síntese e a esperança do advir escatológico é que nos move sempre, isto é, a tensão do dinamismo dialética entre o “já” e o “ainda não” da plenitude das esperanças messiânicas, a qual comporta a superação de uma atitude passiva dentro da a história humana.

Palavras-chave: Amor ágape. Seguimento de Jesus. Comunidades. Práxis social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização das diversas comunidades no Maciço do Morro da Cruz.....	107
Figura 2 – Projeto Maciço Morro da Cruz – PMF.....	108
Figura 3 – Eixos e Programas do Comitê Popular Comunitário Do Maciço Do Morro Da Cruz.....	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor – Primeiro Carta de São Paulo aos Coríntios
1Jo- Primeira carta de São João
Ap – Apocalipse de São João
At – Atos dos Apóstolos
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV – *Caritas in veritate*
DCE – *Deus caritas est*
DSI – Doutrina Social da Igreja
Dt - Deutoronômio
EG – *Evangelii Gaudium*
Ez – Ezequiel
Fl – Carta de São Paulo aos Filipenses
FT- *Fratelli tutti*
Gn- Gênesis
GS – *Gaudium et spes*
Hb – Carta aos Hebreus
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
Is - Isaías
Jl – Joel
Jo – Evangelho segundo São João
Lc – Evangelho segundo São Lucas
LS – *Laudato Si'*
Mc – Evangelho segundo São Marcos
MI – Malaquias
Mt – Evangelho segundo São Mateus
Pr – Provérbios
Rm – Carta de São Paulo aos Romanos
Sl – Salmos
Tb - Tobias
Tg – Carta de São Tiago

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A TEOLOGIA DO AMOR EM 1JO	24
1.1 CRER EM JESUS CRISTO E AMAR UNS AOS OUTROS	24
1.1.1 Permanecer no amor de Jesus, o salvador do mundo	31
1.2 CONHECER E PRATICAR O MANDAMENTO DO AMOR.....	36
1.2.1 Amar é colocar em prática os mandamentos	40
1.3 O AMOR DE JESUS	43
1.3.1 Acolher o mandamento do amor de Jesus.....	46
1.4 AMAR A DEUS E/OU AO PRÓXIMO	49
1.4.1 Deus se manifesta no amor de Cristo e no próximo	53
2 PISTAS PARA UMA NOVA CONSCIÊNCIA CARITATIVA SOCIAL E TRANSFORMADORA.....	60
2.1 INTRODUÇÃO	60
2.2 A POLÍTICA COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO TRANSFORMADORA	66
2.2.1 Ideologia e alienação ou estranhamento na vida política.....	67
2.2.2 Filosofia da práxis, instrumento de agir e modificar a história	72
2.2.3 O conceito filosófico grego original da política e suas exigências éticas	77
2.2.4 Papa Francisco: a política como “amizade social” e “ciência e arte do bem comum”	81
2.3 SECTARISMO, RADICALISMO E O ESPERANÇAR.....	92
2.4 A PASTORAL SOCIAL NA CONVERSÃO DO CORAÇÃO E DAS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE.....	97
3 POR UMA CARIDADE SOCIAL ECLESIAL E HUMANISTA PRESENTES NAS COMUNIDADES DO MONT SERRAT E ALTO DA CAIEIRA.....	106
3.1 INTRODUÇÃO	106
3.2 O GRITO QUE VEM DA PERIFERIA: A LUTA PELOS DIREITOS SOCIAIS	109
3.2.1 Breve histórico das comunidades.....	109
3.2.2 O papel da mulher, em especial da mulher negra, na resistência às adversidades cotidianas.....	116
3.3 NOVOS DESAFIOS DE LUTAS EMANCIPADORAS DAS COMUNIDADES DE MONT SERRAT E DO ALTO DA CAIEIRA.....	123
CONCLUSÃO	133
REFERÊNCIAS	140

ANEXO A – Discurso do Reverendo Michael Bruce Curry no casamento real.....	146
ANEXO B - Reuniões da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social de Florianópolis junto à Comissão Executiva do Fórum do Maciço do Morro da Cruz.....	149
ANEXO C - Resumo das reuniões para o futuro PAC III	151

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso consiste numa pesquisa de cunho bibliográfico. Ele aborda o tema do amor fraterno de Jesus em perspectiva teológica a partir da primeira carta de São João, dos teólogos joaninos, da pastoral social eclesial católica e de documentos papais da Igreja.

Esta pesquisa sobre o poder do amor teve inspiração inicial quando ouvi, em 2018, a homilia do reverendo Michael Cury, líder da Igreja Episcopal americana, citando frases de Martin Luther King, no casamento do príncipe Harry e de Meghan Markle. Em sua homilia, o pastor citava frases impactantes sobre o poder do amor, e, no final, percebi que ele falava sobre o poder do amor fraterno de Jesus, conforme relatado nos evangelhos e nas cartas de João.

Em um sermão memorável sobre o poder do amor, assim se expressa o pastor: “Temos que descobrir o poder do amor, o poder redentor do amor. E, quando fizermos isto, seremos capazes de criar um novo mundo deste velho mundo. O amor é o único caminho”.¹

Com uma retórica marcante, o pastor de 65 anos de Chicago ainda afirmou: “Existe poder no amor. Não o subestimem. Sequer se sintam excessivamente sentimentais. Existe poder, poder no amor. [...] Falo sobre algo de poder. Poder real. Poder para mudar o mundo”.²

Esse poder do amor como força interna para mudar as pessoas e, conseqüentemente, mudar o mundo, impulsionou-me a pesquisar sobre esse tema. Rapidamente encontrei o livro *A Revolução do Amor*³, do pastor Henrique Vieira, que cita *A Força do Amor*, livro escrito em 1963 por Martin Luther King.⁴ Dois livros interessantes de se ler: este último, uma coletânea de homilias das pregações de Luther King em suas igrejas e sua luta pela igualdade racial; e o livro do pastor Henrique mostra os recentes embates sociais na defesa do povo sofrido nas periferias do Rio de Janeiro.

Após esse entusiasmo inicial, realizei uma pesquisa breve sobre como a Igreja Católica se posiciona sobre a questão do poder do amor. Inicialmente encontrei a famosa expressão revolucionária “A Civilização

¹ Vide anexo 1.

² Vide anexo 1.

³ VIEIRA, Henrique, pastor. **O amor como revolução**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

⁴ KING JR, Martin Luther. **Força para amar**. Edições Tapir. Editora Lisboa, 1966.

do Amor”, como ideal e como proposta, dita pelo santo Papa Paulo VI. Esse sentimento civilizatório humanista seria, a princípio, o projeto utópico de uma nova sociedade baseada e fundamentada nos valores evangélicos, ou seja, uma sociedade que incorpora em seus corações um sim à vida, ao diálogo, à paz, à verdade e à liberdade. Tal ideal é bem diferente da nossa atual sociedade consumista, utilitarista e relativista em seus valores éticos, e que ainda não garante a vida digna a todos.

Essa nova sociedade é um desafio grande a se construir, pois exige de todos que se realize uma revolução educacional e cultural, “a cultura do amor” em nossos corações. Vários papas, desde João Paulo II, Bento XVI e até o Papa Francisco, insistem e aprofundam em suas encíclicas esse desafio. Essa utopia foi lançada em 1970 por Paulo VI no dia da celebração da Solenidade de Pentecostes, que seria o dia de nascimento da Igreja. Paulo VI agiu crendo no fruto da ação do Espírito Santo, no compromisso de que toda a humanidade se empenharia na realização de um mundo de paz e justiça, em oposição clara e radical contra uma globalização da indiferença e da exclusão social nada cristã.⁵

Para este Papa, é obrigação dos cristãos almejar essa nova civilização, na qual as pessoas buscam superar as suas divisões, seus conflitos e suas guerras, em prol de uma sociedade de convivência humana focada no amor e, assim, transfigurada numa humanidade finalmente cristã.

Todos os homens e mulheres de boa vontade, crentes e não crentes de todas as religiões, são chamados a construir a “civilização do amor”, para assim se enriquecerem mutuamente com os dons que cada um traz. Para tanto, é necessário construir juntos, através de diálogo positivo a respeito das suas diferenças, esse novo desafio civilizatório, além de buscar a perspectiva de impulsionar em todos a sua vocação transcendental aqui e agora, “porque o céu começa na terra”.⁶

O amor e, consequentemente, uma “civilização do amor” deverá ser, portanto, uma civilização onde esta unidade essencial de amor descendente e ascendente se cruza entre si, numa harmonia entre o dar e o receber, até atingir o seu sentido cristão mais autêntico: *caritas*. Este, compreendido enquanto sentimento, desejo e vontade que Deus desperta

⁵ VAZ, Sílvia Maria Reis Duarte. **Uma Planificação da Unidade Letiva 4 do Ensino Secundário: “A Civilização do Amor”**. Monografia (Especialização), Unidade Moral e Religiosa Católica, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015, p. 27-30.

⁶ BOFF, Leonardo. **Vida para Além da Morte**. São Paulo: Editora Vozes, 1996, p. 30.

no coração de cada pessoa, a fim de fazer sair de si e ir ao encontro do outro, dando a vida por ele, num ato extremo de dom de si.

Esse amor que nos impele a sair de nós próprios para ir ao encontro do outro é o amor dado por Deus, que “liberta o olhar do homem ofuscado e transviado pelo amor de si e torna-o capaz de reconhecer de modo claro a realidade, o próximo e o mundo”,⁷ como diz Dietrich Bonhoeffer.⁸ Na verdade, é nesse horizonte de Amor que vive a proposta cristã, quando o termo é usado para se referir à identidade do próprio Deus. “Deus é amor”⁹, como escreve São João.¹⁰

Para finalizar esse resumo sobre a civilização do amor, Paulo VI insiste em tom afirmativo: “Será que sonhamos quando falamos de Civilização do Amor? Não, não sonhamos. Os ideais se autênticos, se humanos, não são sonhos; são deveres. Para nós cristãos, especialmente”.¹¹

Sobre o poder do amor nos evangelhos, sempre é destacado o evangelista João, que cita, entre vários chamamentos amorosos, a seguinte afirmação de Jesus: “Permaneeci no meu amor para dar muitos frutos”,¹² ou “Amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, que vocês amem-se uns aos outros”.¹³ A comunidade do Discípulo Amado, também conhecida como comunidade joanina, cuja característica é o acolhimento de todas as pessoas, é chamada a assumir o amor ágape de Jesus, de serviço, até as últimas consequências. A vivência do amor como sinal do discipulado de Jesus é a principal herança que o Evangelho de João transmite à sua comunidade, e que chega até os nossos conturbados dias de hoje.

Acreditamos ainda que as lideranças políticas e, principalmente, as lideranças comunitárias das periferias aqui citadas, acreditam e buscam com vontade própria fortalecerem-se espiritualmente, numa teologia de fé na fraternidade amorosa vivida pelo Jesus histórico. Esse passo adiante terá como consequência uma práxis social firmada no discernimento em seus corações dessa cultura do amor fraterno social baseada no seguimento de Jesus, fortalecida e escrita na primeira carta de João.

⁷ FERREIRA, Antônio; SILVA, Luiz. **Unidade Letiva 02: Valores e Ética Cristã**. Lisboa: Fundação SNEC, 2015, p. 70.

⁸ VAZ, 2015, p. 28.

⁹ 1Jo 4,16.

¹⁰ VAZ, 2015, p. 28.

¹¹ FERREIRA, 2015, p. 13.

¹² Jo 15,8-9.

¹³ Jo 13,34.

Assim, pergunta-se em alto e bom tom: vão se desenvolver, finalmente, frente ao poder, lideranças éticas para uma política voltada ao bem comum e incorruptíveis perante o dinheiro?

Para responder a essa pergunta, a nossa proposta de pesquisa se dá, como já citado, a partir do aprofundamento teológico na primeira carta de João e tendo ela como fundamento espiritual para se fortalecer a palavra, o amor de serviço desinteressado aos mais sofridos. “Amar implica doar a vida pelos outros”, conforme 1Jo 3,16.

Para tanto, apostamos na meditação espiritual libertadora da força desta primeira carta para fomentar transformações interiores nas lideranças via seminários, reflexões e retiros mensais, para assimilar ainda mais a fé fortalecida na prática ética de Jesus Salvador. Que essas reflexões interiores libertadoras levem também a mudanças exteriores, ou seja, exponham a revolução espiritual joanina a uma nova práxis social, para que estas lideranças cheguem a uma nova consciência crítica transformadora, encorajando-as na luta contínua das transformações sociais destas comunidades em busca de direitos básicos ainda negados pelo poder público.

No primeiro capítulo, para explicar o poder do amor, aprofunda-se teologicamente este tema na primeira carta de São João por meio de alguns estudiosos joaninos, como Zuleica Silvano, em seu livro *Crer em Jesus Cristo e amar os outros*; Izidoro Mazzarolo, com seu livro *As três cartas de São João*; e, por fim, os teólogos Josep-Oriol Tuñí e Xavier Alegre, em seu livro *Escritos joaninos e cartas católicas*.

É importante destacar que, nestes três livros, serão abordados dois temas teológicos centrais para o cristão de todos os tempos: crer no Messias Jesus, filho de Deus, o qual entrega sua vida por amor a toda humanidade; e amar os irmãos, sobretudo os mais necessitados. Fechando o ciclo teológico de fé, ressalta-se: como os cristãos de hoje vão agir em seu cotidiano e realizar essa práxis social do amor fraterno exigido por Jesus? É o desafio a seguir neste capítulo.

No segundo capítulo, faz-se uma atualização dos termos sociológicos, culturais e filosóficos a serem explicados a essas novas lideranças, para assim caminharem na transformação social tão sonhada e necessária para se cumprir o que Jesus anunciava, ou seja, o Reino de Deus e sua justiça. Para tanto, serão abordados temas como esperar e esperança, diálogo, respeito pelo contraditório na construção da democracia e a práxis como instrumento assertivo na luta diária pelos direitos dos excluídos.

Também há de se falar sobre a diferença de postura política sectária e da postura política radical, ainda confundidas nas mídias. E,

finalmente, serão abordadas encíclicas papais recentes, como *Deus Caritas Est*, do Papa Bento XVI, de 2005, e a *Fratelli Tutti*, de 2020, do Papa Francisco. Essas duas encíclicas vão reforçar a importância do amor presente em nosso mundo, porque a sua origem vem de Deus. Ora, se Deus nos amou primeiro, devemos amar o irmão, que também é amado por Deus. Em outras palavras, a fidelidade a Deus é sempre proporcional ao amor pelos irmãos, principalmente aos irmãos mais pobres e excluídos de toda a dignidade humana.

No terceiro capítulo, vamos tratar da materialização das conquistas das comunidades do Mont Serrat e do Alto da Caieira, ambas pertencentes ao Maciço do Morro da Cruz, ou simplesmente Morro da Cruz, próximas ao centro de Florianópolis. São conquistas engendradas há décadas, organizadas pela ação pastoral eclesial através das CEBs, apoiadas pelo padre Vilson Groh, que trabalha há mais de 40 anos pelo empoderamento das pessoas dessas duas comunidades.

As lideranças comunitárias, nos anos 80, tiveram uma formação evangélica progressista fixadas no seguimento amoroso de Jesus de Nazaré, na construção imediata do Reino de Deus e sua justiça e, em paralelo, receberam também uma formação política crítica transformadora da sua realidade social. Com essas duas instrumentações, as comunidades começaram a identificar o porquê de suas posições históricas de classe subserviente oprimidas há séculos em nosso país. Desse modo, fortalecidas, as lideranças comunitárias veem surgir novas práticas de lutas libertárias, reforçam esperanças quase perdidas e assim podem encarar novos desafios quanto à demanda dos direitos ainda negados pelos poderes públicos atuais.

O amor é um mandamento dado por Jesus, como se vê nos evangelhos. E o amor é o maior dom oferecido por Deus, porque o poder do amor nos transforma e nos torna mais parecidos com Jesus Salvador. Sendo assim, a vida cotidiana do cristão deve ser amorosa, já que sem este amor ágape nada somos. O terceiro capítulo reforça isso, trazendo a importância de se acreditar no poder de amor serviço, via reflexões e uma educação libertadora que levem a incentivar esta nova visão amorosa edificante para resolver problemas dos mais variados calibres, principalmente para as novas lideranças que estão chegando nestas duas comunidades. Poder de amor atuando pela fé e lutas diárias sob uma prática que resulta em resiliência ainda maiores, na conquista de seus direitos ainda pendentes, porém agindo fraternalmente com novas formas de solidariedade com seus irmãos de caminhada.

Se agirmos assim em nossas vidas, centrados numa nova educação para o poder do amor transformador, resultará em nosso coração a missão

diária suscitada pela pergunta: o que posso fazer pelos outros hoje? Dessa forma, conseguiremos um equilíbrio amoroso conosco, com o mundo material e com o nosso Ser Transcendente. Assim estaremos preparados para viver uma sociedade de paz, mais justa e solidária, que é a “Civilização do Amor”. Esse sonho amoroso, essa esperança de um novo advir, já é o que nos move, incentivados ainda mais pelo discurso final do reverendo Michael Cury, que diz:

Imagine nossas casas e famílias onde o amor é o caminho.

Imagine nossos bairros e comunidades onde o amor é o caminho.

Imagine nossos governos e nações onde o amor é o caminho.

Imagine negócios e comércio onde esse amor é o caminho.

Imagine este velho mundo cansado onde o amor é o caminho.

Quando o amor é o caminho – altruísta, sacrificial, redentor.

Quando o amor é o caminho, então nenhuma criança irá dormir com fome.

Quando o amor é o caminho, vamos deixar a justiça rolar como um fluxo poderoso e a justiça como um riacho que flui sempre.

Quando o amor é o caminho, a pobreza se tornará história.

Quando o amor é o caminho, a terra será um santuário.

Quando o amor é o caminho, vamos deitar nossas espadas e escudos, na beira do rio, para não mais estudarmos a guerra.

Quando o amor é o caminho, há muito espaço bom – muito espaço bom – para todos os filhos de Deus.

Porque quando o amor é o caminho, nós realmente tratamos um ao outro, bem...como se fossemos realmente da família.

Quando o amor é o caminho, sabemos que Deus é a fonte de todos nós e somos irmãos e irmãs, filhos de Deus...¹⁴

¹⁴ Anexo A.

1 A TEOLOGIA DO AMOR EM 1JO

1.1 CRER EM JESUS CRISTO E AMAR UNS AOS OUTROS

Para a teóloga Zuleica Silvano, a primeira carta de São João pode ser considerada como uma carta exortativa (parenética), que foi facilmente admitida no cânon na metade do século II. Essa carta é endereçada a um grupo, com a finalidade de anunciar o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, além de indicar um itinerário cristão para aqueles que aderem a Jesus, o Filho de Deus, após o Batismo, e de manter a fé da comunidade diante das falsas doutrinas propagadas pelos chamados falsos profetas. Por isso, é o escrito que mais estabelece uma relação entre fé e amor, entre professar que Jesus é o Cristo e agir de modo cristão.¹⁵

Vários exegetas defendem a unidade dessa carta. O único provável acréscimo posterior é 1Jo 5,14-21, pelos seguintes motivos:

- a) o versículo treze traz todas as características de uma fórmula de conclusão;
- b) a concepção de pecado no capítulo cinco, versículos dezesseis e dezessete, é diferente daquela apresentada em 1Jo, sobretudo no capítulo um, versículos de cinco a dez;
- c) os termos utilizados não ocorrem ao longo da carta, somente nesses versículos; e
- d) a idolatria¹⁶ não é uma problemática mencionada nos capítulos anteriores.¹⁷

Alguns comentadores tentam ajustar a carta à estrutura do Evangelho segundo João, por enfatizar o paralelo entre esses escritos. Tais autores dividem o conteúdo em duas partes, sendo emolduradas por um prólogo¹⁸ e uma conclusão¹⁹. A primeira parte tem como tema a fé²⁰ e a segunda, o amor²¹.

¹⁵ SILVANO, Zuleica. **Primeira Carta de João-Crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 9.

¹⁶ BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002; 1Jo 5,21.

¹⁷ SILVANO, 2019, p. 9.

¹⁸ 1Jo 1,1-4.

¹⁹ 1Jo 5,13-21.

²⁰ 1Jo 1,5-3,10.

²¹ 1Jo 3,11-5,12.

A teóloga Zuleica Silvano separa em quatro partes a estrutura da carta, a saber: “Deus é luz”;²² “A última hora”;²³ “Deus é justo”;²⁴ e “Deus é amor”;²⁵ além da conclusão.²⁶ Em cada seção é abordado um argumento sobre Deus, Jesus Cristo e o agir cristão. Na primeira seção, o cristão é convidado a caminhar na luz, pois “Deus é luz”. Na segunda, há uma contraposição entre a manifestação do anticristo e a revelação de Cristo. Na terceira seção, os seguidores de Jesus Cristo são exortados a praticar a justiça, dado que “Deus é justo”,²⁷ e o fiel é considerado filho de Deus. Na última parte, apresenta-se a necessidade de viver a comunhão com Deus e com o outro, pois “Deus é amor”^{28, 29}.

O tema e o personagem central de 1Jo é Jesus Cristo, mas a carta é também perpassada por referências a Deus Pai e ao Espírito Santo. Esse foco em Jesus embasava uma interpretação equivocada do Evangelho segundo João por pessoas que eram membros da comunidade. Elas não atribuíam significado salvífico à existência humana de Jesus de Nazaré e, desse modo, negavam a redenção. Tal postura dos opositores gerou um problema antropológico, pois eles afirmavam que viviam em comunhão com Deus, portanto não tinham pecado³⁰ e não necessitavam amar o irmão³¹. Por isso, o valor redentor da morte de Jesus como expressão da salvação de Deus³² é enfatizado nessa carta.³³

A comunidade cristã, portanto, é chamada a crer em Jesus e a segui-lo na prática do mandamento do amor e da justiça. Aquele que diz que ama e conhece a Deus, mas não ama o seu irmão, como sublinha 1Jo, é um mentiroso.³⁴ A nós, futuros teólogos atuantes nas comunidades, cabe um cuidado especial nessa amorosidade joanina com as pessoas a nossa volta. Devemos ser pessoas capazes de construir humanidade ao nosso redor (dar nosso testemunho) e de transmitir a divina verdade cristã em

²² 1Jo 1,5-2,17.

²³ 1Jo 2,18-28.

²⁴ 1Jo 2,29-4,6.

²⁵ 1Jo 4,7-5,17.

²⁶ 1Jo 5,18-21.

²⁷ 1Jo 2,29.

²⁸ 1Jo 4, 8.16.

²⁹ SILVANO, 2019, p. 10-12.

³⁰ 1Jo 1,8-10.

³¹ 1Jo 2,9-11; 3,11-18; 4,20.

³² 1Jo 1,7; 2,2; 4,10; 5,6.8.

³³ SILVANO, 2019, p. 18.

³⁴ 1Jo 2,4.

dimensão deveras humana, não nos tornarmos apenas intelectuais insensíveis, eticistas, sem bondade, ou burocratas do sagrado.³⁵

Deus é definido como “luz”³⁶ e “amor”³⁷. Ele ama a humanidade, convida cada pessoa batizada a amar o próximo³⁸ e permanece em estreita comunhão com aqueles que creem em seu Filho.³⁹ Outra referência a Deus está em 1Jo 3,20, quando se afirma que ele conhece todas as coisas e é misericordioso e benevolente. No capítulo 4, 9 o autor ressalta que o plano salvífico é de Deus Pai, por isso envia seu Filho para conceber a vida eterna para todos^{40, 41}.

Os líderes que se separaram da comunidade, denominados “anticristos”, se consideravam profetas conduzidos, inabitados pelo Espírito e autorizados a ensinar aos demais membros da comunidade. O autor exorta a comunidade a discernir quais são aqueles que pertencem ao espírito do engano e a distingui-los daqueles que são gerados por Deus, tendo como único critério em Jesus “vindo na carne”. Esse critério, portanto, desautoriza os falsos mestres, por pregarem falsas profecias.⁴² A vinda do Espírito Santo era prometida para o fim dos tempos,⁴³ mas é antecipada com a vinda do Filho de Deus. Assim, ele está intimamente relacionado com o Messias Jesus,⁴⁴ sendo, portanto, o sinal de sua filiação divina⁴⁵ e do início da era messiânica. O Espírito também é aquele que estabelece a comunhão entre o Pai e o Filho⁴⁶ e os membros da comunidade. Ela assume uma dimensão ética, sendo associado também à verdade e ao amor. Tais aspectos são completamente negligenciados pelos opositores.⁴⁷

Jesus Cristo ocupa o centro da doutrina dessa primeira carta joanina ao enfrentar a mais forte polêmica contra os cerintianos. Cerinto e seus adeptos afirmavam que Jesus de Nazaré era humano e o Cristo era

³⁵ JUNIOR, Francisco de Aquino. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 59.

³⁶ 1Jo 1,5.

³⁷ 1Jo 4,8.16.

³⁸ 1Jo 4,11-12.

³⁹ 1Jo 4,12.15-16.

⁴⁰ 1Jo 5,11,20.

⁴¹ SILVANO, 2019, p. 19.

⁴² 1Jo 4,1-3.

⁴³ JI 3,1-2; Is 11,4; 32,15; 59,21.

⁴⁴ 1Jo 4,2.

⁴⁵ 1Jo 5,6.

⁴⁶ 1Jo 3,24; 4,13.

⁴⁷ SILVANO, 2019, p. 19-20.

Deus. Essa dualidade prejudicava toda a compreensão da pessoa de Jesus, da pessoa humana e dos fundamentos da fé cristã. Enquanto combate essa heresia, João esclarece aos seus leitores que Jesus é Unigênito, O Filho de Deus, o Verbo da Vida. Para João, Jesus Cristo é a obra suprema do amor do Pai e foi enviado ao mundo para remir a humanidade pelo seu sangue. João dá muita importância ao Filho, pois insiste que Ele tem a mesma natureza que o Pai – Ele e o Pai são Um. João insiste na vida nova, no novo nascimento, os quais caracterizam os filhos de Deus. Estes estão em comunhão com a caridade, com a luz, com a justiça, com a verdade e com o amor, porque Deus é tudo isso. Um detalhe importante desmitifica a interpretação gnóstica desses conceitos: ninguém está em comunhão com Deus se antes não está em comunhão com os irmãos.⁴⁸

Apesar da permanência de Jesus Cristo e de Deus em todos os cristãos que praticam a justiça e amam seu próximo, a plena união com Deus e a manifestação definitiva da salvação só serão possíveis em sua vinda definitiva para a salvação, no fim dos tempos (Parúsia). Nesse tempo de espera, o cristão é chamado a agir conforme a fé num Deus-Amor revelado em Jesus Cristo. Isso contradiz a visão dos adversários, que pensavam que já estavam salvos e não necessitavam da mediação de Jesus Cristo. Um aspecto característico dessa carta, também presente na literatura joanina, é considerar Jesus como a vida eterna.⁴⁹ A vida estava com o Pai desde o princípio,⁵⁰ que é revelada,⁵¹ nos é dada em Jesus,⁵² e somos conduzidos a permanecer no fim dos tempos.⁵³

Os membros opositores afirmavam que estavam em comunhão com Deus,⁵⁴ conheciam-no e o amavam,⁵⁵ estavam na luz,⁵⁶ não eram pecadores ou não cometiam pecados,⁵⁷ mas não se importavam com o irmão.⁵⁸ Desse modo, estabeleciam uma separação entre a fé cristã e as exigências éticas, supervalorizando somente uma experiência intimista e individualista de Deus. Por isso, 1Jo insiste em afirmar que a fé não é

⁴⁸ MAZZAROLO, Isidoro. **As três cartas de São João**: exegese e comentário. 1. ed. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2010, p. 28.

⁴⁹ 1Jo 1,1; 5,20.

⁵⁰ 1Jo 1,1.

⁵¹ 1Jo 1,1.

⁵² 1Jo 5,11-13.

⁵³ 1Jo 2,25.

⁵⁴ 1Jo 1,6.

⁵⁵ 1Jo 2,4; 4,20.

⁵⁶ 1Jo 2,9.

⁵⁷ 1Jo 1,8.10.

⁵⁸ 1Jo 1,6.10; 2,4.11; 4,20-21.

desconectada do amor ao próximo, e a fé em Jesus, como filho de Deus, está na base do amor mútuo. A fé é um estilo de vida pelo amor. O verdadeiro cristão, a exemplo de Jesus Cristo, evita o pecado por meio de um comportamento justo, conduzido pelo Espírito Santo, e é convidado a uma constante revisão de seu modo de agir. Nesse sentido, o amor é um dos temas centrais de 1Jo: é o conteúdo do anúncio a ser transmitido;⁵⁹ é um mandamento;⁶⁰ é revelado na entrega de Jesus, ao doar-se pela humanidade, e tem origem em Deus, porque “Deus é amor”.⁶¹ Por conseguinte, o cristão é desafiado a dar a sua vida pelos irmãos⁶² e servir os mais necessitados.^{63, 64}

É necessário lembrar que o evangelho de João destaca a vertente celestial da confissão cristológica, ainda que sem esquecer a vertente histórica. Assim, a progressiva e feroz oposição da sinagoga obrigava a salientar a origem celestial de Jesus se quiséssemos destacar a autenticidade da confissão proclamada. Por outro lado, a primeira carta de João é uma tentativa de defender a identidade histórica de Jesus frente a um grupo que, ao sublinhar a divindade de Jesus, esquecia sua realidade humana. São duas visões que se iluminam e se complementam. Como foi visto e estudado ao longo do tempo, a 1Jo fez um esforço notável para preservar a identidade comunitária ao relemburar e reafirmar a centralidade da vida histórica de Jesus. No fundo, a confissão de Jesus, de que Ele foi e é homem, dá à comunidade a sua identidade mais profunda e lhe proporciona um modelo de atuação.⁶⁵

Um elemento a ser sublinhado, ao relacionar Jo e 1Jo, é que a palavra “mandamento” não é norma ou lei que foi dada, mas é o doar da própria vida.⁶⁶ Isso é testemunhado na vida de Jesus, ao estar a serviço das pessoas, no entregar-se e na fidelidade ao que recebeu do Pai, isto é, na vivência radical e profunda do amor. Para alguns biblistas, a 1Jo nos faz descobrir progressivamente as dimensões eclesiológicas, cristológicas e teológicas do amor. Desse modo, inicia-se apresentando o mandamento do amor e sua dimensão comunitária,⁶⁷ que seria uma abordagem eclesial.

⁵⁹ 1Jo 3,11.

⁶⁰ 1Jo 3,23.

⁶¹ 1Jo 4,7.

⁶² 1Jo 3,6.

⁶³ 1Jo 3,16-18.

⁶⁴ SILVANO, 2019, p. 21.

⁶⁵ TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas**. 1. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999, p. 166.

⁶⁶ Jo 10,18.

⁶⁷ 1Jo 1,5-2,2.

Num segundo momento, convida-nos a olhar para Cristo, que nos revela o amor⁶⁸ – esta seria a dimensão cristológica; e, por fim, nos revela que Deus é amor⁶⁹ – o aspecto teológico. Assim, essa carta aprofunda duas modalidades fundamentais do amor cristão pregado por Jesus: o amor para com o irmão, em contraposição ao ódio,⁷⁰ e o amor para com Deus, em oposição ao amor pelo mundo⁷¹.⁷²

Após a introdução breve dos elementos fundamentais dessa carta, analisaremos o conteúdo de 1Jo focado na parte delimitada deste trabalho, que é sobre “Deus é amor” e o amor fraterno de Jesus, conforme 1Jo 4,7-5,17. Esta é a última parte de 1Jo. Depois temos somente a conclusão da carta.

É afirmado, em 1Jo 4,1-6, o primeiro mandamento, que consistia em crer em Jesus Cristo “vindo na carne”. Em 1Jo 4,7-21, é desenvolvido o segundo mandamento, o amor fraterno, e suas consequências são apresentadas em 1Jo 3,23. Ao considerar esse bloco, percebe-se uma continuidade e uma progressividade nos argumentos presentes nas perícopes anteriores, que tiveram como tema “o amor”, como em 1Jo 2,7-11, a qual tratou da prática do amor fraterno, e em 3,11-18, que abordou o agir cristão tendo como paradigma Jesus Cristo. Em 4,7-21, o autor aponta o fundamento último do amor, que é Deus Pai. A união entre fé e amor é vista na síntese em 5,1-17, a última seção de 1Jo.⁷³

O autor desenvolve nesses versículos o tema da comunhão com Deus, que é descrita como uma aceitação do amor que Deus tem por nós, e sua expressão por meio do nosso amor para com o outro. O texto pode ser estruturado tematicamente da seguinte forma: o autor introduz a temática⁷⁴ com uma exortação a nos amarmos mutuamente, pois o amor provém de Deus, e segue com o desenvolvimento dessa afirmativa aprofundando dois conteúdos, que são complementares. O primeiro conteúdo parte do ser humano, que ama e é amado por Deus,⁷⁵ e o segundo parte de Deus, que revela seu amor por meio das palavras e das ações de seu Filho,⁷⁶ que seria a manifestação divina do amor entre nós.⁷⁷

⁶⁸ 1Jo 3,11-24.

⁶⁹ 1Jo 4,7-5,12.

⁷⁰ 1Jo 2,9-11.

⁷¹ 1Jo 2,15-17.

⁷² SILVANO, 2019, p. 22.

⁷³ SILVANO, 2019, p. 115.

⁷⁴ 1Jo 4, 7a.

⁷⁵ 1Jo 4, 7b-8.

⁷⁶ 1Jo 4,9-10.

⁷⁷ SILVANO, 2019, p. 116.

A segunda parte dá continuidade à manifestação do amor, partindo daquele recebido por Deus e de nossa responsabilidade em amar o próximo. A perfeição do amor doado por Deus à humanidade⁷⁸ tem como consequência a comunhão com ele.⁷⁹ A partir dessa experiência da iniciativa de Deus de amar, todo aquele que crê na filiação divina de Jesus⁸⁰ e vive no amor⁸¹ permanece em Deus, e Deus permanece nele. Os demais versículos expõem as características do amor:

- a) a perfeição do amor em contraste com o medo;⁸²
- b) o amor mútuo que tem como origem a iniciativa de Deus;⁸³
- c) a conexão indissociável entre o amor a Deus e o amor para com o irmão;⁸⁴

A síntese final cria a união entre fé, amor a Deus e ao próximo^{85, 86}

A expressão "Deus é Amor" sintetiza a relação existente entre Deus e a humanidade e é uma das expressões mais profundas do cristianismo. Como já foi mencionado, o amor não é somente um modo com que Deus se comporta, mas faz parte do seu ser, é intrínseco a Ele. Deus é a origem do amor e quem vive em comunhão com Ele é interpelado a amar. Somente pode conhecer verdadeiramente Deus-Amor quem pratica o amor para com o próximo, pois o amor e o conhecimento de Deus estão intrinsecamente unidos. Portanto, essa afirmação não pretende tomar posse da essência de Deus, mas constatar como Ele se revela na história e como o cristão é chamado a agir.⁸⁷

Nos textos veterotestamentários, observa-se uma passagem dos enviados celestes por Deus, como anjos⁸⁸ ou mensageiros,⁸⁹ mas também o envio de seres humanos (como José e Moisés). Esse envio assegurava o agir de Deus na história humana, a fim de garantir que seria realizada a salvação do povo. Com efeito, Deus agia por meio de seus intermediários, que eram constituídos como enviados para exercer determinada missão. Por meio do enviado, Deus manifestava seus sinais ou prodígios e

⁷⁸ 1Jo 4,2.

⁷⁹ 1Jo 4,13.

⁸⁰ 1Jo 4 15.

⁸¹ 1Jo 4,16.

⁸² 1Jo 4,17-18.

⁸³ 1Jo 4,19.

⁸⁴ 1Jo 4,20.

⁸⁵ 1Jo 4,21.

⁸⁶ SILVANO, 2019, p. 118.

⁸⁷ SILVANO, 2019, p. 120.

⁸⁸ Gn 24,40.

⁸⁹ Mt 3,1.

comunicava sua mensagem, ou seja, sua vontade. Por sua vez, o enviado exercia a missão como representante e era chamado a ser obediente e fiel ao outorgante.⁹⁰

O paráclito, na 1Jo, não é Espírito Santo, mas o próprio Cristo. Ele é justo, mas ao mesmo tempo a vítima de expiação ou a oferenda sacrificial (*hilasmos*) por nossos pecados. Neste caso, Jesus assume uma dupla função: 1) penhor para o resgate; 2) defensor dos resgatados dos pecados. Esse *hilasmos* adquire um conceito sacrificial de libertação, de salvação e redenção. Jesus é o Redentor e Salvador.⁹¹

A missão do Filho, portanto, está vinculada ao ser enviado. É necessário esclarecer que o Filho não é enviado por causa do pecado da humanidade, ou para morrer pelos pecados do povo, mas para revelar o amor do Pai e realizar o plano divino.⁹² Ao entrar na história, o plano de Deus poderia ser aceito ou rejeitado. Como o plano foi rejeitado, Jesus é condenado à morte. Desse modo, a única solução foi inserir a morte violenta dentro do plano, assim o que, aparentemente, poderia ser avaliado como um fracasso, tornou-se o caminho paradoxal para sua realização.⁹³ Jesus é, portanto, a realização da manifestação da presença do Pai e de sua permanência na comunidade. Por conseguinte, o Filho se identifica com a vontade salvífica do Pai, sendo dom de seu amor.⁹⁴ Tudo isso se confirma nos versículos doze a quinze, quando são retomadas as palavras de Jesus presentes em João: "Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem".⁹⁵ E no prólogo, que diz: «Ninguém jamais viu a Deus. O Unigênito, que está na intimidade do Pai, ele deu a conhecer»^{96 97}.

1.1.1 Permanecer no amor de Jesus, o salvador do mundo

O remetente se dirige, novamente, aos interlocutores, por meio da designação "amados",⁹⁸ que é pertinente, dado que toda a temática dessa seção será sobre o amor. Após definir e apresentar a origem do amor, a

⁹⁰ SILVANO, 2019, p. 122.

⁹¹ MAZZAROLO, 2010, p. 58.

⁹² 1Jo 4,8-9.

⁹³ 1Jo 4,10.17.

⁹⁴ 1Jo 4,14.

⁹⁵ 1Jo 3,13; 6,33-35.38.

⁹⁶ Jo 1,18.

⁹⁷ SILVANO, 2019, p. 124.

⁹⁸ 1Jo 4,11.

comunidade é exortada a amar uns aos outros. No amor fraterno se expressa a vivência do amor de Deus, que se completa na comunhão dos cristãos com Deus. Então, podemos dizer que o amor proveniente de Deus atinge sua meta, sua plenitude, no amor fraterno. O amor como responsabilidade para com o outro é o sinal característico e o conteúdo fundamental da revelação cristã. É a mensagem ouvida “desde o princípio”,⁹⁹ é o principal mandamento de Deus,¹⁰⁰ “Palavra da Vida”¹⁰¹ e por excelência.¹⁰² Por conseguinte, permanecer em Deus é morar em Deus e ele em nós, de modo permanente, ou seja, Deus faz em nós sua morada; estamos unidos permanentemente em Cristo e, assim, estamos constantemente em sua presença. Esse permanecer em Deus não é uma experiência abstrata ou mero espiritualismo, mas é expresso no amor fraterno, e esta é também a forma de professar a fé em Cristo.¹⁰³ Portanto, no versículo doze novamente há a conexão entre o mandamento de crer em Jesus Cristo e de amar o próximo; e, se amarmos, seremos plenificados pelo amor de Deus (perfeição).¹⁰⁴

Aqui vale relatar o capítulo quatro, versículo doze, como uma expressão polêmica e de confronto claro contra os tais “espiritualistas” da comunidade que se gabavam conhecer a Deus e nunca acreditaram no amor serviço (caridade). João faz um convite amoroso em sua primeira carta aos membros da comunidade, unindo a comunhão¹⁰⁵ e a visão escatológica:¹⁰⁶ “Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu Amor em nós é realizado”.¹⁰⁷

O amor é um dom, não depende de nenhum mérito do ser humano, e é o próprio Deus quem toma a iniciativa de nos amar. O amor torna-se também o critério para discernir se uma pessoa é gerada ou não por Deus, e pelo qual é possível conhecer quem é verdadeiramente Deus e seu Filho. Se considerarmos aquilo que é dito das três pessoas divinas, perceberemos que o Espírito aparece como um dom do Pai¹⁰⁸ e como

⁹⁹ 1Jo 3,11.

¹⁰⁰ 1Jo 3,23.

¹⁰¹ 1Jo 1,1-4.

¹⁰² 1Jo 2,7-8.

¹⁰³ 1Jo 4.13-14.

¹⁰⁴ SILVANO, 2019, p. 126-127.

¹⁰⁵ 1Jo 1,3+.

¹⁰⁶ 1Jo 3,2.

¹⁰⁷ 1Jo 4,12.

¹⁰⁸ 1Jo 3,24; 4,13.

testemunha do Filho.¹⁰⁹ O Filho é o redentor, aquele que purifica a humanidade por meio da total doação do seu sangue;¹¹⁰ é o paráclito (defensor), justo e propiciação dos pecados de toda a humanidade.¹¹¹ Ele também é o exemplo de como caminhar para permanecer em comunhão com o Pai.¹¹² Jesus Cristo é quem nos concede o dom do mandamento novo, que se fundamenta em sua entrega total e gratuita à vontade de Deus.¹¹³ É a luz verdadeira que resplandece desde o princípio.¹¹⁴ Ele é o Messias, o Filho de Deus, a vida eterna.¹¹⁵

Importante destacar que é Deus Pai que nos revela os dois mandamentos: o amor e a fé. Ele é a origem, a fonte e a meta da humanidade, pois somente ele é amor e é fonte de amor. O amor de Deus por nós é algo fundamental, pois nos revela quem é Deus, mas também quem somos nós.¹¹⁶ Para nós, cristãos, o amor é o mandamento novo trazido por Jesus Cristo. Não somente por meio de suas palavras, mas através de sua vida totalmente doada, sendo mesmo capaz de assumi-la até as últimas consequências, que é a morte.¹¹⁷ Assim, o Deus invisível e seu infinito amor se manifestam em Jesus crucificado e ressuscitado.^{118, 119}

A Primeira Carta de João é perpassada pela caridade e pela correlação entre a fé em Cristo e o amor ao próximo. Ter fé consiste em acreditar no amor de Deus revelado em Jesus. Por conseguinte, a caridade é expressão da fé num Deus que é amor, no Filho que se entrega por amor e no Espírito que santifica por amor. Porém, não podemos dizer que nada consta com relação à esperança, pois viver o amor e a fé em Jesus Cristo é, de certa forma, antecipar a vida eterna, que consiste em viver em comunhão com Deus e com o outro, que é nosso irmão.¹²⁰

De fato, o amor se expressa no compromisso de construir comunidades fraternas, marcadas pelo cuidado mútuo, por ações solidárias, pela prática da justiça. O amor e a fé são dons concedidos por

¹⁰⁹ 1Jo 5,6.8.

¹¹⁰ 1Jo 1,7.

¹¹¹ 1Jo 2,1-2.

¹¹² 1Jo 2,6.

¹¹³ 1Jo 2,7-8.

¹¹⁴ 1Jo 2,8.13.14.

¹¹⁵ SILVANO, 2019, p. 156-157.

¹¹⁶ BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est*. Vaticano: 2005, não paginado; DCE 2.

¹¹⁷ Jo 13,1.

¹¹⁸ 1Jo 4,9.

¹¹⁹ SILVANO, 2019, p. 158.

¹²⁰ SILVANO, 2019, p. 158.

Deus, mas também supõem um empenho da comunidade em escutar a vontade de Deus e colocá-la em prática. A vivência do amor consiste em sermos sinais do seguimento do Reino de Jesus em todos os espaços, sobretudo nos espaços públicos, não somente em nossas comunidades, paróquias, igrejas. Essa vivência se expressa na humanização das relações nas experiências cotidianas, como uma característica do ser cristão, um estilo de vida, mas que sempre está em processo, sempre pode ser aprimorada. O amor também é algo que abrange todas as potencialidades do ser humano, abarca-o em sua totalidade.¹²¹

Percebe-se também que 1Jo não deseja somente permanecer num apelo à ajuda caritativa, que é válida, mas exige também uma mudança nas estruturas sociais. Assim, o mandamento do amor é um apelo constante à justiça em todos os âmbitos: social, político, cultural, religioso.¹²² Todo cristão é convocado a se identificar com Cristo, seguir seu projeto, seu caminho de humanização. Somos, assim, chamados a experimentar o mistério do Deus-Amor, por meio de um encontro vital com a pessoa de Jesus e com seu Reino. Encontro este marcado pelo mistério de se abrir à revelação do Outro, que é o próprio Deus. Além dessa dimensão pessoal, temos a dimensão comunitária, que consiste em comungar a fé na comunidade e mergulhar no mistério pascal, estabelecendo maior comunicação e comunhão com a vida trinitária, com sua Palavra, e descobrindo esse Deus-Amor nas luzes e nas sombras dos acontecimentos da vida humana.¹²³

A Encíclica *Laudato Si'* fala explicitamente de “amor civil e político”, ou seja:

O amor, cheio de pequenos gestos e cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre indivíduos, mas também “as macrorrelações

¹²¹ SILVANO, 2019, p. 158-159.

¹²² BENTO XVI. *Carta encíclica Caritas in Veritate*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 193; CV 21.56.

¹²³ SILVANO, 2019, p. 159.

como relacionamentos sociais, econômicos e políticos”.¹²⁴

Não se pode perder de vista a dimensão socioestrutural da opção pelos pobres. E, para isso, não basta a *conversão do coração*. É preciso insistir também na necessidade e urgência de *transformação das estruturas da sociedade*. Aqui, precisamente, emerge com toda força o tema da justiça: não em oposição ou como alternativa à caridade, mas como expressão social e política da caridade ou como a forma que a caridade assume numa sociedade injusta e desigual.¹²⁵

Vivemos mergulhados numa densa rede de informações; mas, muitas vezes, permeada de pouca relação e de muito isolamento. Somos, portanto, desafiados a recuperar ou estar atentos a um processo sempre maior de acolhimento, por meio da escuta e da atenção ao outro. Isso requer diálogo, perdão, comunhão, busca da unidade na diversidade e uso de meios adequados para gerenciar as convivências e os conflitos. Nasce também o desafio de desenvolver processos de comunicação autênticos, capazes de ampliar e desbravar novos horizontes. Encontrar-se com Jesus Cristo, o Filho de Deus, significa também assumir o seu projeto, pautando a própria vida pelo princípio do amor. É sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro. E ter nossa vida marcada pela solidariedade, pela compaixão, pela justiça. Assim, no ventre da solidariedade nasce um novo modo de convivência e de comunicação, um estilo de vida e uma vida interpelada pela ética. A ética, portanto, não é uma mera exigência de viver a justiça e o direito, mas é um agir permeado pela experiência de Jesus e pela fidelidade ao projeto do Pai. Exigência que nasce da experiência de solidariedade de Deus em nossa própria vida.¹²⁶

Nós também somos interpelados a nos abrir para que ele suscite criativamente mudanças em nossa vida, pois viver cristãmente é ter a certeza de que precisamos sempre caminhar em direção à luz, empenhados na busca constante de nos deixar preencher pelo entusiasmo do apelo de Deus em nossa caminhada, dos apelos da "Palavra da Vida". Por outro lado, encontrar-se com o Espírito da Verdade não é estar diante de um conhecimento adquirido ou deduzido por meio de fórmulas lógicas

¹²⁴ FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'***. Vaticano: 2015, não paginado; LS 231. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>.

¹²⁵ JUNIOR, 2019, p. 217.

¹²⁶ SILVANO, 2019, p. 160.

bem elaboradas, mas é o encontro com Jesus e com seu Reino. É também uma mudança em nosso modo de conceber, de olhar a realidade, partindo da experiência da mensagem evangélica. Isso exige, também, perseverança, reflexão crítica e a perspicácia em buscar formas de responder à necessidade de traduzir a mensagem cristã para as várias realidades culturais, sociais, políticas. Mas, acima de tudo, exige uma profunda escuta dessas realidades. Assim, o critério para discernir qual é o Espírito da verdade é contemplar a revelação de Deus-Amor na fidelidade do Filho Jesus.¹²⁷

É descobrir o Deus amante que se revela no crucificado, na fragilidade, no servo,¹²⁸ que expressa o seu poder não pela força de sua onipotência, mas pela fraqueza, pela entrega, pela cruz. Isso muda totalmente a nossa vida e nos leva a optar pela fragilidade, pela pequenez, denunciando a opressão e anunciando a esperança. Portanto, esse contato com Jesus "vindo na carne" plasma a nossa "opção fundamental pelo pobre" e nos insere como participantes conscientes na história.¹²⁹

Esse contato com Jesus Cristo nos faz sentir profundamente amados e, pouco a pouco, vamos sendo inseridos no mistério de Jesus, que se revela como Vida. Vida que se expressa no amor fraterno, no seu projeto de compaixão, misericórdia, comunhão, fraternidade universal, partilha, fidelidade profética. Porém isso só é possível se estivermos embebidos da mais profunda experiência de Jesus crucificado e ressuscitado, uma experiência que se revela na história, que alimenta nossa vida e nos concede a capacidade de configurá-la de acordo com "tudo o que vimos, ouvimos, contemplamos e apalpamos da Palavra da Vida"^{130, 131}.

1.2 CONHECER E PRATICAR O MANDAMENTO DO AMOR

Conhecer e praticar os mandamentos é uma equação simples, uma estrada de mão dupla. Não é possível fazer uma coisa só, como um trem que não anda sobre um único trilho. Nos ensinamentos de Jesus, não há

¹²⁷ SILVANO, 2019, p. 160-161.

¹²⁸ Is 53.

¹²⁹ FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres**. Vaticano, 19 de novembro de 2017, não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html> Acesso em: 20 dez. 2018.

¹³⁰ 1Jo 1,1.

¹³¹ SILVANO, 2019, p. 161-162.

como chegar a Deus pela oração unicamente: ou se reza e se pratica a vontade do Pai, ou não há como o encontrar, conforme Mt 7,21. Não é possível conhecer a Jesus sem praticar seus ensinamentos. Essa forma clássica de relacionamento entre a vontade de Deus, o conhecimento de Jesus Cristo e o amor ao próximo tira qualquer dúvida a respeito do seguimento ou não de Jesus, conforme o evangelho de João¹³².¹³³

Com essa pedagogia do Reino (“*Dou-vos um novo mandamento de amar-vos uns aos outros...como eu vos amei...*”), não ficam dúvidas sobre a pertença ou não ao seu grupo. Os esotéricos, os conservadores, os arcaicos e outros não farão parte dos eleitos, pois não se inserem nesse plano de amor, de doação e compromisso com o Novo Mandamento. A prática da Palavra aperfeiçoa o amor, pois essa não é uma realidade completa e acabada, e quem o consegue encontrar e praticar verdadeiramente estará se aproximando de Deus. A diaconia (serviço) é uma característica do discipulado.¹³⁴

Na carta aos filipenses,¹³⁵ Paulo faz uma apologia à diaconia e ao serviço aos outros, considerando sempre o outro como acima ou como maior, a fim de que esse serviço possa ser entendido como necessidade ou como apreço ao próximo.

Uma breve nota de rodapé na edição da Bíblia consultada para este trabalho enaltece as qualidades e a humildade do apóstolo Paulo após a sua conversão em Damasco. Tal fato tem enorme importância para a Igreja nascente. Lucas destaca essa conversão, narrando-a três vezes ao longo dessa sua obra.¹³⁶

Se tivesse impelido pelo desejo do lucro não teria renunciado ao afago da comodidade, ganhando a vida como bom operário. Se quisesse fama, não teria aceitado a cruz e os opróbrios a ela unidos. Se tivesse sede de poder teria ido buscá-lo onde o seu zelo entre todos como a vítima para a morte que ele próprio fizera padecer a Estevão. Se, depois de sua conversão, se tivesse portado como um fanático, deveria ser sido soberbo, tenebroso e cruel. Mas, pelo contrário, mostra-se humilde, manso, cheio de

¹³² Jo 13,34-35.

¹³³ MAZZAROLO, 2010, p. 59-60.

¹³⁴ MAZZAROLO, 2010. p. 60.

¹³⁵ Fl 2,1-5.

¹³⁶ At 9,3; 22,6-16; 26, 12-18.

caridade e compaixão com os seus irmãos (Die Apostelges chichet 192, Falten).¹³⁷

Na verdade, o amor não é uma novidade cristã. Todas as culturas, povos, línguas e raças conhecem o amor como a melhor receita para a convivência, para o respeito à socialização da vida e dos valores. Conduto, apesar desse conhecimento, a prática do amor é que caducou em favor do pecado (que é a resistência ao amor), hoje vistos como principais questões: a questão do ódio e da ganância. O pecado sepultou o amor. O amor não é teoria, porque o vosso amor não é hipocrisia.¹³⁸ Quem ama liberta, transforma, constrói o bem e a justiça. Noutras palavras: “O ódio tem afinidade com a treva e o pecado; o amor tem afinidade com a luz e o bem; amor e ódio não se casam!”¹³⁹

O amor passa pelos gestos, pelo olhar, pelo falar e pelo fazer. Quem age sem amor não constrói, pois só o amor constrói.¹⁴⁰ Não há como fazer algo diretamente a Deus, pois Jesus já havia deixado claro que ninguém vai ao Pai, senão por Ele.¹⁴¹ Só é possível ir a Deus junto com o outro e só se pode servir a Deus servindo o outro.¹⁴² Portanto, quem pratica o amor ao seu próximo é discípulo de Jesus Cristo e ama a Deus. O amor não se resume em gestos generosos, mas é fonte da generosidade. O amor é a força interior que move todo o agir do ser humano, pode ser percebido nas atitudes concretas e não pode ser confundido com gestos de simpatia e graça. Na graça do amor brotam o perdão, a justiça e a caridade.¹⁴³

João segue as orientações do Evangelho ao afirmar que o decálogo não passa de um e único Mandamento, ou seja, viver o amor ao próximo do jeito que Jesus amou e ensinou a amar, conforme 1Jo 3,23 e Jo 13,34. O eixo axial da estrutura do amor passa pela comunhão recíproca, a qual exige um amor oblato, incondicional e radical, de sacrifício ao estilo de Jesus.¹⁴⁴ Aqui se faz mister corrigir algumas posturas teológicas impróprias, tais como: *Jesus veio para morrer na cruz a fim de nos*

¹³⁷ BÍBLIA Sagrada. Nova edição papal realizada pelos Missionários Capuchinhos. Importador e Distribuidor Stampley. São Paulo: Publicações Ltda, 1971.

¹³⁸ Rm 12,9.

¹³⁹ MAZZAROLO, 2010, p. 61.

¹⁴⁰ 1Cor 8,1.

¹⁴¹ Jo 14,6.

¹⁴² Mc 10,45.

¹⁴³ MAZZAROLO, 2010, p. 62.

¹⁴⁴ Fl 2,5-8.

salvar! Jesus deu sua vida na cruz por amor! Na cruz Jesus nos resgatou do pecado e da morte! Tais sentenças são inadequadas para um cristão, pois Jesus não veio para morrer na cruz. A morte na cruz foi o resultado dos filhos de Caim (como exemplificação do mal para João), que guardavam o Templo, mas não o projeto de redenção do Pai.¹⁴⁵ Jesus veio para nos ensinar o caminho para o Pai através da solidariedade e do amor: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.¹⁴⁶

É também imperativo distinguir a cruz da crucificação. Jesus carregou a cruz na diaconia de cada dia, na resistência diante das oposições dos fariseus e sumos sacerdotes. Seu lema não era morrer, mas servir: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos”.¹⁴⁷ Esse deve ser o conceito e a compreensão da cruz para o cristão. É nesse horizonte que Jesus define também a vocação do discípulo: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e siga-me”.¹⁴⁸ Se Jesus não tivesse morrido crucificado, do mesmo modo, a cruz de cada dia, do sofrimento e da perseguição ele teria carregado. Essa é a dificuldade maior do cristão. Muitas vezes, a morte é uma saída mais fácil do que o testemunho. Paulo afirma que morrer seria mais vantajoso e a morte seria o fim dos seus sofrimentos, mas, se escolhesse essa saída, estaria fugindo da missão.^{149, 150}

Atualmente, de modo geral, a morte é algo sobre o qual as pessoas não falam e com o qual não se preocupam; vivem como se fossem imortais, mas são espiritualmente vazias. São tempos de um pensar subjetivo, encharcados por um hedonismo superestimado (doutrina moral e filosófica que prega a ideia do prazer extremado); são também tempos de pessimismo, permeados pela falta de humildade, que jamais trará esperança. E quando vier a escuridão (sofrimentos de todo tipo) como reagirão? Deve-se dar o devido valor ao corpo, em nossas vidas como cristãos, afinal o corpo é o templo do Espírito Santo, conforme 1Co 6,19. Mas não se pode esquecer de que a integridade do ser humano é constituída não só do corpo, mas de valores espirituais irrenunciáveis para uma plena realização. Há uma liberdade verdadeira de se viver mais feliz, renunciar a si mesmo e os valores mundanos, seguindo os rastros

¹⁴⁵ MAZZAROLO, 2010, p. 77-78.

¹⁴⁶ Jo 14,6.

¹⁴⁷ Mc 10,45.

¹⁴⁸ Lc 9,23; Mc 8,34; Mt 10,38.

¹⁴⁹ Fl 1,21-23.

¹⁵⁰ MAZZAROLO, 2010, p. 78-79.

amorosos de Jesus. O que preenche verdadeiramente e por completo o nosso ser é Ele, que afirma:

Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim. E aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim. Aquele que não toma sua cruz e não me segue não é digno de mim. Aquele que acha a sua vida, a perderá, mas quem perde sua vida por causa de mim, a achará.¹⁵¹

1.2.1 Amar é colocar em prática os mandamentos

Nascer de Deus é dimensionar a própria vida conforme os seus mandamentos e projetos. Jesus exige de Nicodemos, um chefe de sabedoria rabínica, um novo nascimento, não da carne, mas do Espírito.¹⁵² O amor tem duas direções: a confissão de Jesus Cristo como Filho de Deus e a prática do amor ao próximo. A tese é clara: quem nasceu de Deus ama tudo o que é nascido deste Ser. Na verdade, seria como reconhecer-se parente, pertencente e da mesma natureza. Assim não haveria como odiar o irmão, dado que ele nasceu do mesmo ventre. O Pai é o mesmo, e todos são filhos seus. E, no ato de amar os filhos Dele, acontecem o respeito e o cumprimento dos mandamentos. A conexão dos dois polos é inseparável. O amor a Deus e aos seus filhos está intrinsecamente conectado e a sua dissociação rompe ambos os lados.¹⁵³

Por isso, novamente, quem afirma que ama a Deus, mas não ama seu irmão, do jeito como o irmão é, não ama a Deus; pois, se não amamos o que vemos, será impossível amar quem não vemos. Se alguém pretende afirmar que ama a Deus, deveria estar consciente das exigências sociológicas, éticas, políticas e econômicas que essa assertiva impõe. Não há amor a Deus sem justiça social, sem luta concreta pela dignidade do outro, sem libertação total e completa de todas as prisões.¹⁵⁴ Neste texto bíblico, Isaías 61 relata desde aquela época a espera do novo Messias, que traria a verdadeira Justiça, a justiça de Deus. Em Lucas, Jesus é novo Messias, pois, na sinagoga, em leitura, declara que nele esta profecia de Isaías tinha se cumprido:

¹⁵¹ Mt 10,37-39.

¹⁵² Jo 3,1-21.

¹⁵³ MAZZAROLO, 2010, p. 91.

¹⁵⁴ Lc 4,18; Is 61,1-2.

O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a Iahweh e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados.¹⁵⁵

A melhor experiência do amor passa pela diaconia aos mais fracos, aos mais humildes e aos desvalidos, no grande paradigma bíblico do pobre e da viúva^{156, 157}.

A maior dificuldade para a prática dos mandamentos é a incapacidade de renunciar ao próprio egoísmo que se manifesta, muitas vezes às questões voltadas aos interesses pessoais e também familiares¹⁵⁸. Quem não se descola de seu passado e ama somente a si próprio não consegue assumir o amor de modo autêntico. A ênfase do amor de Deus é depositada na expressão de vencedor deste mundo. É vencedor do mundo (entendido como sistema de ódio e injustiça dos mais fortes) aquele que, em Jesus Cristo, Filho de Deus, pratica os seus mandamentos amorosos, já que eles não são pesados.

Agir deste modo é testemunhar a fé na messianidade de Jesus e anunciar a sua morte e ressurreição. Foi a partir do fato da sua ressurreição que Jesus é acolhido como o Cristo pelas comunidades. Essa tese de João é fundamental no combate às heresias gnósticas e docetistas. De um lado, estava a negação da pré-existência de Jesus como *Logos* eterno.¹⁵⁹ Era preciso estabelecer alguns limites para as dúvidas e colocar alguns alicerces claros para a fé. O ponto de partida era mostrar Jesus como Unigênito,¹⁶⁰ estava com o Pai e é o único que O viu; portanto, só ele tem toda a autoridade de falar de Deus.¹⁶¹

Essa proposição é também afirmada de modo peremptório no livro do Apocalipse em 4-5, que fala do Cordeiro e da sua capacidade de abrir o livro selado. Só o Cordeiro apresenta essa sumidade e esse poder de revelar ao mundo os desígnios do Pai. Nos pontos sequenciais, João vai

¹⁵⁵ Is 61,1-2.

¹⁵⁶ Is 1,15-17.

¹⁵⁷ MAZZAROLO, 2010, p. 89.

¹⁵⁸ Mc 8,34.

¹⁵⁹ Jo 1,14.18.

¹⁶⁰ Jo 1,14.18; 3,16.18; Hb 11,17.

¹⁶¹ MAZZAROLO, 2010, p. 91-92.

mostrando que o cristão tem suas esperanças em Deus e sua missão está voltada para este, de tal modo que, estando *no mundo*, não é *mundano*. Amar a vida, o universo, as criaturas todas, que não são do mundo, mas estão no mundo. Tudo o que veio de Deus é amado por quem crê. O mundo é o lugar de amar, servir e viver os mandamentos, pois é no tempo que se dá o perdão e a misericórdia. É neste mundo e dentro do tempo que há possibilidade de nascer do alto, nascer para Deus.¹⁶² Nisto está a *fórmula do reconhecimento* daquele que ama: ama seus irmãos, porque nasceu de Deus, como Jesus é nascido de Deus.¹⁶³

O Novo Mandamento do amor integra todas as pessoas que se dispõem a amar os outros, desde a sua família de origem biológica até a comunidade social, onde pessoas de origens diversas, idiomas diferentes e culturas distintas se integram numa mesma perspectiva, numa única linguagem, que é a do Espírito Santo.¹⁶⁴ O Novo Mandamento abarca todas as criaturas, de todas as raças e todas as proveniências. Schnackenburg acredita que o conceito de *entolê* (Mandamento), em 1Jo, encontra seu fundamento no valor do *mishpat* (Mandamento) hebraico.¹⁶⁵ É importante observar que nesse Mandamento o caráter legal fica oculto, praticamente omissos, mas o aspecto de adesão por amor está acima de qualquer outro conceito.¹⁶⁶

Schnackenburg, analisando o contexto amplo da primeira parte de 1Jo (1,5-2,28), afirma que a opção pelo amor fraterno implica diretamente uma outra: a rejeição ao mal. É passar da treva do mal para a luz verdadeira, que é o próprio Cristo.¹⁶⁷

¹⁶² Jo 3,1-21.

¹⁶³ MAZZAROLO, 2010, p. 92.

¹⁶⁴ At 2,42-46.

¹⁶⁵ R. Schnackenburg, em *Las Cartas de Juan*, comentando a possível compreensão e abrangência do conceito de *Entolê*, afirma que este tem o sentido de *mandamento* e não de *conselho*. Conduto, o autor não aborda as questões que são essenciais para dar o novo conceito de mandamento: a liberdade de adesão, a consciência da renúncia e a responsabilidade perante as consequências. Tais critérios são menos explícitos no “*mishpat*” judaico, em que sobram a força da autoridade e as sanções do legislador. (SCHNACKENBURG, R. **Las Cartas de Juan**. Barcelona: Herder, 1980, p. 146-148.)

¹⁶⁶ MAZZAROLO, 2010, p. 107-108.

¹⁶⁷ Para o autor, a Luz, no conceito joanino (Jo 1,5; 1Jo 2,8), deve ser aplicada a Jesus e não ao Pai. Jesus é a Luz do Pai que brilha no mundo, foi conhecida pelos homens, e irradia a luz verdadeira que vem do alto. A revelação se dá em Jesus Cristo e se prolonga na Igreja no anúncio do Evangelho e na história da pregação desse amor que irradia a “Luz Verdadeira”. (MAZZAROLO, 2010, p. 108).

Finalizando, o Novo Mandamento se torna uma exigência de amar e, ao mesmo tempo rejeitar. Acreditar no amor é viver na dimensão de uma nova realidade construtiva, dinâmica, capaz de restabelecer a Luz entre os irmãos. A dinâmica do amor não admite a convivência com a iniquidade, o pecado ou a mentira, e, por isso, o escritor João insiste para todas as idades, isto é, crianças, jovens e pais,¹⁶⁸ visto que não há um tempo para amar e outro para fazer o contrário. O Cristo joanino se revela intransigente com os incrédulos e com os que preferem ficar nas trevas em lugar de passar para o mundo da luz. O amor na nova família é diferente do amor mundano.¹⁶⁹ Naquele, os pais têm a responsabilidade primeira, pois a sua doação aos filhos, quando pequenos, precisa ser a mesma quando estes já tiverem crescido e se tornado jovens. Os pais (mãe e pai) estão no centro, no coração do lar como arquétipos do verdadeiro amor para os jovens.¹⁷⁰

1.3 O AMOR DE JESUS

Trata-se de um dos principais temas da primeira carta de São João. Uma breve referência estatística o torna evidente: a 1Jo utiliza o verbo amar (*agapan*) em vinte e oito ocasiões (duas vezes na 2Jo). O evangelho, por sua vez, o utiliza em dezoito ocasiões, a maioria nos capítulos 13-21. Se levarmos em consideração a diferença de extensão, a cifra não deixa de ser significativa. Em contrapartida, no evangelho de João, o substantivo *ágape* (amor) somente aparece em seis textos. No conjunto, portanto, estamos diante de um dos temas centrais da primeira carta de João. Para muitos autores é o fio condutor fundamental da carta. O que diz fundamentalmente a primeira carta de João sobre o tema do amor? Resumiremos o seu ensinamento aos aspectos mais característicos.¹⁷¹

Em primeiro lugar, o amor é um dos temas tradicionais da comunidade, é objeto do anúncio que foi transmitido desde sempre: “esta é a mensagem que ouviste desde o início, que nos amemos uns aos outros”,¹⁷² O autor apela à tradição: o que foi ouvido “desde o início” é o “anúncio” (*angelia*) com que a comunidade começou, o anúncio que

¹⁶⁸ 1Jo 2,12-17

¹⁶⁹ SCHNACKENBURG, 1980, p. 158.

¹⁷⁰ MAZZAROLO, 2010, p. 108.

¹⁷¹ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 167.

¹⁷² 1Jo 3,11.

forma o cerne da tradição que contém na primeira carta de João (1,5: “e esta é a *mensagem* que ouvimos dele e vo-la anunciamos”).¹⁷³

Além disso, o amor é objeto de um preceito, de um mandamento (*entole*): “este é o mandamento: crer no nome do seu Filho Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros como ele nos deu o mandamento”.¹⁷⁴ Esse preceito é qualificado como novo, no sentido de algo original, não gasto. Mas na medida em que é “desde o início”, trata-se também de um mandamento já antigo: “não vos escrevo sobre um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que recebestes desde o início”¹⁷⁵.¹⁷⁶

Em terceiro lugar, a realidade mais profunda do amor foi conhecida através de Jesus: “nisto conhecemos o amor: *ele* deu a sua vida por nós. E também nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos”.¹⁷⁷ Mas a implicação deste dar a vida não é deixada à improvisação ou à inspiração de cada um: “se alguém possuindo os bens deste mundo, e vê o seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade”¹⁷⁸.¹⁷⁹

A esmola corporal se realiza nas circunstâncias em que as necessidades do próximo dizem respeito ao seu corpo. Cada miséria corporal tem a sua esmola, ou obra de misericórdia, relativa: dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; recolher os peregrinos; visitar os enfermos; redimir os cativos; sepultar aos mortos.¹⁸⁰ Dentre as indicações de esmola corporal na Sagrada Escritura, destaca-se o discurso de Jesus sobre o último julgamento, no qual todos seremos julgados pela quantidade de amor que entregamos ao mundo:

Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me

¹⁷³ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 168

¹⁷⁴ 1Jo 3,23.

¹⁷⁵ 1Jo 2,7.

¹⁷⁶ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 168.

¹⁷⁷ 1Jo 3,16.

¹⁷⁸ 1Jo 3,17-18.

¹⁷⁹ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 168.

¹⁸⁰ MARTINS, Eduardo da Silva. “**Vai e faze o mesmo**”: A parábola do Bom Samaritano à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino. 122 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2022, p. 23.

acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me. [...]. Em verdade vos digo: Cada vez que fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.¹⁸¹

Por outro lado, o tema do amor é, no sentido indicado até este momento, um meio de conhecer a Deus: “caríssimos, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus”.¹⁸² Portanto, para conhecer a Deus, é preciso amar os irmãos: aquele que diz que o conhece (a Deus) mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso”.¹⁸³ Finalmente, a primeira carta de João nos fala da origem última do amor: “Deus é amor”,¹⁸⁴ “nós temos conhecido o amor de Deus por nós, e nele acreditamos”.^{185 186}

O tema do mandamento do amor voltou, porque o núcleo final da 1Jo é justamente a centralidade de Jesus, em que o foco é a realidade humana de Jesus confessado frente a um grupo que, ao sublinhar a divindade de Jesus, esquecia-se de sua realidade humana. O tema do mandamento do amor é mencionado explicitamente: “nisto conhecemos o amor, *ele* deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a vida pelos irmãos”.¹⁸⁷

Existe aqui um aspecto da cristologia que se une diretamente ao evangelho de João, e que é preciso mencionar a seguir. Para quem não leu com atenção o evangelho de João, talvez lhe seja surpreendente saber que Jesus recebeu um mandamento do Pai: “ninguém me tira (a vida), mas eu a dou livremente [...] este é o mandamento que recebi do Pai”.¹⁸⁸ Poderia parecer que se trata de um texto excepcional. Mas existem outros textos suficientemente eloquentes: “porque não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, me prescreveu o que dizer e o que falar. E sei que seu mandamento é a vida eterna”.¹⁸⁹ E em sua despedida Jesus dirá:

¹⁸¹ Mt 25,34-36.40. Outras citações sobre as mesmas esmolas corporais podem ser encontradas em: Pr 25,21; Lc 3,11;9,13; Is 42,6-7;58,7; Ez 18,7; Tb 2,2-3; Mt 10,42; Tg 2,14-16; Hb 13,2; Tg 5,14; Mc 6,13; At 24,23.

¹⁸² 1Jo 4,7.

¹⁸³ 1Jo 2,4.

¹⁸⁴ 1Jo 4,7.

¹⁸⁵ 1Jo 4,16a.

¹⁸⁶ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 168.

¹⁸⁷ 1Jo 3,16.

¹⁸⁸ Jo 10,18.

¹⁸⁹ Jo 12,49-50.

“mas o mundo saberá que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos. Partamos daqui”¹⁹⁰ ¹⁹¹.

O mandamento se estende tanto ao que Jesus faz (a sua atuação) quanto às suas palavras (“o que deve dizer e falar”) e também à entrega da vida. Numa palavra, o tema do mandamento cobre toda a atividade de Jesus. Expressa o mesmo que o tema do fazer a vontade do Pai.¹⁹² Pois bem, esta vontade de Deus sobre a vida de Jesus, o mandamento, está diretamente relacionada com o tema do amor. Com efeito, Jesus diz: “se observardes os meus mandamentos permaneceréis no meu amor, como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor”¹⁹³.¹⁹⁴

Aprendemos, através destes textos, que o amor de Jesus não é original: “assim como o Pai me amou, eu também vos amei. Permaneci em meu amor”.¹⁹⁵ A origem do amor de Jesus aos seus¹⁹⁶ é o amor do Pai. E aqui o amor do Pai quer significar a sua entrega incondicional: “o Pai ama o filho e tudo entregou em suas mãos”,¹⁹⁷ “para que contemplem a minha glória, que me deste porque amaste antes da criação”.¹⁹⁸ A relação entre Jesus e o Pai é uma relação fundamentalmente amorosa porque o Pai entregou tudo ao filho: a vida, o poder de julgar, o poder de dar a vida, o poder de ressuscitar.¹⁹⁹ Resumindo, podemos afirmar que o amor de Jesus é de até dar a vida, porque, por sua vez, Jesus a recebeu do Pai. Jesus a recebe e, depois pode doá-la; pode entregar a vida. Nesse sentido, o amor de Jesus aos seus até a morte, até entregar a vida, coincide com o mandamento que Jesus recebeu do Pai.²⁰⁰

1.3.1 Acolher o mandamento do amor de Jesus

¹⁹⁰ Jo 14,31.

¹⁹¹ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 170.

¹⁹² Jo 4,34; Jo 5,30; Jo 6,38.40; Jo 8,29.

¹⁹³ Jo 15,10.

¹⁹⁴ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 170.

¹⁹⁵ Jo 15,9.

¹⁹⁶ Jo 13,1.

¹⁹⁷ Jo 3,35.

¹⁹⁸ Jo 17,24.

¹⁹⁹ Jo 5,26.27; Jo 6,40.57; etc.

²⁰⁰ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 170.

A primeira carta de João apóstolo afirma basicamente que todo fiel que crê que Jesus é o Cristo, o nascido de Deus, e todo aquele que ama a quem o gerou também ama ao que dele é nascido. Nesse ato de fé se percebe que amamos os filhos de Deus quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos amorosos de convivência fraterna. Esse ato de fé é descrito nesta carta com palavras inspiradas em 1Jo 3, 23,24:

Este é o seu mandamento: crer no nome de seu Filho Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros conforme o mandamento que ele nos deu. Aquele que guarda seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e nisto reconhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.²⁰¹

À luz desta sucinta apresentação sobre o tema do amor de Jesus torna-se mais fácil entender o sentido do preceito que Jesus dá: “dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros como eu vos tenho amado. Amai-vos também uns aos outros”.²⁰² O amor da pessoa que crê não é original: vem de Jesus. Mas para que o amor alcance o seu objetivo (isto é, os irmãos), o crente há de acolher primeiro o amor que Jesus lhe oferece. Este primeiro passo é fundamental: se não se acolhe o amor de Jesus não se pode amar os irmãos com o mesmo amor que Jesus nos ama.²⁰³ O mandamento, portanto, tem uma primeira parte: acolher. É preciso acolher para poder dar. Aqui está a força do “como” em Jesus. Não é um simples exemplo,²⁰⁴ vai muito mais além. O amor de Jesus deve ser acolhido, e então, gera dom, gera amor, dá vida. É, portanto, a aceitação da doação de Jesus (do amor de Jesus) o que capacita o crente para a doar-se a’los demais: “nisto conhecemos o amor: ele deu a sua vida por nós. E nós, também devemos dar a nossa vida pelos irmãos”.²⁰⁵

Daqui podemos deduzir, pelo menos, três consequências. A primeira pode ser entendida melhor agora porque a 1Jo fala de Deus como “amor”.²⁰⁶ O pai é a origem do amor de Jesus, e o amor ao irmão tem justamente a sua fonte no amor que Jesus tem pelas pessoas. É como uma corrente: o Pai ama o Filho e lhe deu tudo;²⁰⁷ o Filho ama a humanidade

²⁰¹ 1Jo 3,23-24.

²⁰² Jo 13,34; cf. 15,13; 1Jo 3,23; 2Jo 5.

²⁰³ 1Jo 3,16.

²⁰⁴ Jo 13,15.

²⁰⁵ 1Jo 3,16.

²⁰⁶ 1Jo 4,7.16.

²⁰⁷ Jo 3,35.

e lhes deu tudo o que é (a vida). O último elo é que, se o crente acolheu o dom de Jesus (a vida de Jesus), então pode dar a sua própria vida como dom recebido. Convém lembrar que “amar” quer dizer (nos escritos joaninos, mas também no Novo Testamento em geral) “dar”, conforme Jo 3,35;17,24, e também em Jo 15,13 e 1Jo 3,16. A expressão “amor de Deus” refere-se fundamentalmente ao amor com que Deus ama o ser humano. Somente indiretamente se pode falar do amor com que as pessoas amam a Deus^{208 209}.

Uma segunda consequência é que o mandamento do amor é, também e principalmente, um preceito relacionado a fé. Com efeito, a acolhida do amor de Deus o qual se oferece em Jesus é a formulação da fé: crer é acolher a vida de Jesus que ele dá livremente aos homens. Nesse contexto, entende-se melhor por que a 1ª carta de João formula o mandamento do amor em termos de crer e amar.²¹⁰ E, também, que o afirme de uma forma explícita: “e nós conhecemos o amor de Deus e nele acreditamos”.²¹¹ Crer no amor de Deus é acolher Jesus, que é a manifestação deste amor. Por isso, o que o evangelho de João atribui à fé (Jo 5,24: “quem crê [...] passou da morte à vida”), a primeira carta de João pode atribuir ao amor: “nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos”^{212 213}.

Sabemos que passamos da morte para a vida, isto é, da morte do pecado à vida da graça; sabemos disso por uma certeza moral quando experimentamos em nosso coração o amor ao próximo. Aquele que não ama a Deus e ao próximo permanece na morte. Aquele que odeia seu irmão com ódio mortal, ou em grau considerável, é um assassino.²¹⁴ Esse texto joanino²¹⁵ deve ser lido e relido em sua totalidade para assim meditarmos diariamente e jamais perdermos a convicção de que o amor ao próximo é porta de entrada para a eternidade, ou seja, sabermos que

²⁰⁸ 1Jo 4,20.

²⁰⁹ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 171.

²¹⁰ 1Jo 3,23.

²¹¹ 1Jo 4,16a.

²¹² 1Jo 3,14.

²¹³ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 172.

²¹⁴ HAYDOCK, George. **Comentário católico**: 1 João 3:14,15. [s.n.] [s.l.], não paginado. Disponível em: <<https://www.bibliaplus.org/pt/commentaries/104/comentario-biblico-catolico-de-george-haydock/1-joao/3/14,15>>. Acesso em: 04 abr. 2023.

²¹⁵ 1Jo 3,14.

passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama permanece na morte.²¹⁶

Por fim, a terceira consequência é que a vida cristã é concebida claramente como um viver a vida de Jesus, quer dizer, viver dando a própria vida, que foi acolhida como dom. Não se pode crer sem amar o irmão, dando a própria vida. Voltamos a encontrar o núcleo da argumentação da primeira carta de João contra os separatistas: não é possível crer sem viver como Jesus. Por isso, essa carta sublinha que é preciso fazer tudo como Jesus: comportar-se como Jesus;²¹⁷ atuar como Ele nos ensinou;²¹⁸ amar como Ele nos amou;²¹⁹ ser puro como Ele;²²⁰ ser justo como Ele.²²¹ Numa palavra, é preciso viver no mundo como ele viveu. Não se trata somente de imitar Jesus. É preciso viver do mesmo modo como Ele viveu, porque, definitivamente, vivemos a vida que Ele nos deu.²²²

Recordemos, para concluir, que o evangelho de João já tinha anunciado: “nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”.²²³ A 1ª carta de João contém a formulação “nisto conheceremos” em dez textos.²²⁴ A maioria desses textos faz referência ao tema do amor ou ao mandamento do amor.²²⁵ A vida cristã é conhecida como uma vida vivida da mesma forma como Jesus viveu, com o fundamento do amor de Jesus. Esse é o sentido mais profundo da fórmula “como (*kathos*) Jesus”.²²⁶

1.4 AMAR A DEUS E/OU AO PRÓXIMO

A questão do amor na teologia tem sido uma constante ao longo dos seus dois mil anos de história. Muitos teólogos deram importância à teologia do amor: dentre os santos padres e doutores da Igreja que

²¹⁶ 1Jo 3,14.

²¹⁷ 1Jo 2,6.

²¹⁸ 1Jo 2,27.

²¹⁹ 1Jo 3,23; 3,16.

²²⁰ 1Jo 3,3.

²²¹ 1Jo 3,7.

²²² TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 172.

²²³ Jo 13,35.

²²⁴ Jo 2,3,5; 3,10.16.19.24; 4,2.6.13; 5,2.

²²⁵ Jo 2,3,5; 3,10.16.19.24; 5,2.

²²⁶ TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 172.

abordaram este tema, podemos citar Agostinho de Hipona, João Crisóstomo e Santo Tomás de Aquino.²²⁷

No magistério da Igreja recente e atual, a teologia do amor se faz presente nos documentos pontifícios. Dentre estes, aborda-se neste trabalho: *Deus caritas est*, do Papa Bento XVI, e *Fratelli tutti*, do Papa Francisco. Ambos os textos são categorizados como encíclicas sociais. Através delas, os papas apresentam a sua compreensão acerca do amor e propõem modos práticos para que os fiéis vivam o amor a Deus e ao próximo no tempo presente, nas condições sociais, políticas, culturais e econômicas em que estão inseridos.²²⁸

A teologia do amor tem como seu objeto o amor enquanto atributo de Deus, lei divina de amor a Deus e ao próximo, virtude teologal da caridade e capacidade humana de amar. As suas contribuições servem às áreas da teologia sistemática, pastoral e espiritual. Mais recentemente, o Papa Francisco tem expandido o horizonte da teologia do amor para oferecer contribuições à teologia política e à política mundial. Por isso, abordar tal tema na perspectiva da Sagrada Escritura, de teólogos e do magistério é relevante e pode contribuir com o estudo teológico.²²⁹

Já na tradição joanina, quando se fala “mandamento” refere-se somente ao amor ao irmão, não o amor a Deus. A primeira carta de João diz que *não se pode* amar a Deus sem amar ao irmão. Mas não diz que se *deve* amar a Deus. Isso parece pressuposto. Nem no evangelho, nem na carta de João formula-se o amor a Deus como mandamento; ele se dá por suposto. A ausência de um mandamento do amor a Deus cabe completamente dentro da lógica de João, ou melhor, dentro da sua concepção da dinâmica do amor cristão. O “novo mandamento”,²³⁰ que de fato é antigo,²³¹ ensina a amar os irmãos (da comunidade) “como e porque” Jesus amou aqueles a quem ele se dirige; a marca de discipulado é o amor fraterno na comunidade.²³² Em Jo 15,9, o autor cita o amor do Pai como fundamento e modelo do amor que ele dedica aos discípulos, e estes, por sua vez, “habitando (permanecendo) no seu amor”²³³ devem

²²⁷ MARTINS, 2022, p. 17.

²²⁸ MARTINS, 2022, p. 17.

²²⁹ MARTINS, 2022, p. 17.

²³⁰ Jo 13,34.

²³¹ 1Jo 2,7.

²³² Jo 13,35.

²³³ Jo 15, 9-11.

amar-se mutuamente “como e porque” Jesus os amou, dando sua vida por eles.²³⁴

A “meditação” que é a primeira carta de João exprime a mesma corrente em palavras diferentes: Deus é amor, e isso se mostra no fato de ele ter enviado seu Filho, que deu a sua vida por nós, pelo que nós devemos nos amar mutuamente, conforme 1Jo 4,8-11; 3,16. O amor sai de Deus não para lhe ser devolvido; se lhe fosse devolvido, não seria o amor característico do Pai de Jesus Cristo, mas apenas um mútuo proveito como se oferecem também os gentios.²³⁵ O amor que sai de Deus não pode voltar a ele sem produzir aquilo para que foi enviado.²³⁶ O fruto que ele deve produzir é o amor fraterno: esse é o “mandamento” de Jesus na hora da despedida^{237 238}.

João não nega o amor a Deus, mas o que ocupa seu pensamento é outra coisa: o amor que sai de Deus e se manifesta para nós no dom da vida de Jesus, entendido como testemunho do amor do Pai a nós, pois o próprio Pai nos ama.²³⁹ A intenção com que Deus manifesta esse amor não é fazer com que nós o amemos de volta, mas que façamos frutificar seu amor por nós no amor fraterno, que é o fruto do amor que Deus nos testemunha. A *gratuidade* é fundamental no amor de Deus por nós e, portanto, também no amor que dedicamos uns aos outros, que tem por *fundamento e modelo* o amor de Deus para com Cristo e de Cristo para conosco (“*como o Pai me amou [...] como eu vos amei*”)^{240 241}.

Nesse ponto podemos abordar uma pergunta que, implícita ou explicitamente, permeia o cristianismo moderno ocidental: será preciso amar a Deus para amar ao próximo? Tal pergunta do humanismo secularizante, que desde o séc. XVIII influencia os círculos que se consideram “esclarecidos”, existe também, embora talvez muda (sem palavras), em muitos cristãos atuantes no setor político, social, cultural. Ela se manifesta no abandono ou na extrema redução da prática religiosa enquanto dirigida a Deus: a oração, o culto etc. Parece um cristianismo reduzido à prática do amor fraterno e da solidariedade, baseada ou não

²³⁴ KONINGS, Johan. **Amar a Deus e/ou ao Próximo**. Estudos Bíblicos 51. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 48.

²³⁵ Mt 5,46; Lc 6,32.

²³⁶ Is 55,10-11.

²³⁷ Jo 15,17-18.

²³⁸ KONINGS, 1996, p. 48.

²³⁹ Jo 14,23; 16,27.

²⁴⁰ Jo 15,9-17.

²⁴¹ KONINGS, 1996, p. 48.

numa análise crítica da sociedade. Tal solidariedade não é de pouca importância. Tiago diz que essa é a verdadeira religião,²⁴² realçando a prática da caridade fraterna, como o faz também 1Jo 3,18.²⁴³

Em resposta à pergunta levantada, poderíamos fazer um raciocínio kantiano, mostrando que para amar o próximo como sujeito, por si mesmo, e não como objeto de nossa autoafirmação, é preciso respeitar uma referência transcendente, a qual podemos chamar de Deus; quem não se confronta continuamente com uma exigência superior vai amar o outro em função de seus próprios interesses. Mas a meditação dos escritos joaninos nos ensina uma compreensão mais profunda. Se Deus não é objeto de um mandamento do amor, não é porque o amor a *ele* não teria sentido, mas porque o amor *dele* para conosco é comunicativo. É na comunicação de seu amor, por meio de nós, que ele é amado de modo como convém.

Existe, com relação ao amor a Deus, algo semelhante à dinâmica da manifestação de Deus: ninguém jamais viu Deus, ninguém jamais amou Deus (diretamente). Mas seu Filho no-lo deu a conhecer, e nos deu o amor que vem dele. Assim, unidos a seu Filho, observando o mandamento do amor fraterno que nos caracteriza como seus discípulos, estamos em comunhão de amor com o Pai, assim como escutando e contemplando Jesus conhecemos e vemos o Pai.^{244 245}

A frase “quem vê a mim vê o Pai” significa que Jesus é a revelação final de Deus. Esta frase foi dita pelo próprio Jesus quando um de seus discípulos, Felipe, lhe pediu que mostrasse o Pai:²⁴⁶

Felipe lhe diz: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!” Diz-lhe Jesus: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Felipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai’? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras”.²⁴⁷

²⁴² Tg 1,27.

²⁴³ KONINGS, 1996, p. 48.

²⁴⁴ Jo 14,9.

²⁴⁵ KONINGS, 1996, p. 49.

²⁴⁶ Jo 14, 8-10.

²⁴⁷ Jo 14, 8-10.

A questão, portanto, não é escolher entre o amor a Deus e o amor ao próximo, como sugere o pensamento que opõe a dedicação a Deus à dedicação às pessoas humanas, ou como de fato acontece num ativismo voltado só para a realização prática da solidariedade. Nossa visão deve ser inclusiva. Só podemos amar no sentido de “aderir” àquele que é referência última, invisível, transcendente de nossa existência e de nossa história, se dedicarmos a nossa vida a seus filhos e filhas, a quem ele dedicou seu amor encarnado em Jesus de Nazaré, e guardar em nossos corações a frase amorosa joanina: “Quem ama aquele que gerou, ama também aqueles que por ele foram gerados”.²⁴⁸ Ou, em outras palavras: “quem ama a Deus ama também os filhos de Deus”.²⁴⁹

Poderíamos escrever muito mais, como diz Jo 21,25, sobre o mandamento do amor, como também sobre o sentido dos termos “próximo” ou “irmão”, sobre a conveniência do culto explícito a Deus etc. Mas aqui só queremos realçar a dinâmica “fontal” de Deus, que, na ótica joanina, não exige ser amado, mas se alegra quando seu amor é comunicado, como o dono da vinha se alegra com a colheita.²⁵⁰ Esta compreensão joanina explica a preponderância do *mandamento* do amor fraterno no Novo Testamento em comparação com o *mandamento* do amor a Deus. “Nisto está o amor: não que nós temos amado a Deus, mas que ele nos amou primeiro enviando seu Filho dileto [...]. Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros”.²⁵¹ Oxalá nosso amor fraterno tenha essa gratuidade com que nos amou aquele que é Amor e Fonte do nosso amor.²⁵²

1.4.1 Deus se manifesta no amor de Cristo e no próximo

Aqui será percorrido a expressão *Deus é amor*.²⁵³ Em 1Jo 4,7-8, temos: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo o que ama nasceu de Deus e conhece Deus. O que não ama (seu irmão) não conhece Deus, pois Deus é amor”. Nestas frases, conhecer significa ter experiência daquilo que Deus é, significa e deseja. “Deus é amor” pode ser traduzido também como “Deus é amar”. Ou seja, o que se coaduna com Deus é: amar no sentido do amor fraterno de que fala a

²⁴⁸ 1Jo 5,1.

²⁴⁹ KONINGS, 1996, p. 49.

²⁵⁰ Jo 15,8.

²⁵¹ 1Jo 4,10-11.

²⁵² KONINGS, 1996, p. 49.

²⁵³ 1Jo 4,7-21.

carta desde o início. Podemos até dizer mais: o ser mesmo de Deus, o que ele faz em tudo que faz, é amar. Foi o que Jesus mostrou por seu amor e fidelidade até a morte.²⁵⁴ Por isso, quem ama, prova ser de Deus e pertence a sua raça. E esse amor consiste em ações, a exemplo da vida de Jesus, mais do que em palavras ou sentimentos^{255, 256}

A *Fratelli Tutti* do Papa Francisco se abre com a evocação de uma fraternidade aberta, que permite que cada pessoa seja reconhecida, valorizada e amada para além da proximidade física, para além do lugar do universo onde nasceu ou onde vive. E mais, a fidelidade ao Senhor é sempre proporcional ao amor pelos irmãos. E o papa mostra nesta encíclica o amor universal de São Francisco:

Escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si». Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita.²⁵⁷

O ser de Deus, que é amar, manifestou-se no fato de ele nos ter enviado o homem do seu coração, seu filho Jesus, para que tenhamos a vida por ele.²⁵⁸ O “amoroso” neste amar consiste em primeiro lugar em sua gratuidade: não fomos nós que amamos Deus, mas Deus que amou a nós e enviou seu Filho para ser aquele que expiasse, desmanchasse o peso dos nossos pecados. E como Jesus realizou essa expiação? Fazendo aquilo que Deus gosta: amando. Em 1Jo 4,11-12, temos: “Amados, se Deus assim nos amou, devemos nós também amar-nos uns aos outros”.

²⁵⁴ 1Jo 3,16.

²⁵⁵ 1Jo 3,18.

²⁵⁶ KONINGS, Johan. **Tiago, Pedro, João e Judas - Cartas às comunidades**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2019, p. 77.

²⁵⁷ FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. Vaticano: 2020, não paginado; FT 1. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

²⁵⁸ Jo 3,16.

E João costuma insistir que ninguém nunca viu Deus,²⁵⁹ mas basta ver Jesus (na véspera da cruz) para ver Deus nele.²⁶⁰ Na carta, em tom mais prático, essa mesma “experiência de Deus” é situada no amar com o amor que vem de Deus e que Jesus nos manifestou. Quem ama conhece Deus. Então seu amor é, em nós, levado à plenitude.²⁶¹

Na encíclica supracitada, o Papa Francisco fala da amizade social, sobre superar o mundo dos sócios:

Mas não posso reduzir a minha vida à relação com um pequeno grupo, nem mesmo à minha própria família, porque é impossível compreender-me a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações: e não só as do momento atual, mas também as relações dos anos anteriores que me foram configurando ao longo da minha vida. A minha relação com uma pessoa, que estimo, não pode ignorar que esta pessoa não vive só para a sua relação comigo, nem eu vivo apenas relacionando-me com ela. A nossa relação, se é sadia e autêntica, abre-nos aos outros que nos fazem crescer e enriquecem. O mais nobre sentido social hoje facilmente fica anulado sob intimismos egoístas com aparência de relações intensas. Pelo contrário, o amor autêntico, que ajuda a crescer, e as formas mais nobres de amizade habitam em corações que se deixam completar. O vínculo de casal e de amizade está orientado para abrir o coração em redor, para nos tornar capazes de sair de nós mesmos até acolher a todos. Os grupos fechados e os casais autorreferenciais, que se constituem como um “nós” contraposto ao mundo inteiro, habitualmente são formas idealizadas de egoísmo e mera autoproteção.²⁶²

Em 1Jo 3, o autor cita novamente os critérios para saber se Deus permanece em nós e nós nele. Esta palavra, “permanecer”, é uma palavra muito rica. Significa *durar e morar*. Assim, João diz que o espírito “desce e permanece” sobre Jesus.²⁶³ O antigo povo de Israel situava a “morada”,

²⁵⁹ Jo 1,18; 6,46.

²⁶⁰ Jo 14,9.

²⁶¹ KONINGS, 2019, p. 77.

²⁶² FRANCISCO, 2020, não paginado; FT 89.

²⁶³ Jo 1,32-33.

a presença de Deus ora na nuvem que descia sobre o tabernáculo no deserto, ora no Templo.²⁶⁴ Já o profeta Ezequiel tinha recebido a revelação de que Deus não permanece necessariamente no Templo, mas acompanha seu povo no exílio babilônico. Ezequiel viu profeticamente a presença de Deus ao voltar a Jerusalém, depois da volta de exílio.²⁶⁵ Segundo João, Deus fez sua casa para morar conosco para sempre, não em Jerusalém, mas no meio de nós, em Jesus (Jo 1,14: a Palavra de Deus habitou em nós). E assim como o judeu piedoso ansiava por morar na presença de Deus em seu Santuário,²⁶⁶ somos chamados a “permanecer” na sua palavra,²⁶⁷ para sermos livres e morar para sempre como o filho na casa do pai.^{268, 269}

É importante destacar que o permanecermos em Deus, e Deus em nós, sugere que moramos em Deus, e ele em nós, de modo permanente.²⁷⁰ Deus faz em nós sua morada. Em Jo 15,1-11 (na alegoria da vinha) o “permanecer” significa “estar unido a Cristo”. Na medida em que estamos unidos a Jesus, para produzir frutos no amor dele e do Pai,²⁷¹ Deus mesmo mora em nós. E se ele mora em nós, nós moramos nele, isto é, estamos intimamente e duradouramente presentes nele. O permanecermos em Deus, e ele em nós, não é, portanto, alguma experiência exotérica, um êxtase ou algo semelhante, mas a fidelidade à prática do amor de Deus que conhecemos em Jesus e em sua palavra.²⁷²

O Papa Francisco, na sua encíclica *Fratelli Tutti*, defende que a estatura espiritual da vida humana é medida pelo quanto conseguimos amar. Assim, seremos mais felizes na medida que tornarmos mais pessoas felizes a nossa volta:

A estatura espiritual duma vida humana é medida pelo amor, que constitui «o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana». Todavia há crentes que pensam que a sua grandeza está na imposição das suas ideologias aos outros, ou na defesa violenta da verdade, ou em

²⁶⁴ Is 6,1ss.

²⁶⁵ Is 43,12.

²⁶⁶ Sl 15,1; 24,4; 84,11.

²⁶⁷ Jo 8,31.

²⁶⁸ Jo 8,35.

²⁶⁹ KONINGS, 2019, p. 77-78.

²⁷⁰ Jo 14,23; 14,2.

²⁷¹ Jo 15,9-10.

²⁷² KONINGS, 2019, p. 78.

grandes demonstrações de força. Todos nós, crentes, devemos reconhecer isto: em primeiro lugar está o amor, o amor nunca deve ser colocado em risco, o maior perigo é não amar (1Cor 13,8-10).²⁷³

Em 1Jo 4,18, o amor não coexiste com o medo (mesma palavra que “temor”). Para os judeus, o temor a Deus é a religiosidade por excelência. Ao dispensar o temor, João usa uma linguagem revolucionária. Isso se explica pelo fato de ele se situar na perspectiva da escatologia do amor plenificado. Também Paulo diz que os dons espirituais desaparecerão, mas o amor permanece.²⁷⁴ Para João, a escatologia começa aqui e agora. O primado do amor começa já aqui, e quem vive a religião na base do medo não tem perfeição do amor, que é o amor fraterno, conforme v. 12. Entendemos isso olhando para alguns “heróis do amor fraterno”, para quem a religião do medo fica anos-luz para trás. Deus não manda, no evangelho de João, que amemos a ele, não exige amor de volta em troca de seu amor, que chega até nós através de Jesus;²⁷⁵ o que ele quer é que nos amemos uns aos outros. Então, através de nosso amor fraterno, seu amor alcança seu objetivo: comunicar-se. Por isso, o único jeito de amar a Deus é amar o irmão.²⁷⁶

Seguindo o modelo ou meta das sete igrejas do Apocalipse com o termo “vencedor”,²⁷⁷ também a igreja de 1Jo é chamada a “vencer”, que é o êxito da luta contra a sedução da apostasia, da volta para trás. Para descrever as linhas fundamentais desse vencer, João parte do pensamento anterior, isto é, a necessidade de amar a Deus amando o irmão, mas reformula esse pensamento, explicando o aspecto da fé. Aquele que acredita que Jesus é o Messias, nasceu de Deus, e quem ama quem o gerou (ou seja, Deus) ama também o que dele foi gerado (ou seja, o irmão). E o critério concreto de que amamos os filhos de Deus é que, procurando amar a Deus, observamos seus preceitos. Deus deu normas concretas para amar os outros em sintonia com seu amor por nós.²⁷⁸

Mencionando o “amor a Deus”, João lembra que este consiste em observar seus preceitos e, como disse Moisés a respeito dos preceitos da

²⁷³ FRANCISCO, 2020, não paginado; FT 92.

²⁷⁴ 1Cor 13,8-10.

²⁷⁵ Jo 13,34-35; 15,9-17.

²⁷⁶ KONINGS, 2019, p. 79.

²⁷⁷ Ap 2,7; 21,7.

²⁷⁸ KONINGS, 2019, p. 79.

antiga aliança, “não são difíceis”:²⁷⁹ é só amar. João pode aqui estar polemizando tanto contra as complicações da religiosidade farisaica quanto contra os que procuram doutrinas exóticas. O importante é perceber que o mandamento por excelência, o mandamento do amor, não é uma regra abstrata, mas uma atitude de vida que se concretiza em práticas diversificadas, que, como os preceitos da antiga Lei, orientam todos os momentos de nossa vida. Não basta dizer “eu amo tanto”, é preciso mostrar isso nas diversas ações de nosso dia a dia. Mas a razão principal para dizer que os preceitos não são difíceis é esta: quem os observa é filho de Deus; quem nasceu de Deus vence o mundo, e a vitória que vence o mundo é nossa fé.²⁸⁰

Francisco deixa claro na encíclica supracitada que viver o amor nos desafia todo dia também a se viver em comunhão universal:

Enfim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos”. (Mt 23,8)²⁸¹

Por fim, em 5,13-21, João formulou sua preocupação em termos de fidelidade à profissão de fé e de praticidade no amor fraterno. Agora, exprime-a como preocupação com a vida da eternidade em nós. A vida da eternidade, a qual geralmente se traduz como vida eterna, é literalmente “vida da eternidade”. Não é um mero prolongamento eterno de nossa vida depois da morte, nem uma repetição (prova de segunda época) de nossa vida terrestre, como pensam os adeptos da reencarnação. Trata-se de uma vida de outro nível, de outro quilate, e que começa já agora, dentro de nossa existência terrestre, se aderirmos a Jesus e amarmos nossos irmãos. Para tanto, é necessário confiar em Jesus Salvador, filho de Deus, para que ele atenda o que lhe pedimos conforme seu desejo, em nome da união de vontade entre Cristo e nós. E o que lhe pedimos, sabemos que já o recebemos.²⁸²

²⁷⁹ Dt 30,11; Mt 11,30.

²⁸⁰ KONINGS, 2019, p. 80.

²⁸¹ FRANCISCO, 2020, não paginado; FT 95.

²⁸² KONINGS, 2019, p. 81.

Em termos mais gerais nesse primeiro capítulo, fez-se um estudo da teologia sobre a importância do amor fraterno entre as pessoas, com fé viva pela graça deste poder do amor vindo do seguimento de Jesus em sua caminhada realizada há quase dois mil anos na Palestina. Esta fé só será fortalecida espiritualmente em nossos corações na medida em que aprofundarmos o conhecimento mais acurado sobre quem é a pessoa Jesus Cristo, Filho do Altíssimo. E mais: Deus, pelo seu Filho dileto, deus-nos a conhecer seu amor de reconciliação e redenção pela humanidade e pede, em sua liberdade amorosa que, se nós, como filhos seus, comunicarmos esse amor trindade a todas as pessoas próximas e não próximas, seu amor para conosco, só assim, vai frutificar ainda mais em nossos corações. Se as lideranças e políticos sérios tiverem essa clareza em seus corações, teremos certamente uma sociedade mais humana e fraterna.

No próximo capítulo, será realizado um estudo das ciências iluministas para as lideranças comunitárias, esclarecendo, via consciência crítica de classe, que as estruturas de exclusões sociais atuais podem e devem ser modificadas. Estruturas sociais não são eternas e nunca serão. Cabe a nós, com oração e luta diária, quereremos modificá-las com vistas a uma sociedade com viés mais coletivo e fraterno. É o que veremos, com palavras de ordem críticas e denunciadoras da atual realidade social advindas da educação, da importância da caridade efetiva chamada política como práxis do bem comum, da filosofia e das ciências sociais.

2 PISTAS PARA UMA NOVA CONSCIÊNCIA CARITATIVA SOCIAL E TRANSFORMADORA

2.1 INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo, a partir dos teólogos citados, apresentou a possibilidade de mudanças em nossa vida interior, desde que vivamos cotidianamente o poder do amor fraterno de Jesus. É um desafio grande seguir os seus passos, considerando as dificuldades que enfrentamos numa sociedade, em geral, pouco solidária, com suas instituições públicas e a falácia das oportunidades de ascensão social prometidas pelas elites governantes.

O fundamental é que, pela fé, através da oração e da missa dominical para ouvir a Palavra de Deus e receber Jesus na sagrada comunhão, certamente sentiremos o agir da graça de Deus em nossos corações. O caminho a se seguir, de Jesus amoroso, é sempre libertador. Embora ontologicamente não seja fácil este propósito, é possível um trabalho de formiguinha cotidiano, deixando o nosso testemunho em volta, ainda que imperfeito. Essa missão é o que nos move nesta prazerosa utopia dialética do “já” e do “ainda não” na construção do Reino de Deus e de sua justiça, tão pregado por Jesus Salvador em sua caminhada rumo à casa do Pai.

As lideranças comunitárias do Alto da Caieira, e até dos políticos progressistas (de esquerda e centro-esquerda), comprometidos com os movimentos populares em suas lutas diárias, agora impregnados com este selo do poder redentor do amor em seus corações, serão capazes de fazer algo novo socialmente, algo transformador. Com essa certeza consciente e com o uso inteligente da razão, da ciência e da fé, essa nova sociedade almejada, quiçá uma social-democracia como a dos países nórdicos, possibilitará a todos, sem exceção, uma vida digna e de muita esperança e alegrias futuras. Jesus de Nazaré, o mestre do poder do amor, ensinou a todos que o caminho do amor é o caminho para uma relação verdadeira com o Deus que criou todos nós, para uma relação de cuidado com os outros como filhos de um único Deus, como irmãos e irmãs pertencentes à família humano-divina.

Nos últimos meses, a retomada do poder pelos sociais-democratas no conjunto dos países nórdicos, entendidos, em uma visão abrangente, como a Escandinávia – Suécia, Noruega e Dinamarca –, a Finlândia, a Islândia e a região da

Groenlândia, é apresentada como uma vitória das forças progressistas e que sinalizaria uma mudança no perfil do eleitorado europeu, abandonando as visões de extrema-direita. A alternância de diferentes projetos de poder e a reestruturação de coalizões partidárias são, entretanto, fenômenos associados a qualquer dinâmica política.²⁸³

Percebemos, assim, que o estudo do capítulo um exige claramente uma nova liderança, um novo político, forjada numa revolução espiritual interior poderosa, com elevadíssimos sentimentos de amor coletivo social. Com essa nova visão social personificada, espera-se novas posturas éticas, como jamais trair sua comunidade ou seus eleitores quando da chegada ao poder, principalmente nas questões de acesso ao dinheiro público. Numa palavra, será sempre incorruptível em qualquer situação de sua atuação pessoal, quer pública, quer na iniciativa privada.

Neste intento sonhado, agora neste segundo capítulo, é necessário abordar uma educação política básica para as lideranças comunitárias do Mont Serrat, na qual já fui catequista, e a do Alto da Caieira, onde sou catequista hoje. Esta última comunidade será o foco maior deste trabalho, porém a primeira também será citada por ser mais antiga e próxima. Ambas fazem parte do Maciço do Morro da Cruz, próximo à avenida Mauro Ramos, centro de Florianópolis. Assim, o objetivo maior deste segundo capítulo é instrumentalizar as lideranças e as pessoas destas comunidades com mecanismos da ciência social, princípios filosóficos e também educacionais para se chegar a uma nova conscientização política crítico-transformadora. Assim, haverá um novo olhar sobre a realidade brasileira em seus aspectos políticos, ideológicos e econômicos. Com essa nova educação libertadora, agirão com eficácia para se livrar de todo tipo de opressão social, cultural e econômica.

Na comunidade do Alto da Caieira, Morro da Cruz, em Florianópolis, Santa Catarina, temos a capela de Nossa Senhora Aparecida, erguida com muito esforço e trabalho da comunidade e devotos católicos. Por longo tempo, as celebrações dominicais eram numa simples tenda naquele terreno. Hoje, nessa capela de alvenaria, há homenagens pelas paredes, fotografias de cristãos e cristãs martirizados pelas lutas por direitos básicos negados pelo poder oligárquico

²⁸³ PECEQUILO, Cristina Soreanu. As eleições nórdicas e a social-democracia. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 25 nov. 2021. Artigo, edição 82, não paginado. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/as-eleicoes-nordicas-e-a-social-democracia/>> Acesso em: 10 abr. 2023.

reacionário, bem como a luta contra os latifundiários especulativos e grileiros. Estes, ainda hoje, tomam posse pela ameaça e violência às terras dos pequenos agricultores e indígenas. Esta luta muitas vezes ocorre com a morte dos líderes dos camponeses, como foi o caso da irmã missionária americana Dorothy Stang.

Sua foto está também na capela. Foi assassinada em 2005 no município de Anapu, onde essa irmã mártir sempre agiu na defesa dos trabalhadores rurais sem terra neste estado do Pará e projetos de proteção da floresta, agindo junto à população e ao governo desde sua chegada à Amazônia em 1966.²⁸⁴

Dentre as figuras mártires e os que combateram o mal de uma maneira ou de outra, está a foto do cearense Dom Hélder Pessoa Câmara. Entre suas marcas de luta está a defesa dos direitos humanos, as lutas a favor dos pobres e excluídos e também a denúncia de violações durante a ditadura militar no Brasil. Além da criação da CNBB, Dom Hélder é lembrado por sua atuação em favor da defesa da liberdade e dos mais necessitados. Durante o período de ditadura militar no Brasil, após ser empossado como arcebispo de Recife e Olinda, Dom Hélder e mais dezessete bispos do Nordeste pediram a liberdade das pessoas e da Igreja.²⁸⁵ Em 1969, ele criticou a situação de miséria e abandono dos agricultores nordestinos. Na ocasião, foi chamado de agitador e comunista.

Situações semelhantes o levaram a pronunciar a memorável frase: “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, me chamam de comunista”. Outros fatos remetem às represálias que sofreu, inclusive tendo sua casa metralhada e

²⁸⁴ POMBO, Cristiano Cipriano. Há 15 anos, missionária Dorothy Stang, 73, foi assassinada em assentamento no Pará. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2020. Poder, ano 99, n. 33.187, não paginado. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/ha-15-anos-missionaria-dorothy-stang-73-foi-assassinada-em-assentamento-no-para.shtml>>. Acesso em: 10 abr. de 2023.

²⁸⁵ DOM Helder Câmara: primeiro secretário-geral e idealizador do projeto da CNBB. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, [s.l.], 16 ago. 2017. Projetos Especiais, não paginado. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/dom-helder-camara-primeiro-secretario-geral-e-idealizador-do-projeto-da-cnbb/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

seus assessores presos e assassinados. Dom Hélder ainda foi signatário do Pacto das Catacumbas de Domitilla (o maior e mais antigo cemitério subterrâneo de Roma, onde os primeiros mártires cristãos foram enterrados), durante o encerramento do Concílio Vaticano II em 1965. Este documento, assinado por quarenta e dois padres, muitos bispos latino-americanos como Dom Hélder, pedia claramente a Deus a graça de “ser fiel ao espírito de Jesus” no serviço aos pobres. Foi assinado o documento “*Pacto por uma igreja serva e pobre*”, em que o compromisso assumido foi o de colocar os pobres no centro da pastoral.²⁸⁶

Às vésperas de completar 80 anos, em fevereiro de 1989, Dom Hélder ainda manifestava suas preocupações com a descrença na política, a questão da liberdade, a reforma agrária, a violência e a economia. Em entrevista ao Correio Braziliense, afirmou: “A mensagem de Cristo não muda, é eterna, mas os tempos mudam, e por isso surgiu o Concílio Ecumênico, um grande esforço dos bispos do mundo inteiro para aplicar ao nosso tempo as mensagens eternas de Cristo”. O “Dom da Paz” faleceu em sua casa, no Recife, em 27 de agosto de 1999, devido a uma insuficiência respiratória decorrente de uma pneumonia. Em 2015, a arquidiocese de Olinda e Recife (PE) deu início à fase diocesana do processo de beatificação de Dom Hélder, já considerado Servo de Deus pela Santa Sé.²⁸⁷

Também neste segundo capítulo, haverá um pensar e refletir a cidadania de maneira formativa com a luz que vem de Cristo, a serviço da fraternidade social, do enfrentamento das exclusões e injustiça junto com as lideranças das comunidades de fé e aguerridas em suas lutas diárias por seus direitos básicos. Assim, de imediato, é necessário pensar e refletir, por meio de uma educação política mais profunda, a famosa frase crítica de Dom Helder: por que os pobres são pobres neste nosso país tão rico; e, pior, num país ainda dito cristão? Porque nosso *Índice Gini*,²⁸⁸ que marca a desigualdade social entre classes, sempre aumenta e

²⁸⁶ JOSÉ, Silvonei; LOMONACO, Amedeo. Grupo de padres sinodais renova o “Pacto das Catacumbas”. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 20 out. 2019. Vaticano, não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-10/um-grupo-de-padres-sinodais-renova-pacto-das-catacumbas.html>> Acesso em: 10 abr. 2023.

²⁸⁷ DOM, 2017, não paginado.

²⁸⁸ “O *Índice de Gini*, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda ou desigualdade em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um (alguns apresentam de zero

não diminui? Outro questionamento: existe em nosso país uma verdadeira igualdade de oportunidades para todos ou só para alguns ou para a classe média alta?

Para entender esses questionamentos iniciais críticos reflexivos sobre a realidade social dada por Dom Hélder, cabe aqui trazer uma contribuição para ajudar as lideranças e a comunidade do Alto da Caieira a tirarem o véu que os impede de ver essa realidade social nada humana, solidária ou cristã. Auxiliá-los a processar gradativamente em suas mentes que há causas estruturais da pobreza e, então, lutar com ainda mais força, de maneira organizada e eficaz, pelos seus direitos básicos, dignos, não atendidos há décadas pelas elites sem coração de nosso país.

Essa concentração de riqueza nas mãos de poucos, conforme indica o IPEA (Instituto de Pesquisa Aplicada), é um escândalo que deve soar como um alerta às lideranças comunitárias para buscarem informação e educação política crítica a fim de ter em suas mentes um

a cem). O valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um (ou cem) está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém toda a riqueza.” (WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? – Índice de Gini. **Desafios do desenvolvimento**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, [s.l.], ano 1, ed. 4, novembro. 2004, não paginado. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28#:~:text=O%20%C3%8Dndice%20de%20Gini%2C%20criado,apresenta%20de%20zero%20a%20cem>. Acesso em 19 fev. 2023.) Nesse sentido, “no segundo trimestre de 2022, houve uma reversão dessa tendência de queda, tendo o Gini subido para 0,515 para a renda domiciliar do trabalho e 0,489 para a renda individual.” (CARVALHO, Sandro Sacchet de. Retrato dos rendimentos do trabalho – resultados de PNAD contínua do segundo trimestre de 2022. **Carta de Conjuntura**, IPEA, [s.l.]. Mercado de Trabalho, n. 56, nota de conjuntura 17, 01 set. 2022, não paginado. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2022/09/220901_cc_56nota_17_rendimentos_e_horas_trabalhadas.pdf> Acesso em: 19 fev. 2023.) Soma-se a isso o fato de o Brasil ser o país mais desigual: 1% mais rico fica com quase metade da nossa riqueza produzida (PIB) de 8,9 trilhões em 2021. (OLIVEIRA, Marcos de. Brasil é o país mais desigual; 1% mais rico fica com quase metade da riqueza. **Monitor Mercantil**, [s.l.], 20 set. 2022, não paginado. Disponível em: <

discernimento, uma visão social crítica de como a sociedade se organiza, seus valores e as promessas não cumpridas há séculos. Quais promessas? As mais gerais vindas há tempos no entra e sai de governos, como a tão sonhada educação fundamental gratuita para toda a população e o saneamento básico. É preciso mudar o foco para as populações que mais precisam, não mais fazer uma urbanização focadas nos interesses dos ricos, relegando às populações mais pobres o terrível improvisado de costas e morros.

Existem ainda outras reivindicações legítimas, como o projeto de renda mínima para famílias carentes aliado a exigências de seus filhos estarem matriculados nas escolas, políticas de médio e longo prazo do pleno emprego, moradia popular, creche universal em todo o país. São altamente necessárias creches públicas de boa qualidade, principalmente para as mães mais pobres e que, em geral, nas comunidades da periferia, sustentam suas famílias. Há locais do país onde há miséria ainda maior, em que falta água potável e o esgoto é a céu aberto. Tais promessas básicas ainda não foram realizadas desde 1500, infelizmente porque elites de coração de pedra estão no poder.

Essas promessas não realizadas pelas velhas oligarquias dominantes estaduais e também as classes médias e altas ainda possuem conceitos equivocados sobre os mais pobres, ou seja, ainda há preconceito de classe contra os mais pobres. Ainda permanecem noções de que eles seriam preguiçosos, desajustados socialmente, indisciplinados, além de outros adjetivos impublicáveis. Sem terem acesso à educação básica fundamental que a classe média tem, não há como esperar que essas pessoas sem formação se portem como nobres.

De modo a esclarecer a consciência das nossas lideranças comunitárias, vamos apresentar de maneira resumida alguns pontos da sociologia, da filosofia, da educação e das encíclicas papais. Serão abordados temas chaves, como a importância da política e sua práxis, o que é ideologia, o diálogo respeitoso e libertador, o empoderamento das pessoas para andarem com suas próprias pernas, emprego via qualificação ou oportunidade de se tornar um Microempreendedor Individual (MEI). Outros aspectos de consciência social incluem a questão da alienação ou estranhamento (a moral me dita uma regra, a economia outra), o senso autocrítico importante para entender fracassos e tentar sempre sem medo de errar. Também será abordada a importância do contraditório na democracia para estimular as novas ideias, bem como diferenciar esperança de esperar e radicalismo de sectarismo, como bem cita o patrono da educação brasileira, o educador Paulo Freire.

2.2 A POLÍTICA COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO TRANSFORMADORA

O Papa Francisco convoca-nos a participar da renovação da Igreja, como protagonistas. Da mesma forma, a sociedade civil, com as suas instituições democráticas, clama por qualificada dedicação cidadã, para que seja vivido novo tempo e alcançadas respostas novas, urgentes à construção de um mundo melhor. Por isso mesmo, nenhum cristão pode permanecer alheio à tarefa de contribuir para que a sociedade se torne mais justa, solidária e fraterna: é compromisso de fé dedicar atenção à política, buscando resgatar a sua nobre vocação – singular expressão da caridade.²⁸⁹

Para o Papa Francisco, “a política é a forma mais alta, maior, da caridade. O amor é político, isto é, social, para todos”. Ele também sublinhou que a falta da universalidade do amor faz com que a política “adoeça”, por causa da “perda de vocação de unidade, de harmonia”, e salientou que as “as guerras são a derrota da política”. O Papa considerou ainda que a política “não é um ponto de chegada, é um começo, um início de processos”.²⁹⁰ O importante é chegar “à harmonia, à unidade”, destacando que hoje, mais que nunca, “o verdadeiro teste sobre a política é a pergunta sobre as guerras”, e afirmou sua tristeza e condenação aos sacerdotes que abençoam armas.

A fé cristã, autenticamente vivida, pode oferecer contribuições para debelar os costumeiros “tons de guerra” que emolduram deliberações na esfera pública. Não é atitude cristã promover ataques que simplesmente buscam destruir aqueles de quem se discorda. Também não é postura condizente com os ensinamentos de Jesus procurar defender privilégios e interesses egoístas, impondo ainda mais sacrifícios para quem já sofre tanto. Urge especialmente uma cidadania que não se restringe ao obediente seguimento de ideologias, sem autocríticas ou reflexões. É preciso ir além, partindo do *Mandamento do Amor*, para

²⁸⁹ CADERNO Encantar a Política. [s.l.] [s.n.], 2022, p. 3. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Cartilha-Encantar-a-Politica.pdf>>.

²⁹⁰ PAPA diz que política é “forma mais alta” da caridade. **Agência Ecclesia**, Lisboa, 20 mai. 2021, não paginado. Disponível em: <<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-diz-que-politica-e-forma-mais-alta-da-caridade/>>. Acesso em: 25 set. 2022.

efetivamente reconhecer que o outro, inclusive aquele com quem se diverge, é irmão.²⁹¹

2.2.1 Ideologia e alienação ou estranhamento na vida política

O termo ideologia vem da junção das palavras gregas *idea* e *logos*, e quer dizer, literalmente, “doutrina das ideias”. Podemos considerar dois diferentes significados principais de ideologia, sendo um positivo e o outro negativo. O primeiro significado de ideologia é um conjunto de ideias que pretende explicar a realidade e as transformações sociais. Nesse sentido, é sinônimo de doutrina ou ideário em geral e tem a função de orientar a ação social de indivíduos e de grupos. Aqui, a ideologia tem um caráter descritivo (ela explica como as coisas são) e também normativo (como deveriam ser). Seu uso levou a uma sensação positiva de ideologia como qualquer visão de mundo ou corpo de pensamento filosófico. Por este ponto de vista, a ideologia abrange toda a esfera da cultura, incluindo a ciência, e pode ser vista como um intermediário necessário entre os indivíduos e o mundo.²⁹²

Uma segunda concepção vem do pensamento marxista. Na obra de Karl Marx e Engels, *A Ideologia Alemã*, a ideologia aparece como algo necessariamente negativo e pejorativo: trata-se da distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e que serve justamente para ocultar ou disfarçar tais contradições.

Conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. Os dois lados não podem, no entanto, ser separados; enquanto existirem homens, história da natureza e história dos homens se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a assim chamada ciência natural, não nos diz respeito aqui; mas, quanto à história dos homens, será preciso examiná-la, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida dessa história ou a uma

²⁹¹ CADERNO, 2022, p. 3.

²⁹² GUERRA, Luiz Antonio. Ideologia. **InfoEscola**, [s.l.], 2006-2023, não paginado. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/ideologia/>>. Acesso em: abr. de 2023.

abstração total dela. A ideologia, ela mesma, é apenas um dos lados dessa história.²⁹³

Para Marx, ideologia é um instrumento de dominação que age através do convencimento (e não pela força física), alienando a consciência dos trabalhadores da sua condição de explorado. De acordo com Marx, os mecanismos ideológicos transformam as ideias particulares da classe dominante em ideias universais para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano econômico, social e político também domina no plano das ideias. Em outras palavras, a ideologia é o meio usado pela classe dominante para exercer sua dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados.²⁹⁴

Logo, quanto maior for sua capacidade de ocultar a luta de classes, mais eficaz é a ideologia. Cabe destacar que a luta de classes é um fenômeno histórico que resulta dos interesses de classes antagônicas, contrários, gerando uma disputa constante. Desse ponto de vista, a ideologia funciona como uma falsa consciência, inibindo o desenvolvimento de uma consciência de classe de fato. Essa visão crítica do conceito de ideologia trazida por Marx condiz com o objetivo principal da sua obra, que, através do seu materialismo histórico, busca desmascarar a ideologia dominante, mostrando que ela é na verdade resultado da luta de classes. Vale aqui aquilo que Marx e Engels anotaram em sua obra:

Toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas.²⁹⁵

Outro conceito importante a ser entendido pelas lideranças do Alto da Caieira é sobre a alienação, ou o estranhamento. Ela existe em nossa sociedade capitalista ultracompetitiva devido à divisão social do trabalho. O trabalhador, em geral, não sabe o que está fazendo e às vezes realiza

²⁹³ MARX, Karl; E ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 87.

²⁹⁴ GUERRA, 2006-2023, não paginado.

²⁹⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, 2007, p. 48.

repetitivos movimentos o dia inteiro, nada criativos, numa espécie de apêndice vivo da máquina.

Essa competição desenfreada estimulada pela sociedade burguesa industrial e financeira impede os sujeitos de se reconhecerem ou participarem universalmente da sua história. Eles se tornam apenas expectadores dessa história, impedidos de modificá-la. Em tais circunstâncias, a divisão externa da sociedade leva à preservação dos privilégios dos detentores do poder. Para tanto, é necessário garantir, de maneira escamoteável, escondida, uma certa divisão interior nos homens e mulheres, impedindo os dominados de se organizarem conscientemente em torno de um processo realista de revolucionamento da sociedade.²⁹⁶

Outro aspecto da alienação e da apatia das pessoas em geral em nossa sociedade é que elas se veem cotidianamente cindidas por exigências contraditórias, nada humanas, decorrentes de normas diversas, estabelecidas em distintas áreas. De acordo com essa peculiaridade da alienação (ou estranhamento), cada esfera lhes impõe uma norma diferente e contrária à da outra: a moral dita uma regra; a economia, outra. Foi o caso em São Sebastião, litoral paulistano, no carnaval de 2023, em que comerciantes vendiam água e outros alimentos por preços aviltantes às pessoas sofredoras dos desabamentos das encostas. Essas práticas gananciosas desumanas são comuns, inclusive, após o destelhamento de casas devido a ventos fortes: os fabricantes e comerciantes aumentam os preços das telhas. Alienados pelo sistema da exclusão social, achamos isso normal em nosso cotidiano, nossa indignação cristã ruindo dia a dia.

Cada norma causa uma determinada alienação humana; cada uma encarna um círculo particular da atividade essencial alienada; cada uma se acha numa relação alienada com outras alienações. Essa teoria do estranhamento ou alienação mostra distorções na sociedade, as famosas falsas representações nas sociedades classistas, mantidas pelas classes dominantes. Isso levou Marx, mais tarde, a desenvolver sua concepção da nova teoria da ideologia,²⁹⁷ vista anteriormente de maneira resumida.

Para superar essa alienação no plano filosófico e político é necessário que as lideranças da comunidade do Alto da Caieira adotem em seus corações a noção de que a disciplina é liberdade, no sentido de se buscar um saber atual libertário e conscientizador. Assim, através de estudos e seminários oferecidos pela igreja e pela escola da comunidade, vai-se percebendo, através de uma enérgica revalorização da capacidade

²⁹⁶ KONDER, Leandro, **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 31-33.

²⁹⁷ KONDER, 1992, p. 32.

que todos temos de inventar novos expedientes, de criar novas ideias, de se educar e se reeducar uns aos outros, que é possível fazer uma história diferente daquela que vinha sendo feita.²⁹⁸ Gramsci acrescenta ainda:

Todo homem na medida em que é ativo, isto é, vivo, contribui para modificar o ambiente social em que se desenvolve (para modificar determinados caracteres ou para conservar outros), quer dizer, tende a estabelecer ‘normas’, regras de vida e de conduta.²⁹⁹

A contribuição da filosofia marxista humanista, com o foco aqui na vertente humanista do pensamento de Marx, consiste em compreender que a contradição está presente na realidade. Tal contradição não deve ser negada, mas observada de modo que possa se extrair o essencial dela. O conhecimento dentro dessa perspectiva do materialismo histórico-dialético deve partir das questões materiais, passando em seguida às elaborações do pensamento e às reflexões teóricas.³⁰⁰

Para enxergar mais claramente a realidade social opressiva, disfarçada, e como força para combatê-la e superá-la, serão necessárias disciplina de estudo e organização coletiva nos combates pela melhoria das condições de vida na comunidade do Alto da Caieira.

Um exemplo de ideologia utilizado pela ditadura militar foram as associações dos moradores no Brasil, fundadas por Mário David Andreazza, ministro dos Transportes dos governos militares Costa e Silva e Médici, e responsável por grandes obras realizadas no período da ditadura. Essas associações tinham como objetivo controlar os interesses

²⁹⁸ KONDER, 1992, p. 94.

²⁹⁹ GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Trad. Luiz Mário Gazzaneo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 135-136.

³⁰⁰ FERREIRA, Marcela Figueira; GUERRA, Agercicleiton Coelho. Marx e a filosofia: por uma filosofia da práxis. **I JOINGG – Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci; VII JOREGG – Jornada Regional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci**, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, p. 1-11, 2016, p. cit. 4. Disponível em: <<http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/MARX-E-A-FILOSOFIA-POR-UMA-FILOSOFIA-DA-PR%C3%81XIS.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2023.

da comunidade com o viés do governo. Naquela época, foram ministrados vários cursos sobre lideranças na comunidade.³⁰¹

A vinda do padre Wilson Groh, nos anos 1980, além das CEBs com as freiras e ex-freiras, trouxe um aprofundamento do conhecimento sobre a realidade do morro, tirou o véu da realidade no sentido de enxergar as causas da realidade sofrida. Segundo Seu Teco, “eles nos ajudaram muito a criar a consciência de andarmos e agirmos juntos para a gente ficar independente e caminhar com as próprias pernas”. O objetivo era diminuir e até eliminar o assistencialismo muito comum no morro, incentivado pela Igreja e políticos (em época de campanha principalmente). Assim foram feitos mais e mais mutirões para garantir melhorias estruturais das casas e das ruas.³⁰²

Outra questão ideológica, relacionada à falta de acesso à educação e a cultura, foi a tentativa de fechamento da única escola do Maciço do Morro da Cruz em 2011 pelo então ex-governador do estado de Santa Catarina, João Raimundo Colombo. A Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne, que é de âmbito estadual, só não fechou porque, segundo o Padre Wilson Groh, as lideranças das comunidades do Alto da Caieira e do Mont Serrat se mobilizaram e pressionaram o governador. Após longa discussão com o secretário estadual de educação Eduardo Deschamps, o convênio de gestão compartilhada foi assinado. É importante ressaltar que essa escola marista, que iniciou com o ensino fundamental, hoje também tem ensino médio de alta qualidade, como é tradição dos Colégios Maristas.

Assim, em 22 de dezembro de 2011, o Governo Estadual, por meio da Secretaria de Estado da Educação (SED), e a Rede Marista de Solidariedade (RMS), em uma parceria social, assinaram um convênio de gestão compartilhada da Escola de Educação Básica Lúcia do Livramento Mayvorne, do Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis.³⁰³

³⁰¹ MORO, Norberto. **O papel das principais lideranças na luta materialização dos seus direitos sociais nas comunidades do Monte Serrat e Alto da Caieira.** 96 p. Monografia (Pós-Graduação), Doutrina Social da Igreja na Realidade Brasileira, FACASC, Florianópolis, 2016, p.73-74.

³⁰² MORO, 2016, p.75.

³⁰³ NEBIAS, Melissa. Governo do Estado e rede Marista assinam convênio de gestão compartilhada. **Governo de Santa Catarina**, Secretaria da Educação, [s.l], 22 dez. 2011, não paginado. Disponível em: <<https://www.sed.sc.gov.br/secretaria/imprensa/noticias/23270-governo-do-estado-e-rede-marista-assinam-convenio-de-gestao-compartilhada>.> Acesso em maio de 23.

Para entender como a ideologia se apresenta escamoteada, disfarçada pela elite dominante, as lideranças comunitárias do Alto da Caieira devem buscar conhecer com mais profundidade a filosofia da práxis desenvolvida por Marx, e, assim, com nova consciência crítica, desmascarar essa dominação ideológica mediática. Essa leitura deve ser feita com atenção e reflexão, sem preconceitos antecipados e medos pueris, para assim atingir um novo patamar de compreensão da realidade social que nos cerca. Os grandes pensadores das ciências escreveram sempre tanto assuntos interessantes quanto desinteressantes. Cabe a todos nós que buscamos a verdade, lê-los com espírito crítico, sem conceitos antecipados (pré-conceitos) e assim verificar se o abordado por eles vai a favor ou contra a visão de mundo que sonhamos.

Após as leituras, vai-se iniciando um novo discernimento político de como formar sujeitos mais conscientes de sua realidade social para uma emancipação mais humana e fraterna. Nessa nova empreitada, toda a comunidade vai assimilar também os valores do pluralismo político para exercitar um diálogo fecundo com todas as formas de se pensar, para assegurar a todos, universalmente, direitos mais abrangentes e liberdades mais completas do que as propiciadas pela concepção liberal atual neste país. Se isso acontecer, pode-se afirmar que, neste século XXI, estão tirando proveito dessa filosofia da práxis do revolucionário Marx.³⁰⁴ Isso justifica o fato de nos dedicarmos ao estudo, ainda que abreviado, do conceito de práxis e da sua utilidade crítica e reflexiva, que é o que faremos a seguir.

2.2.2 Filosofia da práxis, instrumento de agir e modificar a história

Aristóteles, autor grego antigo, nascido em 384 a.C., escreveu textos que se servem da palavra *práxis* no sentido mais geral, como sendo uma atividade ética e política. Tal termo é distinto da palavra *poiésis*, que designava uma atividade produtiva, material, fabricação de objetos etc. Tanto a *práxis* como a *poiésis* exigiam conhecimentos especiais, adequados à efetivação de cada uma delas, mas esses conhecimentos permaneciam presos aos objetivos de suas respectivas atividades. Para serem úteis, ficavam sendo, de algum modo, conhecimentos limitados. Por isso, Aristóteles foi levado a conceber um terceiro tipo de atividade, cujo objetivo era exclusivamente a busca da verdade: a *teoria*. Logo,

³⁰⁴ KONDER, 1992, p. 94.

existiam, então três atividades humanas fundamentais: a *práxis*, a *poiésis* e a *teoria*.³⁰⁵

As formulações de Aristóteles tiveram grande influência, como se sabe, ao longo da história das ideias no Ocidente. E o tema da atividade, em suas diversas modalidades e em sua relação com a reflexão teórica, tem estado sempre presente na especulação dos pensadores ocidentais. Nas trilhas abertas pelos gregos, inúmeras controvérsias têm girado em torno das dicotomias teoria/prática e também do binômio ação/contemplação. Os filósofos têm divergido apaixonadamente a respeito da ênfase que deve ser posta num dos termos ou no outro; e também acerca da articulação existente ou desejável entre ambos.³⁰⁶

Na Itália renascentista, por exemplo, a reanimação da vida política urbana obrigava os habitantes da cidade a refletir sobre encontros e desencontros no espaço do convívio intensificado. “As bases mais sólidas do Renascimento”, escreveu Agnes Heller, “encontravam-se nas *pólis*: Siena, Florença, Veneza”.³⁰⁷ E seus moradores, reunidos, eram incitados a pensar e resolver os problemas da cidadania, eram chamados a inventar soluções e caminhos alternativos e, principalmente, eram levados a auscultar o que podiam fazer uns em relação aos outros. Cidadania participativa no seu grau maior.

Erasmus de Roterdã desconfiava da segurança teórica que a contemplação (no sentido que a inteligência humana podia se aproximar da verdade, isto é, de Deus) podia proporcionar. O autor lembrava que, em face dessa segurança entorpecedora, o sujeito precisa saber ousar agir. Ele escreveu (conforme citado em Cíceronianus): “Ninguém pode apreender a nadar bem se não deixar de lado a boia de salva-vidas”. Ou conforme coloca em seu próprio livro: “Mas já disse que aquele que sempre põe o pé na pegada alheia não pode caminhar bem, nem pode nadar bem jamais aquele que não se atreve a soltar a tábua”.³⁰⁸

Coube justamente a Marx repensar a relação entre a *práxis* e a *poiésis* do ângulo dos trabalhadores, em seu livro *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Marx começou a desenvolver uma concepção original da práxis. Para ele, a práxis como poder de intervenção material no mundo é uma atitude subjetiva de atividade “revolucionária”,

³⁰⁵ KONDER, 1992, p. 97-98.

³⁰⁶ KONDER, 1992, p. 99.

³⁰⁷ HELLER, Agnes, **O Homem do Renascimento**. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1982, p. 34.

³⁰⁸ ROTERDÃ, Erasmo. **Diálogo ciceroniano**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 220.

“subversiva”, questionadora e inovadora, ou ainda, numa expressão extremamente sugestiva, “crítico-prática”. Marx diz que:

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática.³⁰⁹

Um alerta importante é não confundir práxis e prática, confusão facilitada pelo uso da primeira com o sentido da segunda, na língua alemã. O que a práxis exige do sujeito é que ele não se limite à interpretação; em nenhum momento, todavia, ela poderia prescindir do esforço interpretativo, que lhe permite corrigir-se de modo autocrítico, aperfeiçoar-se em sua prática e alcançar seus objetivos, sua meta (seu *telos*).³¹⁰

A problemática da *práxis* na filosofia não se apoia na distinção de dois campos da atividade humana, nem numa tipologia (estudo) das possíveis e universais intencionalidades do homem advindas das possibilidades evolutivas da filosofia idealista do século XX. Tampouco decorre da forma histórica da relação prática com a natureza e os homens como objetos de manipulação. A *práxis* nasce como resposta aos problemas filosóficos: quem é o homem? O que é a sociedade humano-social, e como é criada essa sociedade?³¹¹

A *práxis* na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do ser humano como ser ontocriativo, ontológico. É no próprio processo histórico de tornar-se humano que surge a atividade que denominamos de trabalho como algo específico da pessoa. Ou seja, os homens como seres que *criam* a realidade (humano-social). Dessa forma, compreendem a realidade (humana e não humana, a realidade na sua totalidade). A *práxis* dos homens não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como *elaboração* da realidade.³¹²

³⁰⁹ KONDER, 1992, p. 115.

³¹⁰ KONDER, 1992, p. 124.

³¹¹ KOSIK, Karel. **A dialética do Concreto**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 201.

³¹² KOSIK, 1989, p. 202.

A *práxis* é ativa, produz-se historicamente, renova-se continuamente e se constitui praticamente, unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Como a realidade humano-social é *criada* pela *práxis*, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano: o que é humano e o que não é humano não são preestabelecidos, são determinados na história mediante uma diferenciação prática.³¹³

Gramsci foi o primeiro a formular explicitamente a ideia de que, concebido o homem como sujeito da *práxis*, não tem muito sentido perguntarmos: quem é o homem? O homem não *é*; seu ser consiste num tornar-se. O que nos cabe indagar, então, é: *o que o homem pode se tornar?* O homem existe se tornando algo diferente daquilo que ele era antes. Esse tornar-se é a *práxis*, é a história. O compromisso da filosofia da *práxis* com a mobilização crescente dos de “baixo”, com o aumento incessante da participação popular na transformação histórica da sociedade, leva tal filosofia a assumir postura provocativa, desmistificadora, e uma forma deliberadamente polêmica. Gramsci escreveu: “por seu caráter tendencial de filosofia de massa, a filosofia da *práxis* só pode ser concebida em forma polêmica, de luta permanente”.³¹⁴

A filosofia da *práxis* não pode se cristalizar ou ossificar num modelo doutrinário enrijecido: é um pensamento novo que inaugura uma postura filosófica nova. Também está fadada a atuar sempre com uma força comprometida com a inovação. Exatamente por isso, não dispõe de meios para se fazer compreender imediatamente como um todo, jamais caberá num conjunto de fórmulas ou preceitos, e não tem condições para exibir uma racionalidade “pura”. “As pessoas não conseguem assimilar a novidade radical da teoria e prática sem cair em pragmatismos e utilitarismos, logo o aprofundamento do conceito de unidade da teoria e prática ainda está numa fase inicial”, advertia Gramsci. Num dos fragmentos de *Cadernos do Cárcere*, pode-se ler:

Nenhuma força inovadora se realiza imediatamente, mas de fato é sempre racionalidade e irracionalidade, arbítrio e necessidade, é ‘vida’, isto é, tem todas as fraquezas e as forças da vida, suas contradições e suas antíteses.³¹⁵

³¹³ KOSIK, 1989, p. 202.

³¹⁴ GRAMSCI, Antônio. **II Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce**, Turim: Einaudi, 1952, p. 120.

³¹⁵ GRAMSCI, 1952, p. 12.

Resumindo, pode-se concluir que a *práxis* é uma ferramenta poderosa a ser usada pelas lideranças comunitárias do Alto da Caieira e por políticos progressistas conscientes de seu papel na construção de uma nova sociedade. É necessário que estes não se iludam com as mistificações da realidade, da *pseudoconcreticidade*, que é o mundo da reificação (a redução do ser humano a valores meramente materialistas) ou da alienação das aparências enganadoras. Em uma realidade assim distorcida, a verdade e o erro (hoje, as *fake news* e pós-verdades) se confundem, portanto a ambiguidade se generaliza. Uma *práxis* da comunidade do Alto da Caieira ocorre nos embates com as promessas do poder público: a cobrança do que foi prometido no período das eleições políticas. Os raros candidatos que aparecem por lá, quando eleitos, precisam cumprir com suas promessas. Caso contrário, mais uma vez a comunidade deixa de ter suas reivindicações básicas atendidas.

Mecanismo semelhante à *práxis* no sentido de se observar a realidade verdadeira dos mais pobres é a tríade crítica transformadora da pastoral católica – o ver-julgar-agir –, que atua junto às comunidades eclesiais de base, as CEBs. Essa tríade foi criada pelo cardeal francês Josef-Léon Cardijn, a pedido do Papa João XXIII e incluída em sua encíclica *Mater et Magistra*, de 1961. Esse documento lembrava os setenta anos de aniversário da famosa e revolucionária encíclica social *Rerum Novarum*, do Papa Leão XXIII, sobre as condições de exploração exponencial dos trabalhadores no início do capitalismo.

Essa tríade pastoral católica, aplicada na América latina, tem trazido segurança e eficácia na educação dinâmica da fé, respondendo às necessidades e aos desafios vividos pelo nosso povo. Hoje, esse método de catequese sofreu algumas revisões. Segundo o Diretório Nacional de Catequese, o termo “julgar” está hoje substituído por “iluminar” (escutar a Palavra de Deus) e acrescido de dois outros valores importantes de reflexão: “celebrar” (é momento privilegiado para a experiência da graça de Deus) e “rever” (revisar conteúdos e compromissos assumidos com as catequistas). Portanto esse método crítico de avaliar a realidade passou a ser: “ver-iluminar-agir-celebrar-rever”.³¹⁶

O compromisso do agir aparece hoje muito enriquecido com os princípios e critérios expostos no Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2005), que fundamenta e aplica nas realidades sociais uma ética e uma moral cristãs. Não são passos estanques nem sequência de operações, mas

³¹⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: CNBB, 2005, p.141-142; Doc. 84,157-162.

trata-se de um processo dinâmico na educação da fé para motivar os catequizados a conhecer e analisar criticamente a realidade social em que vivem, com seus condicionamentos econômicos, socioculturais, políticos e religiosos.³¹⁷

2.2.3 O conceito filosófico grego original da política e suas exigências éticas

Novamente citamos o grande filósofo Aristóteles, para quem a política é a ciência em atender bem os cidadãos da pólis, ou cidade. O objetivo maior da política seria a felicidade humana. Para o autor, esse tema divide-se em ética (que se preocupa com a felicidade individual do homem na pólis) e na política propriamente dita (que se preocupa com a felicidade coletiva da pólis). Noutras palavras, a política seria a ciência e arte do bem comum. O que hoje encontramos em nosso país está muito distante de tal objetivo.

É uma definição clássica, que tem o mérito de distinguir os dois tipos de bens indispensáveis à vida humana: os bens individuais, ou de família, e os bens comuns. Bens individuais ou familiares são aqueles que pertencem a uma pessoa ou família. Casa, roupas, alimentos, automóvel e tantos outros bens de uso pessoal ou doméstico são os mais típicos. Eles podem ser usados à vontade por seus donos, desde que esse uso não cause prejuízo a outras pessoas. Podem também ser transferidos ou vendidos a outras pessoas, segundo a vontade de seus proprietários.³¹⁸

Bens comuns são aqueles que pertencem ou são colocados a serviço de uma dada coletividade, para uso comum. A rua, o transporte público, as redes de água, eletricidade e esgoto, o sistema de saúde pública e o serviço de polícia são alguns exemplos de bens comuns. Atualmente, fala-se cada vez mais dessa categoria para designar os bens que nos são oferecidos gratuitamente pela natureza ou pelos antepassados, como a água, o ar puro, a biodiversidade, o conhecimento, as técnicas, as ondas de rádio e outros bens necessários à vida coletiva.³¹⁹ Embora ameaçados de privatização, esses bens são por natureza coletivos: não devem ser propriedade nem de pessoas físicas nem de empresas.

A política deve ser tratada como *ciência* porque o seu conhecimento exige esforço intelectual, uma vez que a realidade é muito

³¹⁷ CNBB, 2005, p.143; Doc. 84,157-158.

³¹⁸ CADERNO, 2022, p. 14.

³¹⁹ CADERNO, 2022, p. 15.

complexa. Ela requer a contribuição de ciências específicas, como a Ciência Política, a Sociologia, a História, a Filosofia, a Ética etc., mas vai além delas para captar a realidade mais profunda da vida coletiva, isto é, suas estruturas e seus processos. Para entender de política numa sociedade como a brasileira, não basta uma roda de conversa, nem acompanhar os noticiários, porque é preciso ir além das opiniões pessoais. É preciso entender a teoria do Estado, a relação entre Estado e as classes sociais, as instituições da Sociedade Civil, a relação entre economia e política, a divisão dos Poderes, e muito mais. É preciso ter um conhecimento bem fundamentado, ainda que simplificado, para ter atuação política realista, e não se limitar a debates de opinião que geralmente levam mais a desentendimentos do que ao conhecimento da realidade.³²⁰

Certamente não devemos deixar de participar da política por não dominarmos esse campo de conhecimentos, mas é preciso reconhecer nossos limites quando queremos atuar nele. Por isso devemos estar sempre dispostos a nos aprimorar por meio de uma sólida e permanente formação política³²¹. Outra forma de suprir essa carência de conhecimento é buscar a participação em conjunto com outras pessoas, pois é mais frequente errar sozinho do que num grupo que pensa e age em conjunto. O melhor é sempre unir as duas opções: formação permanente e atuação em grupo. Diante das muitas necessidades e anseios da coletividade, o que deve ser definido como prioridade? Esta é a grande questão política. Não é possível satisfazer a todos. Ao menos não é possível satisfazer a todos igualmente.³²² Quem faz política, tem que fazer escolhas, tem que assumir prioridades e assim correr riscos. E é fundamental que o critério seja sempre o bem comum maior, o bem coletivo.

Na teoria isso está claro, mas nas situações práticas nem sempre é fácil distinguir o que é o bem do meu bairro, da minha cidade, da minha Igreja, do meu grupo ou Partido, e o que é o bem de todos, o verdadeiro Bem Comum. Por isso é tão importante a democracia: ao dar vez e voz

³²⁰ CADERNO, 2022, p.16.

³²¹ Recomendo os seguintes sites para formação política: Centro Nacional de Fé e Política Dom Hélder Câmara: <http://www.cefep.org.br/>; Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular: <https://ceseep.org.br/>; Comissão Brasileira Justiça e Paz: <https://www.justicapaz.org>; Conselho Nacional do Laicato do Brasil: <https://www.cnlb.org.br/>; Núcleo de Estudos Sociopolíticos: <https://nesp.pucminas.br>; Movimento Nacional Fé e Política: <https://fepolitica.org.br/>.

³²² CADERNO, 2022, p. 16-17.

ao maior número possível de pessoas que compõem uma coletividade, há mais possibilidades de definir o Bem Comum do que ouvindo apenas vozes isoladas, por mais iluminadas que sejam. A democracia não é um sistema perfeito, mas de todos aqueles até hoje experimentados é o que se revelou melhor na busca do Bem Comum e da paz social.³²³

Ainda a respeito da importância e da ação da política e sua capacidade de afetar nossas vidas, é preciso mencionar a política fiscal. Embora aconteça geralmente longe dos olhos do público, ela é fundamental, pois arrecada recursos econômicos pelos impostos cobrados pelo estado brasileiro. A política fiscal ou orçamentária tem como objetivo a promoção da gestão financeira equilibrada dos recursos públicos, visando a assegurar a estabilidade e o crescimento econômico, o financiamento das políticas públicas e uma trajetória sustentável da dívida pública. A política fiscal reflete o conjunto de medidas pelas quais o Governo arrecada receitas e realiza despesas de modo a cumprir três funções: a estabilização macroeconômica, a redistribuição da renda e a alocação de recursos. O novo governo enfrentará desafios relevantes em 2023, incluindo a gestão do déficit fiscal, o investimento em setores estratégicos, o combate à desigualdade e à pobreza, a inflação, o crescimento econômico e o desenvolvimento social, e a governança e transparência. É fundamental que as políticas fiscais sejam elaboradas e implementadas de forma cuidadosa e transparente, para garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social sustentáveis.³²⁴

O princípio da Justiça obriga quem mais tem riquezas a contribuir mais do que quem tem menos condições, e todos têm o direito de receber os serviços necessários para uma vida digna e segura. O problema político é fazer as leis – fiscais e orçamentárias – que definem a contribuição de cada classe ou setor da sociedade em forma de impostos e taxas e a cada ano definir a destinação dos recursos arrecadados. Aí reside o grande debate político: quem define os serviços públicos a serem oferecidos à população, e quem arca com seus custos? São muitas as necessidades da população e são muito diferentes, de modo que o Estado não consegue satisfazer todas. É preciso estabelecer uma ordem de prioridades para

³²³ CADERNO, 2022, p.17.

³²⁴ GAIOSO. Victor. A conta vai bater? Os desafios da política fiscal brasileira em 2023. **Exame**, São Paulo, Panorama Econômico, 26 jan. 2023, não paginado. Disponível em: <<https://exame.com/colunistas/panorama-economico/a-conta-vai-bater-os-desafios-da-politica-fiscal-brasileira-em-2023/>> Acesso em: 10 jun. 2023.

atender aos serviços públicos mais importantes sem onerar demais a população com impostos.³²⁵

Esse é o problema que as Casas Legislativas devem resolver ao votar o orçamento de âmbito municipal, estadual e federal. Essa é a tarefa que o povo delega aos vereadores, deputados e senadores: examinar a proposta do Executivo e só aprovar despesas realmente necessárias ao bem comum. Por isso é tão importante votar para vereador(a), deputado(a) e senador(a): é delegar-lhes o poder de decidir quanto deveremos pagar de impostos e onde será aplicado todo o montante arrecadado. O problema é que o sistema tributário do Brasil não segue os preceitos da justiça social: os impostos recaem mais sobre rendimentos do trabalho (sob a forma de descontos e, principalmente, impostos sobre bens de consumo básico) do que sobre os rendimentos do capital (o lucro das empresas). O resultado é que os impostos recaem principalmente sobre as classes médias e as classes trabalhadoras.³²⁶ Enquanto uma minoria muito rica paga proporcionalmente muito pouco, para os pobres o valor abatido de seus já escassos salários é muito grande.

Países mais avançados na democracia fazem o contrário: neles os setores ricos contribuem mais do que os setores pobres, e os serviços públicos são de boa qualidade para todos. Assim, o sistema tributário pode contribuir eficazmente para diminuir a desigualdade social e econômica e favorecer o bem-estar de toda a população.³²⁷ É preciso avançar muito no sentido de uma maior democracia tributária social no Brasil, ainda muito desigual e injusta. Atualmente está no congresso uma reforma tributária proposta pelo novo governo federal, a PL 3887/2020, e se espera, para o nosso país, crescimento da economia e mais empregos para todos.

Última reforma tributária foi realizada no terrível regime militar de 1965. Agora há um sentimento nacional de todos os representantes regionais dos poderes públicos, como prefeitos e governadores, e também a nível federal, representado pelos deputados e senadores, realizarem esse complexo problema, pois envolve vários interesses da sociedade. Mas esperar é preciso, como se vê nessa intenção:

Em 2023 o Congresso Nacional e o governo federal vão fazer uma nova tentativa de aprovar a reforma tributária. Na abertura do ano Legislativo, a

³²⁵ CADERNO, 2022, p. 18.

³²⁶ CADERNO, 2022, p. 19.

³²⁷ CADERNO, 2022, p. 19.

simplificação dos impostos foi mais uma vez lembrada como prioridade para o país. O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e o presidente do Senado e do Congresso, Rodrigo Pacheco, pediram a reforma em suas mensagens. Assim como o presidente da Câmara, Arthur Lira, e outros deputados e senadores. A reforma é debatida há mais de 25 anos. Rodrigo Pacheco citou a reforma tributária como uma das prioridades de seu novo mandato à frente do Senado. Para ele, a reforma precisa tornar o sistema tributário mais fácil e menos burocrático. — Nós vamos buscar uma união com o Executivo para a reforma tributária. É muito importante que o Executivo participe. Reforma tributária sem a participação e sem a vontade do Executivo ela não sai, porque é a arrecadação do Estado brasileiro, de responsabilidade do Poder Executivo — afirmou Pacheco à imprensa após ser reeleito para a Presidência do Senado. Ele acrescentou que o texto da reforma tem que ser definido com a participação do governo federal, da Câmara, do Senado e dos governadores. Para Pacheco, a reforma precisa simplificar, desburocratizar e tornar "menos confuso" o sistema tributário brasileiro.³²⁸

2.2.4 Papa Francisco: a política como “amizade social” e “ciência e arte do bem comum”

Para o Papa Francisco, a política é a forma sublime, perfeita de se fazer a caridade, uma ação concreta de amor social para com todos, principalmente os mais excluídos da sociedade. Em sua encíclica *Fratelli tutti* (“todos irmãos”, em italiano), de 2020, Francisco alarga o conceito de amor ao próximo, dizendo:

É caridade acompanhar uma pessoa que sofre, mas é caridade também tudo o que se realiza – mesmo

³²⁸ AGÊNCIA SENADO. Congresso e Planalto vão tentar mais uma vez aprovar e reforma tributária. **Senado Federal**, Senado Notícias, [s.l.], 03 fev. 2023, não paginado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/03/congresso-e-planalto-vaio-tentar-mais-uma-vez-aprovar-a-reforma-tributaria>> Acesso em: 10 jun. 2023.

sem ter contato direto com essa pessoa – para modificar as condições sociais que provocam o seu sofrimento. Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio, e isto é caridade primorosa; mas o político constrói-lhe uma ponte, e isto também é caridade. É caridade se alguém ajuda outra pessoa fornecendo-lhe comida, mas o político cria-lhe um emprego, exercendo uma forma sublime de caridade que enobrece a sua ação política.³²⁹

Assim, vimos que ajudar uma pessoa a atravessar um rio é obra de caridade; mas construir uma ponte para que toda pessoa possa atravessar o rio com segurança é melhor ainda. São duas formas bem diferentes do mesmo amor ao próximo, que podem se complementar. Na primeira, o amor tem um destinatário individualizado; na segunda, o amor beneficia todas as pessoas – conhecidas ou não – que precisam atravessar o rio. A partir desse exemplo bem concreto, Francisco vai mais longe dando o exemplo do emprego, que é a melhor maneira de garantir comida a quem tem fome.³³⁰ O Papa Francisco insiste na oportunidade de trabalho como forma de dar dignidade e esperança a todos em vencer os seus obstáculos materiais mais básicos, um projeto além do velho assistencialismo secular e burguês.

A grande questão é o trabalho. Ser verdadeiramente popular – porque promove o bem do povo – é garantir a todos a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um, as suas capacidades, a sua iniciativa, as suas forças. Esta é a melhor ajuda para um pobre, o melhor caminho para uma existência digna. Por isso, insisto que “ajudar os pobres com o dinheiro deve sempre ser um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho.”³³¹

Nosso Papa retoma aqui a conhecida fórmula de que “para matar a fome do outro, é melhor dar um anzol e ensinar a pescar do que dar o peixe”, mas vai além dela. Se o local de pesca estiver cercado, ou se

³²⁹ FRANCISCO, 2020, p. 96; FT 182.

³³⁰ CADERNO, 2022, p. 11.

³³¹ FRANCISCO, 2020, p. 86; FT 162.

matarem o rio ou o pesqueiro com agrotóxicos e rejeitos venenosos, não adianta saber pescar, nem mesmo tendo o equipamento necessário. É preciso, em primeiro lugar, ter livre acesso ao pesqueiro e preservar a vida das águas. Aí entra a política como “forma sublime de caridade”. Para explicar essa passagem do amor individual ao amor social, o Papa retoma um conceito pouco utilizado, mas não é difícil entender o seu sentido. Vejamos:³³²

Existe o chamado amor “elícito”: expressa os atos que brotam diretamente da virtude da caridade, dirigidos a pessoas e povos. Mas há também um amor “imperado”: traduz os atos de caridade que nos impelem a criar instituições mais sadias, regulamentos mais justos, estruturas mais solidárias. Por isso, é “um ato de caridade, igualmente indispensável, o empenho com o objetivo de organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não se venha a encontrar na miséria.”³³³

Francisco indica a passagem de ações caritativas individuais para a criação de instituições pautadas pela justiça e de estruturas solidárias. Uma instituição, uma vez estabelecida, pauta o comportamento de todas as pessoas a ela ligadas, porque cada uma deve cumprir o papel que a instituição determina. Na instituição escolar, por exemplo, existem obrigações para quem exerce o papel de professor, estudante e diretor. Que consequências teria para o conjunto das interações o não cumprimento das funções esperadas? Qual é o resultado que alcança uma instituição quando as pessoas não realizam o que lhes cabe com zelo e dedicação? É por isso que toda sociedade tem instituições que regulam os diversos campos de sua vida: econômico, político, familiar, cultural, religioso etc. A política é uma dessas instituições que estruturam a sociedade e que pode ser – dependendo da forma como é estabelecida – mais justa, democrática e humana ou, ao contrário, desigual, autoritária e desumana.³³⁴

A política é a forma mais perfeita da caridade, já falava o Papa Pio XI (1857-1939). Vale sublinhar que, em termos evangélicos, caridade não é só esmola e assistencialismo, mas garantia de condições reais de vida a

³³² CADERNO, 2022, p. 12.

³³³ FRANCISCO, 2020, p. 98; FT 186.

³³⁴ CADERNO, 2022, p. 12.

toda pessoa humana. Portanto, ao escolhermos nossos líderes políticos, convém termos presentes alguns princípios da Doutrina Social da Igreja. É preciso rever os critérios fundamentais para o exercício da autoridade como serviço, e não tanto como poder. Em princípio, o horizonte primordial de toda política é a busca do bem comum. Ou seja, o *maior bem* para o maior número possível de pessoas. Semelhante compromisso exclui todo tipo de atalhos escusos e escuros, no sentido de tentar privilegiar interesses pessoais e familiares, de amigos ou compadres. Corporativismo, balcão de negócios, toma lá dá cá, compra e venda de influência, corrupção e outras práticas conhecidas devem estar fora da agenda de um verdadeiro político.³³⁵

Se a atitude moral é sempre relevante, focar apenas nisso não é suficiente. As autoridades eleitas para representar a população, além de figurarem como modelos de testemunho, são chamadas a trabalhar pela justiça e pela paz. Na encíclica *Populorum progressio*, de 1967, São Paulo VI afirma que “o desenvolvimento é o novo nome da paz”. Não bastam o progresso técnico e o crescimento econômico por si sós. Não basta aumentar a produção de bens e serviços. Estes devem caminhar juntos com um empenho pela distribuição justa de tudo o que é produzido pelo trabalho humano.³³⁶

É evidente que onde gira muito dinheiro (e este é o caso do mundo político) as tentações são maiores, mas também ali há muitas pessoas que não se deixam levar por interesses financeiros. E essas pessoas incomodam – e muito – principalmente aos quem fazem da política um campo para ganhos ilícitos e de práticas criminosas que só beneficiam seu grupo e não o interesse geral. Para essas pessoas que fazem da política uma atividade criminosa, bom seria que não houvesse gente séria, honesta, correta e bem-intencionada no campo da política. Convém a quem quer cometer crimes afastar da política quem age corretamente dentro do direito. A melhor maneira para isso é passar a ideia de que na política só existe sujeira. Francisco conhece bem esse problema. Eis o que ele diz na *Fratelli Tutti*:

Atualmente muitos possuem uma má noção da política, e não se pode ignorar que frequentemente,

³³⁵ GONÇALVES, Pe. Alfredo José. A política é a forma mais perfeita da caridade. **O São Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2022, não paginado. Disponível em: <<https://osaopaulo.org.br/colunas/a-politica-e-a-forma-mais-perfeita-da-caridade/>> Acesso em: 10 jun. 2023.

³³⁶ GONÇALVES, 2022, não paginado.

por trás deste fato, estão os erros, a corrupção e a ineficiência de alguns políticos. A isto vêm juntar-se as estratégias que visam enfraquecê-la, substituí-la pela economia ou dominá-la por alguma ideologia. E, contudo, poderá o mundo funcionar sem política? Poderá encontrar um caminho eficaz para a fraternidade universal e a paz social sem uma boa política?³³⁷

Com frequência, ocorre que a democracia no campo visível da política não chega aos mecanismos invisíveis da economia. É como se a democracia navegasse nas ondas superficiais da sociedade, sem modificar as correntes profundas do modo de produção, comércio e consumo. Daí a espiral perversa da acumulação: de um lado, crescem a renda e a riqueza de um punhado de poderosos; de outro, cresce a exclusão social de grande parte da população. “Ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”, alertava São João Paulo II.³³⁸

Um destaque importante para as lideranças da comunidade do Alto da Caieira é sempre acreditar no poder como instrumento para realizar ações que levem a atender o coletivo, principalmente os mais pobres. Assim é fundamental partilhar o poder, ou seja, ser assessorado por pessoas honestas e jamais exercer o poder absoluto, tirano, que leva à corrupção. É importante nesta luta ter apoio em casa, com uma companheira ou companheiro que entenda em seu coração que o pacto matrimonial é um consórcio íntimo de toda a vida e que o casamento como doutrina católica é sacramento de “comunhão da vida toda”, ambos dispostos a dar e receber. Ou seja, é a missão da santificação do casal, conforme o cânone 1055 do Código de Direito Canônico.³³⁹

Outro aspecto reflexivo sobre o poder é que ele não corrompe por si só, ou seja, ele revela o mau caráter já escondido nas pessoas. Como afirmava o grande psicológico francês Didier Anzieu, “o poder não corrompe, revela”. Para Anzieu, corromper significa revelar uma natureza oculta e oposta à natureza que sempre existiu, a natureza que era aquela mesma, não era outra. Simplesmente o poder pôs em relevo e fez com que aparecesse o que já era – a mala preta do avião não havia sido

³³⁷ FRANCISCO, 2020, p. 94; FT 176.

³³⁸ GONÇALVES, 2022, não paginado.

³³⁹ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. 2. ed. Brasília: CNBB, 2022, p. 230; CDC 1055.

aberta até determinado momento.³⁴⁰ Para o enfrentamento dessa pressão em relação ao poder, é importante as lideranças se alimentarem de uma espiritualidade forte, por isso a importância de retiros, seminários e outras experiências espirituais que as levem a ter mais compaixão em seus corações. É a compaixão que serve de chave para contribuir com a felicidade e o bem-estar do outro. Isso pode se tornar um hábito, desde que exercitado. Por sua vez, isso exige a intenção, a vontade de realizar ações compassivas diárias. À consciência, cabe escolha. O coração, a mente e a comunidade sofredora agradecem por líderes mais humanos.

Nos últimos anos, essa estratégia de desqualificação dos políticos tornou-se uma verdadeira arma de guerra, chamadas de “guerra de quarta geração” ou “guerra híbrida”, porque nela a arma principal é a informação destinada a destruir moralmente o adversário. Há muito tempo, a mentira e a informação deturpada são usadas para destruir moralmente adversários políticos, mas atualmente a informática aumentou muito o seu poder destrutivo. A informação é manipulada com o rigor do método científico e de cálculos matemáticos, e, depois de testada em laboratório, é empregada para combater o adversário considerado hostil. Os meios disponibilizados neste século pela internet elevaram sua capacidade de destruição a um patamar antes inimaginável.³⁴¹ Na Encíclica *Fratelli Tutti*, Papa Francisco afirma:

[...] Não se pode ignorar que há interesses econômicos gigantescos que operam no mundo digital, capazes de realizar formas de controle que são tão sutis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático. O funcionamento de muitas plataformas acaba frequentemente por favorecer o encontro entre pessoas com as mesmas ideias, dificultando o confronto entre as diferenças. Estes circuitos fechados facilitam a divulgação de informações e notícias falsas, fomentando preconceitos e ódios”.³⁴²

³⁴⁰ “O PODER não corrompe, revela.” (Didier Anzieu). **Conexão T&D**, Florianópolis, 23 out. 2018, não paginado. Disponível em: <<https://www.conexaoted.com.br/post/o-poder-n%C3%A3o-corrompe-revela-didier-anzieu>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

³⁴¹ CADERNO, 2022, p. 23.

³⁴² FRANCISCO, 2020, p. 32; FT 45.

A explicação do seu sucesso está no fato de que as pessoas tendem a dar crédito às informações que lhes agradam. Trata-se, então, de produzir informações parcialmente verdadeiras (pós-verdades) ou falsificadas (*fake news*) que sejam aceitáveis para quem vai receber. Elas são veiculadas pela combinação da grande mídia (emissoras de televisão, rádios e jornais), mídias digitais (whatsapp, facebook, twitter, tik-tok e outras) e de instituições de forte credibilidade, como igrejas cristãs, ONGs ou institutos de pesquisa. O fato de a informação vir de várias fontes lhe dá uma aura de verdade. Para completar o processo, desqualificam-se outras fontes, acusando-as de terem sido corrompidas. Resultado: ao receber uma notícia que a pessoa deseja ser verdadeira, ela logo a transmite a outras pessoas de sua rede de relacionamentos. Assim a informação vai-se reproduzindo até destruir moralmente o inimigo. É como um vírus de computador ou de uma pandemia: quem é infectado por ele infecta outras pessoas.³⁴³

Diante dessa forma de guerra ideológica não basta a indignação ética contra a pós-verdade e as *fake news*: quem não aprender a combatê-las será facilmente derrotado pelas armas ideológicas a serviço de quem quer exercer o poder sem submeter-se às regras da democracia. Esse é o objetivo das forças antidemocráticas que promovem a guerra de desinformação contra a cidadania, onde todos perdem.³⁴⁴ Daí resulta o completo afastamento do povo do debate e da participação nas políticas públicas, por pensar que estas são práticas imorais e vergonhosas.

Agora o Papa Francisco apresenta propostas de ação, de enfrentamento diante dessa ameaça cada dia mais real. É surpreendente o que ele nos ensina na Exortação *Evangelii Gaudium*, onde estão apresentadas as grandes linhas que ele quer para a Igreja:

Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum. [...] Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham

³⁴³ CADERNO, 2022, p. 23.

³⁴⁴ CADERNO, 2022, p. 24.

verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres.³⁴⁵

O Papa bem sabe das dificuldades que envolvem a atividade política. Por isso mesmo a sua Encíclica *Fratelli Tutti* tem como tema principal a política como expressão da Amizade social. Ensina ele:

Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que assegurem a sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade. [...] Trata-se de avançar para uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social. Convido uma vez mais a revalorizar a política, que “é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum”.³⁴⁶

Os laços de amizade que devem unir todos os seres humanos numa grande comunidade na qual ninguém tenha seus direitos desrespeitados, inclusive o direito à diferença, são a expressão coletiva do mandamento do Amor. Essa é a mesma mensagem do Evangelho em linguagem atual. E o Papa está consciente da dificuldade em torná-la efetiva em toda a Terra. Ele retoma o conceito de solidariedade como forma política da caridade e explica o que isso significa ao longo da Encíclica *Fratelli Tutti*. Francisco aponta para o vasto horizonte que hoje se abre para a ação da Igreja no mundo: os movimentos populares como novos instrumentos de ação política em favor da luta pelos “três Ts”: Terra, Teto e Trabalho como direitos de todo ser humano.³⁴⁷

O Papa Francisco faz uma apelação para se atuar em diferentes espaços da política, com enfoque na presença dos movimentos populares, porque em geral somos levados a pensar a política unicamente no espaço do Estado, como relação entre grupos – geralmente organizados em forma de Partidos ou Frentes Políticas – que disputam o poder de definir as linhas de ação do Estado. Esta é a imagem mais generalizada de política:

³⁴⁵ FRANCISCO. *Carta encíclica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013, p. 123; EG 205.

³⁴⁶ FRANCISCO, 2020, p. 95; FT 180.

³⁴⁷ CADERNO, 2022, p. 25.

os Partidos disputam o direito de exercer os dois Poderes do Estado que são objeto de eleições: o Executivo (a Prefeitura Municipal, o Governo dos Estados e a Presidência da República) e o Legislativo (Câmaras Municipais, Câmara Legislativa, Assembleias Estaduais, Câmara de Deputados e Senado Federal). O Poder Judiciário, e também o Ministério Público, são ocupados por pessoas que foram aprovadas em concurso público. Todavia, neles, as indicações políticas são exclusivas para os cargos superiores de direção, feitas pelo chefe do Executivo a partir de listas tríplices.³⁴⁸

De fato, o Estado, em suas três instâncias – municipal, estadual e federal – é o espaço por excelência da Política, porque ali são debatidas, definidas e executadas as políticas públicas. Existem diferentes objetos de políticas públicas. As mais conhecidas são as políticas sociais – educação, saúde, segurança, habitação, transportes etc. – mas há outras que também interferem diretamente na vida cotidiana da população, como as políticas econômicas: monetária (define a quantidade de moeda necessária para a economia funcionar sem inflação), cambial (define a relação entre a moeda nacional e outras moedas de referência), fiscal (define quanto o Estado arrecada e quanto pode gastar).³⁴⁹

Por isso se diz que o Estado é campo próprio da Política, mas não é o único. Também a Economia, a Sociedade, a Cultura e a Religião são campos de ação política. O próprio território em que se vive é um espaço político, como mostram as Associações de Moradores, tão valiosas para assegurar o bem comum da vizinhança e a ajuda mútua. Nesses campos atuam os movimentos sociais que congregam pessoas em defesa de seus direitos específicos, articulando-os com os direitos de toda a coletividade, como os movimentos sindicais, de camponeses e lavradores sem-terra, de povos indígenas, de mulheres, de negros, movimentos ecológicos, e tantos outros.³⁵⁰

Situando a comunidade em estudo, sua localização e características geológicas, Camilo Buss Araújo descreve que as comunidades do Mont Serrat e Alto da Caieira fazem parte do Maciço Central do Morro da Cruz, localizando-se na sua vertente oeste. Voltada

³⁴⁸ CADERNO, 2022, p. 25.

³⁴⁹ CADERNO, 2022, p. 26.

³⁵⁰ CADERNO, 2022, p. 26.

para o centro da cidade, tem como principais vias de acesso as ruas Nestor Passos e a General Vieira da Rosa, próximas à Avenida Mauro Ramos.³⁵¹

O Mont Serrat situa-se perto do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) e faz fronteira com as comunidades da Nova Descoberta, Quebra-Pote, Alto da Caieira e Major Costa. Como os solos destas comunidades são de camadas variadas, desenvolveu-se vegetação classificada como Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica) e com seu desmatamento aceleram-se os processos erosivos. Ou seja, são áreas de risco para construção de moradias.³⁵²

De acordo com Barbosa, no Brasil, quando nos referimos ao termo “comunidade”, invariavelmente, fazemos referência a agrupamentos sociais em que imperam as consequências mais desastrosas do desenvolvimento do capitalismo tardio ou num fenômeno que se resolveu denominar globalização: espaços de exclusão social, pobreza, desigualdades e contrastes. Neste percurso, a Avenida Mauro Ramos é o marco divisor, a fronteira que os moradores têm para “viver a cidade”, no sentido de desfrutar dos benefícios que a cidade oferece.³⁵³

Nos anos 1980, desenvolveu-se um tipo peculiar de política pública municipal em Florianópolis, caracterizada por mutirões realizados nas comunidades pobres da cidade. Os mutirões eram parte de uma ação da prefeitura que se utilizava das comunidades como mão-de-obra barata³⁵⁴ para a execução de obras públicas municipais. Essas ações tiveram grandes impactos no cotidiano do Mont Serrat e, mais tarde, no Alto da Caieira. A importância desses mutirões não está simplesmente no fato de se utilizar, por esse meio, da mão-de-obra da periferia, mas nos aspectos de positividade que se proporcionou para o surgimento de um processo de conscientização do papel dos moradores da comunidade frente aos espaços da cidade, espaços de lutas, de discussão, de convivência.³⁵⁵

³⁵¹ ARAÚJO, Camilo Buss. **A sociedade sem exclusão do Padre Vilson Groh:** a construção dos movimentos sociais na comunidade do Mont Serrat. Florianópolis: Insular, 2004, p. 18.

³⁵² MORO, 2016, p. 42.

³⁵³ MORO, 2016, p. 44.

³⁵⁴ GROH, Vilson. **Labirintos de esperanças:** o significado pedagógico das histórias de vida de lideranças populares na trajetória comunidade, CEDEP, orçamento participativo na cidade de Florianópolis. 270 p. Dissertação (Mestrado), Departamento de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998, p. 47.

³⁵⁵ MORO, 2016, p. 55.

Embora geralmente as elites e os poderosos no campo financeiro, econômico e político tratem os movimentos populares de forma negativa, como se estes fossem contra o progresso e o desenvolvimento, defendendo valores do passado, Francisco os vê com grande esperança:

Os Movimentos Populares que reúnem desempregados, trabalhadores precários e informais e tantos outros que não entram facilmente nos canais já estabelecidos são “semeadores de mudanças, promotores de um processo para o qual convergem milhões de pequenas e grandes ações interligadas de modo criativo, como numa poesia”. Neste sentido, são “poetas sociais” que à sua maneira trabalham, propõem, promovem e libertam. Com eles, será possível um desenvolvimento humano integral, que implica superar “a ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres, e muito menos inserida num projeto que reúna os povos”. Embora incomodem e mesmo se alguns “pensadores” não sabem como classificá-los, é preciso ter a coragem de reconhecer que, sem eles, “a democracia atrofia-se, torna-se um nominalismo, uma formalidade, perde representatividade, vai-se desencarnando porque deixa fora o povo na sua luta diária pela dignidade, na construção de seu destino.”³⁵⁶

Espaço privilegiado para a atuação dos movimentos sociais são os Conselhos de Cidadania criados pela Constituição de 1988, para estabelecer o diálogo entre representantes da Sociedade Civil e representantes do Poder Público na definição de políticas públicas específicas. Conselhos como de Saúde, da Assistência Social, da Criança e de Adolescentes, de Segurança Alimentar e Nutricional e outros são um espaço de grande importância para a participação popular na definição de políticas públicas. Apesar das interferências do Poder Executivo no sentido de limitar seu poder de decisão, chegando até a extinção de muitos conselhos em âmbito federal em janeiro de 2019, é preciso insistir no seu valor para a democracia. Os Conselhos são a melhor garantia aos direitos

³⁵⁶ FRANCISCO, 2020, p. 90; FT 169.

de cidadania e ao bem-estar da população em geral, especialmente em seus setores mais vulneráveis.³⁵⁷

Dessa forma, na comunidade do Alto da Caieira, houve uma inversão das consequências desses mutirões, em que os moradores começaram a pensar sobre seus atos. Foi a partir disso que a comunidade transformou os mutirões em espaços que criavam reflexão, articulando o fazer e o pensar coletivos. Ao final dos trabalhos, faziam-se reuniões que tinham como escopo de discussão as problemáticas da comunidade e procurava-se indagar sobre seus desafios, conflitos e necessidades.³⁵⁸

Com esse processo, a comunidade iniciou uma busca de suas raízes, dos porquês de sua formação e de sua atual situação na cidade. Essa busca se deu essencialmente através da oralidade, das conversas e lembranças dos moradores mais antigos, contando-se a trajetória de suas famílias, lembrando e reconstruindo sua própria história. Os mutirões “aconteceram todos os sábados e domingos, e algumas vezes durante a noite, no período de 1983 a 1985”.³⁵⁹

Finalmente pode-se concluir que é muito vasto o campo da Política. Embora seu espaço mais visível seja o Estado, no qual o principal conduto de atuação são os Partidos, ele não é o único. Também o campo da sociedade e da cultura são espaços importantes para orientar os rumos do pensamento, dos valores e dos direitos de cidadania. Esse é o campo privilegiado de atuação dos Movimentos Sociais e Populares. Existem, portanto, diferentes campos de atuação política, cada qual com sua importância para o estabelecimento da fraternidade social. Cada pessoa deve de inserir naquele campo que melhor se conforma às suas aptidões. Há quem tenha vocação para a política partidária, outras pessoas sentem-se melhor nos movimentos sociais ou nos Conselhos de cidadania. O que não vale, especialmente para os seguidores e seguidoras de Jesus, é a omissão. A política é um campo extenso, e como cristãos não podemos nos omitir, porque ela faz parte da amizade social, de nossa luta pela vida e pelo bem comum.³⁶⁰

2.3 SECTARISMO, RADICALISMO E O ESPERANÇAR

As lideranças do Alto da Caieira atuam de maneira radical para enfrentar os seus problemas diários, o que é salutar, pois isso significa

³⁵⁷ CADERNO, 2022, p. 27.

³⁵⁸ GROH, 1998, p. 47.

³⁵⁹ GROH, 1998, p. 48.

³⁶⁰ CADERNO, 2022, p. 27.

resolvê-los pela raiz, superá-los definitivamente. Porém, a mídia confunde o termo “radical” com “sectário”, chamando, por exemplo, os “homens-bomba” de radicais, o que está incorreto. Pode-se entender que há na mídia uma postura cultural conservadora no sentido de retardar aos seus leitores e ouvintes o desenvolvimento de uma consciência social crítica transformadora da realidade.

Paulo Freire, patrono da educação brasileira, em seu famoso livro *A pedagogia do oprimido*, distingue muito bem estes dois substantivos (radicalização e sectarização). Segundo ele, a sectarização é sempre castradora, por conta do fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a primeira é mítica, por isso alienante, a segunda é crítica, por isso libertadora. A radicalização liberta porque, implicando o enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, engaja-os cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta e objetiva.³⁶¹

Já a sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada. Parta de quem partir, ela é um obstáculo à emancipação dos homens. Não são raros os revolucionários que se tornam reacionários, ao responderem à sectarização direitista. Paulo Freire continua:

O sectário, por sua vez, qualquer que seja a opção de onde parta na sua “irracionalidade” que o cega, não percebe ou não pode perceber a dinâmica da realidade ou a percebe equivocadamente. Até quando se pensa equivocadamente sua interpretação dialética da realidade, da história, porque é uma “dialética domesticada”, levando-se a cair em posições de realidade fundamentalmente fatalistas.³⁶²

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la.³⁶³

Este mesmo radical não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento (tirar o véu) do mundo. Não teme o encontro com o povo.

³⁶¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 22.

³⁶² FREIRE, 1977, p. 22-23.

³⁶³ FREIRE, 1977, p. 24.

Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertadores dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. Se a sectarização é própria do reacionário, a radicalização é própria do revolucionário. Paulo Freire deixa claro também que ter postura radical não é ser dócil como objeto de dominação pelas forças de opressão econômica, cultural e social. Precisamente porque inscrito, como radical, num processo de libertação, não pode ficar passivo diante da violência do dominador.³⁶⁴

Importante destacar que a postura sectária em ambas as posições políticas, a esquerda e a direita, é reacionária, ou seja, oposta a mudanças políticas e sociais, porque um ou outro, apropriando-se do tempo de cujo saber se sentem igualmente proprietários, terminam sem o povo, estão contra ele. Enquanto o sectário de direita, fechando-se em sua verdade, não faz mais do que o que lhe é próprio, o homem de esquerda, que se sectariza e também se encerra, é a negação de si mesmo. Um, na posição que lhe é própria; o outro, na que o nega, ambos girando em torno de sua verdade, sentem-se abalados na sua segurança, se alguém a discute. Daí que lhes seja necessário considerar como mentira tudo que não seja a verdade. “Sofrem ambos a falta de dúvida”.³⁶⁵

Já o radical, comprometido com a libertação das pessoas, não se deixa prender em círculos de sua segurança, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. E mais, o radical não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento (descobrimto daquilo que estava oculto) do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Rosa de Luxemburgo, em seu livro *Reforma ou Revolução*, chamava a atenção: “Enquanto o conhecimento teórico permanece como privilégio de uns quantos ‘acadêmicos’ dentro do Partido, este se encontrará em grande perigo de ir ao fracasso.”³⁶⁶ Freire continua esclarecendo que o radical não se sente dono do tempo, nem dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. Se a sectarização, como afirmamos, é própria do reacionário, a radicalização é própria do revolucionário.³⁶⁷

³⁶⁴ FREIRE, 1977, p. 22-23.

³⁶⁵ FREIRE, 1977, p. 24.

³⁶⁶ LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma o Revolución?* In MILLS, Charles Wright. **Los Marxistas**. México: Ed. Era S.A., 1964, p. 171.

³⁶⁷ FREIRE, 1977, p. 24.

Sectários de direita e de esquerda, ao fecharem-se em seu círculo de segurança, do qual não podem sair, estabelecem ambos a sua verdade. E esta não é a das pessoas na luta para construir o futuro, correndo o risco desta própria construção. Não é a das pessoas lutando e aprendendo, umas com as outras, a edificar este futuro que ainda não está dado, que não é destino, como se devesse ser recebido pelos homens e não criado por eles.³⁶⁸

Aproveitando os conceitos de Paulo Freire, pode-se dizer que aqueles em posições sectárias terão dificuldades de entender esta breve pesquisa, que ressalta a importância de posturas radicais nos embates contra o mal no mundo, bem como a disposição de fé e lutas emancipatórias dos mais sofridos por um lugar ao sol.

Sobre esperar e esperar, Paulo Freire, nos alerta o seguinte: “quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã”. Essa é a diferença marcante entre o esperar e o esperar. Esperar nasce do sonho, da ousadia, e se concretiza no “que-fazer”, nas ações colaborativas, que exigem a denúncia da opressão em qualquer uma de suas formas, implícitas ou explícitas. Exige a imersão crítica na realidade, o reconhecimento autobiográfico de estar inserido em relações sociais contraditórias, e, como ser humano, romper com os condicionamentos, atuando como sujeito histórico fazedor de cultura e de novas histórias libertárias. Nesse contexto de construção coletiva, concretiza-se a gestação para a liberdade e o surgimento de homens e mulheres novos, não mais escravizados e entregues a sua própria sorte. Agora são sujeitos com autonomia, que exigem seus direitos de ter uma vida digna, fraterna e justa, e que lutam por uma sociedade autenticamente democrática, portanto sujeitos que educam e se educam como perspectiva e prática de liberdade.³⁶⁹

Diante dessa reflexão, torna-se necessário perguntarmos: vamos ficar à espera de que alguém decida mudar o mundo por nós? Que tipo de sementes queremos plantar? Como cuidar de nossos jardins e quintais, para que eles embelezem de vida nossas casas, nosso Ethos, nossa morada – o planeta Terra? Quem estará conosco no dia a dia dessa labuta? Como será a partilha daquilo que plantarmos e colhermos? Como resistiremos aos inimigos comuns que sempre estarão prontos a minar a nossa autoestima e a nossa autoconfiança, a inserir a desconfiança entre nós e a

³⁶⁸ FREIRE, 1977, p. 23-24.

³⁶⁹ ALBUQUERQUE, Targelia de Souza; SOUZA, Karla Fornari de. Sonhar, ousar e esperar no coletivo: novos jeitos de fazer escolas democráticas. **Paulo Freire na escola**: série cadernos pedagógicos, Recife, n 6, p. 11-29, 2021, p.13.

atuar com estratégias inovadoras para nos dispersar ou fragmentar? São diversas as forças opressoras que se personificam de diferentes modos, assumem várias faces e interpenetram as nossas vidas com uma criatividade devastadora para nos desanimar, tentar ofuscar nossos propósitos, desqualificar nossos sonhos, para que desistamos de prosseguir no plantio e na colheita.³⁷⁰

Por essa razão, em nossas comunidades, ninguém solta a mão de ninguém, pois, sozinhas (os) jamais daremos conta, mas juntas, juntos e juntas somos fortes, temos vigor e seremos capazes de, com vigilância ética, sonharmos e ousarmos criar novos jeitos de construir comunidades cada vez mais conscientes politicamente. Precisamos combater sempre os negativistas, exercer o bom combate na luta por uma educação humanista libertadora. E, na nossa comunidade, quando alguém criar estratégias emancipatórias, vamos dar as mãos e fortalecê-las, combatendo os negativistas e negacionistas com argumentação, serenidade e, sobretudo, amorosidade lúcida.³⁷¹

No momento em que a comunidade do Alto da Caieira pensa sobre seu papel e decide lutar por sua história, reconstruindo-a, ela demonstra a sua força para atuar contra as dificuldades postas pelo *modus operandi* das relações da cidade que exclui (e excluiu), que não possibilita mobilidade dos negros descendentes de escravos que ainda hoje se contraem nos espaços restritos da cidade. Nesse momento, os moradores dão um passo decisivo em sua história, porque deixam claro que não estão dispostos a aceitar o instituído, a conviver nas impossibilidades que dificultam seu viver.³⁷²

Fica exposto o viés transformador possibilitado pelos mutirões, que, ao reunir os moradores da comunidade, irreversivelmente criaram um espaço de reflexão, discussão e, principalmente, de aprendizado de sua condição histórico-social. Assim eles puderam ter consciência das possibilidades de mudança da ordem instituída a partir de ações coletivas visando a melhoria das condições de vida, de relacionamento, de convivência e da vida da comunidade. Puderam alcançar um olhar para além do visto, vislumbrando o escondido, o camuflado, e sonhando utopias de vida.³⁷³

Finalizando, o papa Bento XVI, em sua encíclica *Deus é Amor*, fala da importância das três virtudes teologais andarem sempre juntas,

³⁷⁰ ALBUQUERQUE; SOUZA, 2021, p. 13

³⁷¹ ALBUQUERQUE; SOUZA, 2021, p. 14.

³⁷² MORO, 2016, p. 56.

³⁷³ MORO, 2016, p. 56.

auxiliando nossa fé interior espiritual para nunca desistir, em qualquer situação da vida. Partindo disso teremos forças suficientes para o grande desafio escatológico do porvir se desde já iniciarmos a construção do Reino de Deus, do Reino do amor, do serviço desinteressado com as pessoas a nosso redor.

A fé, a esperança e a caridade caminham juntas. A esperança manifesta-se praticamente nas virtudes da paciência, que não esmorece no bem nem mesmo diante de aparente insucesso, e da humildade, que aceita o mistério de Deus e confia n'Ele mesmo na escuridão. A fé mostra-nos o Deus que entregou seu Filho por nós e assim gera em nós a certeza vitoriosa de que isto é mesmo verdade: Deus é amor! Desse modo, ela transforma nossa impaciência e nossas dúvidas em esperança segura de que Deus tem o mundo em suas mãos e que, não obstante todas as trevas, Ele vence, como revela de forma esplendorosa o Apocalipse, no final, com suas imagens impressionantes. A fé, que toma consciência do amor de Deus revelado no coração trespassado de Jesus na cruz, suscita por sua vez o amor. Aquele amor divino é a luz --- fundamentalmente, a única--- que ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá coragem de viver e agir. O amor é possível e nós somos capazes de praticá-lo porque criados à imagem de Deus. Viver o amor e, assim, fazer entrar a luz de Deus no mundo: esse é o convite que vos queria deixar com a presente encíclica.³⁷⁴

2.4 A PASTORAL SOCIAL NA CONVERSÃO DO CORAÇÃO E DAS ESTRUTURAS DA SOCIEDADE

Vimos até agora que a caridade é, sem dúvida, o centro da fé cristã: "Deus é amor", e "todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus", pois "o amor vem de Deus".³⁷⁵ A fé cristã é uma fé ativada e dinamizada pela caridade.³⁷⁶ Não há nada maior e mais importante que a

³⁷⁴ BENTO XVI, 2005, não paginado; DCE 39.

³⁷⁵ 1Jo 4,8-16

³⁷⁶ 1Jo 3,18

caridade.³⁷⁷ Toda a Lei se resume no amor a Deus e ao próximo e o amor ao próximo é o critério de amor a Deus.³⁷⁸ É o critério último, ou escatológico, da vida eterna ou do Reino de Deus.³⁷⁹ De modo que não há nada maior, mais importante, mais santo, mais espiritual, mais religioso, mais definitivo que o amor. E este deve ser real, concreto: "não amemos com palavras e com a língua, mas com ações e em verdade"³⁸⁰.³⁸¹

Esta preocupação, vinda do magistério de Roma, sobre a caridade ou amor aos mais pobres, vem respaldada pelas recentes encíclicas papais, deixando claríssimo que a sua opção pelos pobres e marginalizados é constitutivo da fé cristã. Esse foi reforçado por João Paulo II, na Encíclica *Solicitudo Rei Sociales*, de 1987; por Bento XVI, em sua Encíclica *Deus Caritas*, de 2005; e na recente encíclica do papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013, onde afirma que "no coração de Deus ocupam lugar preferencial os pobres", em seu número 197.

Numa análise crítica, é preciso observar que na Igreja não se deve restringir a uma caridade cristã de dimensão somente assistencial ou ao que se convencionou chamar obras de misericórdia, como visitar doentes, idosos e encarcerados, distribuir alimentos e roupas (campanhas no inverno aqui no sul), socorrer pessoas em suas necessidades imediatas e cotidianas etc. Certamente isso é necessário e é evangélico. Porém é importante dar um passo a mais e combater o pior mal no mundo de hoje: a fome advinda de estruturas sociais injustas, que batem de frente com a proposta de vida em abundância, tão querida pelo Jesus que é amor.

É preciso compreender a pastoral social como uma dimensão da caridade cristã, mas uma dimensão que não pode ser reduzida nem confundida com outras. A caridade cristã é mais ampla e mais abrangente. A pastoral social é a expressão mais qualificada da dimensão socioestrutural da caridade cristã, é fermento evangélico nas estruturas da sociedade.³⁸²

A pastoral Social tem a ver fundamentalmente com a dimensão socioestrutural da caridade cristã. É a diaconia ou (colaboração) organizada da Igreja na realização da justiça social, ou seja, nos processos

³⁷⁷ 1Cor 13,13.

³⁷⁸ Mt 22,34-40; Mc 12,28-33; Lc 10,25-28; Jo 15,12; 1Jo 4,20.

³⁷⁹ Lc 10,25-37; Mt 25,31-40.

³⁸⁰ 1Jo 3,18.

³⁸¹ JUNIOR, Francisco de Aquino. **Nas periferias do mundo**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 168-169.

³⁸² JUNIOR, 2017, p. 168.

de reestruturação de nossa vida coletiva a partir e em vista das necessidades e dos direitos dos pobres e marginalizados de nossa sociedade. Ela se constitui, assim, como fermento evangélico nas estruturas sociais. E num duplo sentido: como denúncia e enfrentamento de toda forma de injustiça, exploração, discriminação e marginalização, e também como denúncia dos mecanismos que produzem essas situações. Ou seja, como afronta a um modo de estruturação e institucionalização de nossa vida coletiva que nega a grandes setores da população até as condições materiais básicas de sobrevivência, impedindo-as de viverem com dignidade e de se realizarem como pessoas. Trata-se, aqui, em última instância, do enfrentamento do pecado que se materializa e se institucionaliza nas estruturas da sociedade, ou do que, desde Medellín e Puebla, convencionou-se chamar de pecado social.³⁸³

A pastoral social insiste em organizar as pessoas e grupos a lutarem em seus sindicatos e movimentos populares de todo tipo, na busca de seus direitos, bem como criarem novas alternativas de vida concretas com a força social da Igreja, explicitando e potencializando seu caráter da ação salvífica e (re)criadora do Espírito de Deus no mundo. A organização da sociedade pode estar mais ou menos de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo; pode estar mais ou menos em sintonia com o dinamismo de vida suscitado por Jesus e seu Espírito: pode tanto permitir ou facilitar (dinamismo gracioso) quanto impedir ou dificultar (dinamismo pecaminoso), adquirindo, assim, um caráter estritamente teológico. As estruturas da sociedade não são simplesmente estruturas econômicas, políticas, sociais, culturais, de gênero etc. São também e sempre estruturas teológicas, enquanto objetivação (institucionalização) e mediação (poder dinamizador) da graça ou do pecado. Daí vem sua importância central para a fé cristã e sua luta diária em transformá-la.³⁸⁴

São necessárias muita ousadia e criatividade no processo de reinvenção de nossa vida coletiva no contexto da globalização neoliberal. É preciso estar despertos e vigilantes. O Espírito sempre nos precede e nos surpreende, abrindo caminhos inusitados e inesperados e normalmente a partir de baixo, das vítimas da história. Também aqui vale e urge a provocação e a convocação do Papa Francisco por uma "Igreja em saída para as periferias".³⁸⁵

Combater o mal no mundo, lutar contra todo tipo de injustiça, violência desigualdade social gritante, patrocinadas por elites poderosas,

³⁸³ JUNIOR, 2017, p. 184.

³⁸⁴ JUNIOR, 2017, p. 185.

³⁸⁵ JUNIOR, 2017, p. 198.

reacionárias e gananciosas, não é tarefa fácil, e é para poucos, infelizmente. Quais as consequências desse enfrentamento? Risco grande de sua vida estar ameaçada – bem como a dos membros da sua família. Como já foi mencionado, há na Capela de Nossa Senhora Aparecida do Alto da Caieira fotografias dos mártires, como Santos Dias, Padre Josimo Tavares, Chico Mendes, Margarida Maria Alves, Oscar Romero, entre outros. Eles são sinais fortes e encorajadores na comunidade, que todo domingo celebra a memória eucarística do Jesus fraternal junto com o padre Vilson Groh. Após a celebração, a comunidade continuará mais forte ainda em sua caminhada de fé e em sua luta pela busca de todos os seus direitos humanos, sem exceção nem distinção.

A memória dos mártires é a memória de alguém ressuscitado, vivo e presente na caminhada, que “interpela e revigora, alenta e dirige”; é confirmação e atualização de sua vida e sua missão em nossa vida e em nossa missão. Na Eucaristia, trazemos a memória de Jesus, o protomártir, e suplicamos seu Espírito para que faça de nós “um só corpo e um só espírito” e “nos transforme naquilo que celebramos”. Ao lembrarmos dos que, como Jesus e nos seus passos, entregaram suas vidas pelos pobres e marginalizados, confirmamos suas vidas e suas causas e nos comprometemos a tomar parte na mesma luta. Celebrar essas memórias é, portanto, atualizar de modo agradecido e comprometido sua vida entregue. É tomar parte na mesma entrega. Nisso reside o poder e a força da memória dos mártires: em sua atualização em nossa vida. É através de nossa vida e missão que eles continuam presentes e atuantes em nosso mundo. Só assim poderemos gritar sem hipocrisia: Viva os mártires! Nosso grito não será mais que a proclamação de que eles vivem entre nós e vivem através de nosso compromisso com os pobres e marginalizados.³⁸⁶

Para encarar esse embate, as lideranças do Alto da Caieira devem atuar coletivamente em suas reivindicações, nunca sozinhas, para não caírem em ciladas (como ameaças de morte, por exemplo), sempre agir com prudência, ter o hábito de se precaver e se preparar de maneira antecipada. O sujeito prudente está sempre preparado para as dificuldades. Elas devem sempre ouvir e celebrar o coletivo como somas de fé, perseverança e resiliência, mas acreditando e agindo sempre na sinodalidade do Papa Francisco.

Outra armadura nessa empreitada é saber discernir se suas ações coletivas estão sendo eficientes, mas eficazes. É preciso recordar que as ações das lideranças devem ser refletidas, como vimos na filosofia da

³⁸⁶ JUNIOR, 2019, p. 250.

práxis. Isso ainda é pouco praticado em todos os tipos de lutas emancipatórias nos movimentos populares e partidos ditos progressistas. Vimos que a práxis é a atividade que, para se tornar mais humana (para emancipação libertária), precisa ser realizada por um sujeito mais livre e associado em sua comunidade em reflexões vanguardistas. E em outras palavras, a práxis é a atividade que precisa da teoria reflexiva sempre. As lideranças comunitárias devem atuar de maneira equilibrada, quase mágica, entre a reflexão e a ação.

Como reflexão final, e analisando os percalços que se apresentam com maior frequência nos caminhos do exercício da cidadania, Karel Kosik alertou para duas tentações perigosíssimas e simetricamente opostas em dois tipos de pessoas que querem mudar e combater o mal no mundo – empreitada necessária para chegar a uma sociedade mais humana e libertária.³⁸⁷

Segundo Kosik, o primeiro tipo de pessoa é a “bela alma”, que, tomando consciência dos graves riscos da ação política, prefere retrair-se, refluir para dentro de si mesma, abstando-se de agir (por temer as consequências de seus atos). Ela se tornar conivente, por omissão, com a política ligada à preservação do *status quo* (e, por extensão, conivente com as injustiças dessa política). Para preservar sua “pureza”, a “bela alma” – de acordo com as observações de Goethe e Hegel – consome-se numa chama inútil, desperdiça suas potencialidades e acaba por se corromper, através da convivência passiva com o mal.

Já o segundo tipo seria “comissário”, conforme a análise de Karel Kosik. Ele se insurge contra a opção da “bela alma” e encaminha sua ação no sentido do combate ao mal: já que no mundo existe o mal, o comissário vê no mundo uma ocasião de impor seus esforços reformadores. O “comissário” é uma mistura de revolucionário e burocrata. Ele vai à luta, intervém na realidade, disposto a modificá-la, revolucionariamente. Mas sua intervenção se faz a partir de compromissos doutrinários e organizativos intocáveis, a partir de valores e princípios indiscutíveis, os quais devem ser levados aos outros (se necessário, impostos aos outros).

Pelo fato de querer transformar os homens sem transformar-se a si próprio, o comissário tem a confirmação, no desenvolvimento de sua atividade, do preconceito de que sua atividade terá tanto sucesso quanto mais o objeto da sua transformação e educação for passivo. A atividade do comissário provoca, assim, a passividade das pessoas: e uma

³⁸⁷ KOSIK, Karel. A dialética da moral e a moral da dialética. In VOLPE, Galvano Della, et al. **Moral e Sociedade**. Trad. Nice Rissone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, p. 99-117.

passividade assim produzida passa a ser, por sua vez, condição da existência e justificação do próprio sentido da atividade do comissário. As intenções reformadoras se transformam, assim, em prática deformadora, nada revolucionária.

E Kosik vai além, ao explicar que, na visão de Marx o comissário infelizmente não assume uma práxis revolucionária autêntica e humanizada, em cujo âmbito os homens modificam as circunstâncias e os educadores são educados, alcança-se a antiga antinomia (contradição) das relações e dos homens, pela qual os homens são subdivididos rigidamente em dois grupos radicalmente separados, em que um deles se eleva acima da sociedade. O movimento de ida e volta que se realiza no plano intersubjetivo, isto é, a atividade que leva os cidadãos a interferirem uns na vida dos outros, passa inevitavelmente pelo diálogo. Não devemos esquecer que a palavra *dialética* é irmã gêmea da palavra *diálogo*: elas nasceram do prefixo *dia* (que indica reciprocidade) e do verbo *lêgein* ou do substantivo *logos*, que se referem ao discurso da razão.

O diálogo não elimina as contradições (ao contrário, as pressupõe), mas lhes dá um tratamento especial, cuidadoso, reflexivo, porque nele o exercício da crítica se completa com a autocrítica. O *outro* introduz no movimento do meu espírito uma referência capaz de conter o ímpeto voluntarista, o exagero deletério que nasce do subjetivismo típico do isolamento. A “liberdade” com que eu me firmo na ação só consegue se tornar mais concreta na medida em que se completa com o reconhecimento da dimensão da “necessidade”, representada pelo outro. O outro me põe em contato com uma realidade que o isolamento pode me impedir de enxergar. E mais, o movimento pelo qual o sujeito se realiza só se torna efetivamente objetivo quando se torna intersubjetivo, isto é, quando vai de um sujeito a outro, em busca da volta. Nesse movimento, acaba-se por alcançar um nível em que a divergência persiste, porém deve se combinar com uma convergência, que se cria em torno do esforço por uma melhor compreensão mútua.³⁸⁸

Um exemplo muito atual ilustra bem tal conceito: na discussão política, estou convencido das minhas razões, mas admito que elas não são perfeitas. Reconheço, mesmo, que as razões do outro podem me proporcionar uma ocasião significativa para ampliar meus horizontes, arejar meu pensamento, fundamentar com maior solidez meu ponto de vista. Reconheço no meu interlocutor alguém que, mesmo defendendo ideias que recuso, desempenha uma função essencial na minha renovação, no enriquecimento do meu conhecimento, na superação das

³⁸⁸ KONDER, 1992, p. 139.

crispações dogmáticas que podem estar sempre ocorrendo comigo sem que eu dê conta delas. Quando as necessidades do conhecimento prevalecem – em função da própria dinâmica da práxis, da cidadania –, torna-se imperioso respeitar o outro, empenhar-se em entender o que ele tem de mais forte na sua posição, em vez de golpear o que ele tenha eventualmente de mais fraco.³⁸⁹

Gramsci observou isso há cerca de cem anos: “Na discussão científica, já que se supõe que o interesse seja a busca da verdade e o progresso da ciência, demonstra ser mais ‘avançado’ aquele que adota o ponto de vista segundo o qual o adversário pode expressar uma exigência que deve ser incorporada, ainda que como um momento subordinado, à sua própria construção”.³⁹⁰

A edificação de uma nova sociedade é complexa e exige a dedicação de todos na conquista de suas libertações mais imediatas. Espera-se que as lideranças vanguardistas ajam com humildade na negociação com as forças políticas envolvidas nesta sociedade em transformação para se chegar a um consenso na busca de compromissos sociais exequíveis necessários e urgentes. Essa sociedade em transformação terá chances maiores de se renovar de modo mais radical se, em seu início, levar a bandeira dos princípios essenciais da Doutrina Social da Igreja (DSI). Esta tem compromisso fundente com a verdade em garantir a convivência da dignidade entre todas as pessoas, com a liberdade no agir, mas com responsabilidade em não ferir o outro; e com a busca da justiça como um farol a salientar direitos e deveres de todo o tecido social. É o desafio que nos anima e move todo o nosso dia.

O Setor Pastoral Social, por sua vez, integrado na dimensão sociotransformadora, linha seis da CNBB, tem duplo caráter: por um lado, representa uma referência para toda a ação social da Igreja, em termos de assessoria, elaboração de subsídios e reflexão teórica;³⁹¹ por

³⁸⁹ KONDER, 1992, p.139-140.

³⁹⁰ GRAMSCI, 1952, p. 21.

³⁹¹ Referente às seis linhas ou dimensões da ação pastoral concretizadas no 7º Plano Bial dos Organismos Nacionais, de 1983-1984 da CNBB, sobre as realidades humanas e históricas constitutivas das ações pastorais como: linha 1-Dimensão comunitária e participativa; linha 2-Dimensão missionária; linha 3-Dimensão catequética; linha 4- Dimensão litúrgica; 5-Dimensão ecumênica e de diálogo religioso e linha 6-Dimensão profética e transformadora. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **7º Plano Bial dos Organismos Nacionais, 1983-1984**. Brasília: CNBB, 2013, p. 1. Disponível em: <<https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-29-7c2ba-plano->

outro lado, é um espaço de articulação das Pastorais Sociais e organismos que desenvolvem ações específicas no campo sócio-político da sociedade, onde sempre se procura em primeiro lugar os interesses coletivos sob os interesses individuais.³⁹²

Por fim, o teólogo Aquino, com larga experiência nas pastorais nordestinas, alerta-nos que a pastoral social alcança um nível maior da caridade assistencialista na medida em que as reformas sociais a favor dos mais pobres se concretizam após a luta e o apoio da pastoral social eclesial, dos movimentos populares, no diálogo frequente com as ciências, bem como a troca de experiências com os setores sindicalizados de vanguarda, dotados de consciência crítica e transformadora social.³⁹³

É necessário deixar bem claro para todas as lideranças e também para os cooperadores dessas comunidades que é preciso apostar sempre numa comunhão efetiva junto da pastoral social de nossa Igreja. Ela é a força maior que encontramos, pois dela vem um esperar maior, que nos ajuda a fazer uma reflexão acurada e meditativa durante os embates cotidianos de todo o tipo. É dela também que vai despertar o poder do amor, dado por Deus, para com todos os seres humanos. Esse amor só vai retornar a ele se amarmos e nos comunicarmos com todos os irmãos mais próximos. Essa atitude de um amar efetivo superior não vai nos esmorecer se estivermos continuamente animados pela graça da fé em Jesus ressuscitado.

Com as breves reflexões deste segundo capítulo, observa-se a importância do voto consciente para uma práxis acurada da relação entre política e religião, relação citada várias vezes pelo Papa Francisco, no sentido de se fazer dela uma ação transformadora e radical (ir até a raiz) dos problemas mais sérios da nossa sociedade desigual e concentradora de riqueza nas mãos de uns poucos. Esses poucos, mundialmente conhecidos como o 1%, acumulam a maior parte da riqueza mundial. Eles ficaram com quase dois terços de toda a riqueza gerada desde 2020 — cerca de 42 trilhões de dólares, o equivalente a seis vezes mais dinheiro que 90% da população global conseguiram no mesmo período.³⁹⁴

bienal-dos-organismos-nacionais-e28093-1983-1984.pdf> Acesso em: 10 abr. 2023.)

³⁹² O QUE é Pastoral Social. **CNBB**: Regional Oeste 1, Pastorais Sociais, Campo Grande, não paginado. Disponível em: <<https://cnbboeste1.org.br/pastorais/>> Acesso em: 10 de abr. 2023.

³⁹³ JUNIOR, 2017, p. 198.

³⁹⁴ FIRPO, Mafê. Na última década, 1% mais rico ficou com metade de toda riqueza criada. **Veja**, Mundo, [s.l.], 16 jan. 2023, não paginado. Disponível em:

Passaremos ao próximo e último capítulo para tratar das comunidades do Mont Serrat e do Alto da Caieira, vizinhas uma da outra, e localizadas no Morro da Cruz, ou Morro do Maciço da Cruz, nas periferias centrais da cidade de Florianópolis.

O desafio é, de maneira resumida, esclarecer para essas comunidades suas batalhas sociais emancipadoras ao longo de sua história ainda em construção atemporal. É mister falar de suas conquistas, bem como de suas derrotas e sonhos ainda não conquistados (são aprendizados para novas estratégias, como falam as suas lideranças). São realizações sociais autogovernadas pelas comunidades, mas guiadas pelas suas lideranças de vanguarda, conscientes de participar da atual história deste país, não mais como simples espectadores. Com a clareza em seus corações e reforçadas pela fé libertadora via práxis de seguir Jesus, essência do amor ágape, essas comunidades da periferia central da nossa cidade servem de exemplo para todos os homens e mulheres solidários a esta causa e que creem numa sociedade mais humana no porvir.

Santo Irineu de Lion, agora novo Doutor da Igreja, desenvolveu em suas obras nos séculos II e III o pensamento do Deus Uno e Trino. Em suas teses sobre a Trindade usou a expressão ‘as mãos do Pai’, que seriam o Filho e o Espírito Santo. Agora podemos também afirmar com certeza que as lideranças das comunidades têm, com os estudos e debates desta pesquisa, duas mãos mais fortes ou seja, numa mão a Fé e na outra uma Consciência Crítica e em sua cabeça a razão, o discernimento, de maneira a enfrentar futuros embates em suas reivindicações não atendidas ainda pelo poder público.

3 POR UMA CARIDADE SOCIAL ECLESIAL E HUMANISTA PRESENTES NAS COMUNIDADES DO MONT SERRAT E ALTO DA CAIEIRA

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas, de maneira resumida, trechos de conversas e citações das lideranças das comunidades do Alto da Caieira e do Mont Serrat. Trabalhamos em ambas como simples catequista e pesquisador social para estudos de pós-graduação em dois assuntos: Doutrina Social da Igreja e Iniciação à Vida Cristã, mais recentemente na comunidade do Alto da Caieira.

Neste trabalho serão citadas lideranças históricas e suas experiências passadas na comunidade do Mont Serrat, bem como trechos de conversas informais com membros atuais da comunidade do Alto da Caieira. Agradecemos seus relatos sinceros. Ambas as comunidades, em crescente consciência social de suas batalhas emancipadoras libertárias, querem “aprender a pescar e não mais receber o peixe”. Os participantes destas comunidades terem reconhecida sua dignidade de pessoas humanas plenas, como primeiro passo dessa jornada, ou seja, querem ter acesso a emprego e renda. Em consequência, querem o que todas as pessoas buscam: respeito e admiração, conquistar saltos sociais e culturais ainda maiores. Vale ressaltar que reconhecer e proteger a dignidade de todos os seres humanos é o primeiro princípio clássico, que proporcionou o fundamento geral para os Direitos Humanos Universais.

Os direitos humanos guiam o modo como as pessoas devem viver em sociedade e se relacionar entre si, bem como sua relação com o Estado (poder público) e as obrigações que este tem para com elas. Entretanto, geralmente não se cumprem essas obrigações, que ficam só no papel quando se trata de atender as comunidades mais carentes. A comunidade só será atendida quando suas Associações de Bairro e outros grupos conscientes organizados reivindicarem suas aspirações sociais urgentes frente a este poder público. Sem luta resiliente nada virá, somente migalhas, como ocorre historicamente, devido ao pré-conceito de classe das elites políticas, religiosas e financeiras. Em contraste, a situação se dá de modo bem diferente quando se trata de atender as classes do centro da cidade ou de bairros mais nobres: um simples telefonema e tudo está resolvido.

A comunidade do Alto da Caieira e sua irmã próxima, a comunidade de Mont Serrat, estão inseridas no Morro do Maciço da Cruz, mais conhecido como Morro da Cruz. Lá se localizam emissoras de rádio

e televisão, bem como as principais antenas de telecomunicações da cidade de Florianópolis. Há um mirante lá, e é uns dos locais mais privilegiados para se avistar a cidade, com as suas duas baías, e as três pontes que ligam o continente à ilha e seus bairros.

No site da Secretaria Municipal de Habitação e Saneamento Ambiental, obtêm-se informações a respeito da posição geográfica do Maciço do Morro da Cruz. É também esta secretaria que se compromete a melhorar as condições de vida dos moradores a partir de investimentos em infraestrutura e serviços sociais. Sua representação geográfica em 2016 estava constituída por:

Localização: Região central da cidade

Área total: 2.151.000 m²

Área Ocupada: 657.000 m²

Área do Parque: 1.494.000 m²

Beneficiários: 16 comunidades

Famílias (estimado): 5.677 famílias

População (estimado): 22.566 habitantes

É constituído por 16 comunidades, a saber: Mariquinha, Mont Serrat, Tico Tico, Morro do 25, Morro do Horácio, Morro da Penitenciária, Morro da Queimada e Jagatá, Morro do Céu, Rua Ângelo Laporta, Rua José Boiteux, Rua Laudelina da Cruz, Vila Santa Vitória, Vila Santa Clara, Serrinha, Alto da Caeira e Mocotó.

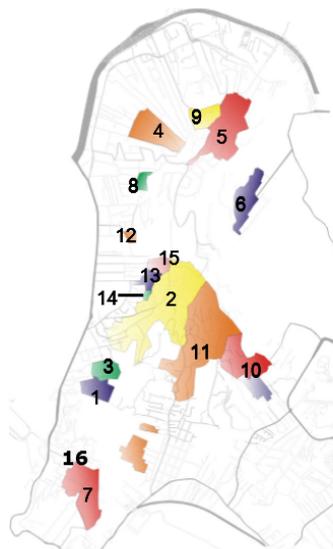
Figura 1 – Localização das diversas comunidades no Maciço do Morro da Cruz



Fonte: Moro, 2016, p. 43.

Figura 2 – Projeto Maciço Morro da Cruz – PMF

- 1- MORRO MARIQUINHA;
- 2- MONTE SERRAT/ NOVA DESCOBERTA;
- 3- MORRO DO TICO-TICO;
- 4- MORRO DO 25 / NOVA TRENTO;
- 5- MORRO DO HORÁCIO;
- 6- MORRO DA PENITENCIÁRIA;
- 7- MORRO DA QUEIMADA E JAGATÁ;
- 8- MORRO DO CÉU;
- 9- VILA SANTA VITÓRIA;
- 10- SERRINHA;
- 11- CAEIRA;
- 12- ANGELO LAPORTA;
- 13- SANTA CLARA;
- 14- LAUDELINA DA CRUZ;
- 15- JOSE BOITEUX;
- 16- MORRO DO MOCOTÓ.



Fonte: Moro, 2016, p. 43.

A respeito da espiritualidade nas comunidades do Mont Serrat e Alto da Caieira, percebe-se, pelos avanços sociais conquistados e pelas melhoras na organização, que há uma vivência religiosa profunda e diária, espelhada e animada no poder do amor vivido nessas duas comunidades, em consequência de sua fé profunda e assertiva em Jesus Cristo e em Nossa Senhora. Lá, Jesus significa muito para eles, que denotam confiar nele plenamente, acreditar em seu amor infinito, em seus ensinamentos e palavras de vida eterna. Isso significa acreditar que, mesmo que não entendamos todas as coisas, Jesus amoroso entende e nos fortifica na esperança. E mais, por Jesus ter sentido todas as nossas dores, aflições e fraquezas, sabe como nos ajudar a vencer as dificuldades diárias. Tal sentimento é constante nestas comunidades, junto com sua alegria e acolhimento aos de fora.

A partir dessa breve reflexão de fé das comunidades, tem-se o segundo passo, que é fazer o seguimento diário de Jesus, seguir seus passos. A graça dessa fé concreta e diária faz com que a comunidade vá em frente nessa jornada firme de solidariedade para com todos, encarando a preocupação maior e mais urgente, que é colocar o pão em suas casas.

Sou muito grato pela acolhida que recebi da comunidade do Alto da Caieira, pois aprendo muito com a convivência semanal com eles. Isso

me ajuda em minha conversão pessoal diária, graças a Deus, e que assim seja sempre. Nessa convivência percebem-se atos de amorosidade cristã cotidiana, em que as pessoas se preocupam umas com as outras; e principalmente com relação à questão do pão na mesa, tão falado pelo padre Vilson Groh em suas homilias dominicais.

Muitos não percebem as camadas mais empobrecidas ao nosso entorno, às vezes bastante, e o quanto seus sofrimentos e carências só não são maiores devido às ações solidárias diárias entre eles próprios. Sua prática, pode-se dizer, é de uma continuidade de seguir o caminho de Jesus fraterno, de serviço aos irmãos mais necessitados, o que é visto regularmente nessas comunidades, principalmente pelas suas lideranças.

Com relação à dignidade da pessoa humana, tão citada neste trabalho, o Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, declara que, conforme a Sagrada Escritura, o ser humano foi criado à imagem de Deus, e assim é capaz de conhecer e amar o seu Criador. Porém é um ser social, e precisa dos outros para crescer em todos os sentidos:

Deus, porém, não criou o homem sozinho: desde o princípio criou-os “varão” e mulher (Gn. 1,27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas. Pois o homem, por sua própria natureza, é um ser social, que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades sem entrar em relação com os outros. Como também lemos na Sagrada Escritura, Deus viu “todas as coisas que fizera, e eram excelentes” (Gn 1,31).³⁹⁵

3.2 O GRITO QUE VEM DA PERIFERIA: A LUTA PELOS DIREITOS SOCIAIS

3.2.1 Breve histórico das comunidades

O antropólogo e filósofo Roberto DaMatta, ao falar do Carnaval como característica marcante do brasileiro, afirma que:

³⁹⁵ PAULO VI. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. Vaticano: 1965, não paginado; GS 12. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va_t-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> Acesso em: 12 abr. 2023.

Carnaval, pois, é inversão porque é competição numa sociedade marcada pela hierarquia. É movimento numa sociedade que tem horror à mobilidade, sobretudo à mobilidade que permite trocar efetivamente de posição social. É exibição numa ordem social marcada pelo falso recato de ‘quem conhece o seu lugar’ [...]. É feminino num universo social e cosmológico marcado pelos homens.³⁹⁶

Esta visão das elites de Florianópolis nos anos 1950 era também de horror à mobilidade social. Os pobres e descendentes de ex-escravos foram obrigados a saírem de seus cortiços no centro da cidade e se deslocarem (leia-se, foram expulsos) para os morros da cidade, pois era a saída mais próxima aos seus locais de trabalho, em geral na construção civil. Qual foi desculpa dos poderosos de plantão? Para uma “reconstrução do centro da cidade” – ou seja, a velha e até hoje presente especulação imobiliária.

Também essa postura elitista era sentida nos carnavais da cidade. Naquele momento, a tradição carnavalesca se resumia às sociedades carnavalescas que exibiam seus carros alegóricos (carros de mutação). Essas sociedades eram constituídas por pessoas das classes média e alta florianopolitana, que festejavam seu carnaval nos clubes tradicionais, como Clube Paula Ramos e Clube 12 de Agosto, ou seus carros de mutação nas ruas da cidade. Em síntese, esses espaços eram restritos às classes já mencionadas, e tinham um caráter muito seletivo.

As escolas de samba que surgiram em Florianópolis eram essencialmente oriundas da articulação das classes baixas, assim como ocorreu em outras regiões do país, que procuravam uma alternativa despojada e alegre para fazer seu carnaval. Pela união dos carnavais, as comunidades começaram a se organizar em manifestações populares culturais que mais tarde desembocaram em movimentos de cunho político, como foram os mutirões já mencionados. Isso demonstra que os moradores já sentiam necessidade de expressão social. E mostra que a restrição dos espaços do morro vai começando a ser superada aos poucos.³⁹⁷

Dona Darcy Vitória de Brito, uma das mais antigas lideranças do Mont Serrat, comentou que a comunidade já teve vários nomes: Morro do

³⁹⁶ DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 78.

³⁹⁷ MORO, 2016, p. 53.

Antão, Rua Lages, Morro da Caixa, Rua General Vieira da Rosa, até chegar no nome atual. Fazendo parte do Maciço do Morro da Cruz, foi um dos primeiros morros a ser habitado no início dos anos 1900, logo após o fim da escravatura. Com o término da Ponte Hercílio Luz, na década de 1920, os moradores das cidades vizinhas de Biguaçu, Antônio Carlos e Angelina, vinham vender seus produtos, gostavam da cidade e se instalavam na região que é hoje o Monte Serrat, trazendo em seguida suas famílias.

Outras lembranças importantes sobre a história da comunidade, mencionadas por Dona Darcy:

- O primeiro reservatório de água da cidade de Florianópolis foi construído em 1911 no Mont Serrat e, até hoje, abastece toda a cidade de Florianópolis;

- A Pedra do Paraíso, que fica no alto da Nova Descoberta, é um lugar onde morou por muitos anos um senhor chamado Guilherme, que fugiu da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, e ali fez uma caverna para morar;

- A comunidade tinha uma bica, onde antigamente os moradores pegavam água para beber e uma fonte para lavar roupas, pois a população era de lavadeiras.³⁹⁸

Seu Teco, João Ferreira de Souza, outra grande liderança histórica, já falecido, nasceu numa família de oito irmãos, na comunidade do Mont Serrat, em 1º de junho de 1936. Seus pais vieram de Tijucas e depois se mudaram para o continente, no bairro chamado antigamente de Sapé, hoje Monte Cristo. Sua mãe era muito católica e ajudava na missa do padre Frederico Rouh, com o ritual doze irmãos da irmandade do Mont Serrat, na capela em 1941. Já seu pai era também católico, mas brincalhão.³⁹⁹

O primeiro mutirão (uma mobilização coletiva para auxílio mútuo de caráter gratuito entre trabalhadores) conhecido da comunidade foi a tradição “vamos lixar o assoalho”, que consistia em realizar bailes à tarde para dançar em cima destes assoalhos. A música era tocada por moradores, e assim iam até o segundo domingo, até cobrir a casa, que seria construída no terceiro domingo. Depois do mutirão das escadas para a chegada da nova capela da Nossa Senhora do Mont Serrat, veio o mutirão para calçar a Rua General Vieira da Rosa (rua principal da comunidade para o acesso ao centro).

Até então a rua era reformada para passagem de carros só em setembro, mês em que todo ano acontecia a festa da Nossa Senhora do

³⁹⁸ MORO, 2016, p. 66.

³⁹⁹ MORO, 2016, p. 73.

Mont Serrat. A Intendência Municipal vinha arrumar para a festa porque a chuva varria tudo e carro algum subia, só cavalos. Sob o comando e a pressão do padre Agostinho, o prefeito na época propôs fazer o calçamento com sistema de mutirão (com a mão-de-obra da comunidade) e assim foi feito o calçamento só até a igreja.⁴⁰⁰

Com a vinda do padre Vilson, nos anos 1980, foi feita novamente pressão sobre a prefeitura e os trabalhos de calçamento no sistema mutirão foram continuados. Seu Teco lembra que havia muita boa vontade para ajudar nos mutirões na comunidade, ao contrário de hoje: “Naquele tempo, o padre estalava o dedo e vinte pessoas da comunidade vinham correndo ajudar nos trabalhos comunitários, e hoje vem pouca gente. E às vezes tem que até pagar para fazer alguns tipos de serviço, o que é triste”, lamenta ele.⁴⁰¹

Seu Teco lembra de um mutirão em que a prefeitura fornecia o material, dez tubos de concreto de cada vez, que eram carregados morro acima, rolando, desde a caixa d’água até a casa do Carlos, por vinte e oito homens. E nas casas aonde iam chegando os tubos as pessoas os recebiam com bolo, café, “e até uma cachacinha”, conta ele. Foi uma experiência que uniu muito a comunidade, pois novas ideias iam surgindo para melhorar ainda mais a situação de todos.

Sempre com esperança na melhoria de vida da comunidade, Seu Teco admira muito o trabalho do padre Vilson Groh, há 40 anos atuando na comunidade. A luta cotidiana desse padre é árdua, e sua preocupação principal é formar, dar educação para as crianças e os jovens, junto com os Irmãos Maristas de Curitiba. Ele lembra que a organização da comunidade fez diminuir muito a violência do tráfico, com a realização de projetos necessários para a comunidade e a inserção dos jovens no mercado de trabalho, desviando sua atenção dos traficantes.⁴⁰²

Seu Teco entende que hoje falta garra para ir com mais frequência na Prefeitura fazer as cobranças necessárias. Além disso, há muita politicagem partidária com os cabos eleitorais e muito foco somente no carnaval.

As duas comunidades aqui citadas, em conversas às vezes reservadas, demonstram muita preocupação quanto à falta de outros padres ou seminaristas buscando conhecer os trabalhos das comunidades. Analisando melhor, podemos afirmar que “a messe é grande, mas os operários são poucos”, como já dizia Lucas em 10, 1. O padre Vison

⁴⁰⁰ MORO, 2016, p. 74.

⁴⁰¹ MORO, 2016, p. 74.

⁴⁰² MORO, 2016, p. 74.

Groh, praticamente sozinho, há mais de 40 anos prestando serviços nessas comunidades do Maciço do Morro da Cruz, precisa de mais apoio nesta messe, também porque a idade está chegando.

Se observarmos o depoimento do seu Teco, nestes mais de cem anos, só três padres atuaram nestas comunidades, e urge agora nossa Igreja amenizar essa situação. Uma sugestão de modelo para atrair missionários seria através de uma coerção amorosa aos queridos seminaristas e presbíteros recém-formados. Para isso, poderia se exigir um estágio obrigatório de no mínimo seis meses nessas duas comunidades carentes, além de uma formação espiritual mais profunda para seu fortalecimento evangélico. Não faltam argumentos em prol de resolver essa situação grave de assistência religiosa. Essa prática de solidariedade aos mais fracos é modelo de países mais avançados socialmente, onde as pessoas que finalizam estudos em faculdades públicas precisam prestar serviço às comunidades mais carentes por um determinado período.

As lideranças falam de maneira esperançosa a saber: “Se vierem quatro seminaristas e/ou três padres, no mínimo um ou dois de cada ficarão com a gente, seu Norberto”. Certamente ficarão. A comunidade é muito acolhedora com as pessoas que querem contribuir. Com esse desafio lançado e bem estudado e articulado, todos ganhamos – comunidades e a Igreja Católica. É o dever de casa ainda não feito desde 2013, data da nomeação do atual Papa, que clama por uma igreja correndo riscos, enlameada, mas *atuando no front*, trazendo esperanças para os mais sofridos e excluídos. É a práxis de uma “uma igreja em saída para as comunidades da periferia”, como já citado; ainda mais se sabemos e confiamos na ação do Espírito Santo que sopra e ilumina nossas missões. Há já uma sinodalidade, uma comunidade ministerial, presente entre os membros destas comunidades, os quais sempre apoiam o padre Vilson nos casos raros de sua falta em missas e sacramentos, por meio dos leigos, religiosas e ministros.

É preciso destacar o trabalho dos evangélicos pentecostais e neopentecostais, que atuam nessas comunidades e fazem de qualquer casa ou beco suas igrejas. Com sua antiga teologia da retribuição e da prosperidade, fazem acontecer. Por outro lado, o Jesus que não pregam é o Jesus com a sua teologia da reconciliação de toda a criação. Uma consequência pastoral imediata é a pregação teológica muitas vezes pouco refletida, fortalecendo um cristianismo infantilizado, alienado e reacionário socialmente, ou seja, uma mística subjetiva e individualista.

Vale lembrar que nos anos 1980 desenvolveu-se um tipo peculiar de política pública municipal em Florianópolis, caracterizada por mutirões realizados nas comunidades pobres da cidade. Os mutirões,

como já se falou, mas agora visto de maneira mais impactante, eram um meio de ação da prefeitura, que se utilizava das comunidades como mão-de-obra barata para a execução de obras públicas municipais. Tais ações tiveram grandes impactos no cotidiano do Mont Serrat. A importância desses mutirões não está simplesmente no fato de utilização, por esse meio, da mão-de-obra da periferia, mas nos aspectos de positividade que propiciaram para o surgimento de um processo de conscientização do papel dos moradores da comunidade frente aos espaços da cidade, espaços de lutas, de discussão, de convivência.⁴⁰³

Desta forma, houve uma inversão das consequências desses mutirões, em que os moradores começaram a pensar suas ações. Foi a partir disso que a comunidade transformou os mutirões em espaços que criavam a reflexão, através da articulação do fazer e do pensar coletivos. Ao final dos trabalhos, faziam-se reuniões que tinham como escopo de discussão as problemáticas da comunidade, e procurava-se indagar sobre seus desafios, conflitos e necessidades.⁴⁰⁴

Fica exposto o viés transformador possibilitado pelos mutirões, que, ao reunir os moradores da comunidade, criaram um espaço de reflexão, discussão e, principalmente, de aprendizado, tanto de sua condição histórico-social quanto das possibilidades de mudança da ordem instituída. Isso foi possível a partir de ações coletivas visando a melhoria das condições de vida, de relacionamento, de convivência, enfim, da melhoria da vida da comunidade. Por sua vez, isso possibilitou um olhar para além do visto, vislumbrando o escondido, o camuflado, e sonhando utopias de vida.

Foi a partir desses mutirões também que se organizaram atividades políticas como a reestruturação do Conselho Comunitário, que nos tempos passados era utilizado como espaço de manipulação política partidária e votos eram angariados a favor de um ou de outro candidato. A principal via de acesso à comunidade Mont Serrat, a Rua General Vieira da Rosa, foi calçada nesses mutirões. Posteriormente, outras necessidades foram sendo pleiteadas no espaço político pelos moradores da comunidade. Assim é que conseguiram receber o abastecimento de água nas casas do morro. Até então, eles enfrentavam um paradoxo: desde 1909 existia um reservatório de água que ficava na comunidade, denominado “Caixa d’Água”, e que abastecia parte da cidade – mas não a própria comunidade.⁴⁰⁵

⁴⁰³ GROH, 1998, p. 47.

⁴⁰⁴ GROH, 1998, p. 47.

⁴⁰⁵ MORO, 2016, p. 56.

O conflito ia se mostrando como meio de se buscar os direitos na esfera política, e foi no embate realizado frente ao pouco caso feito pelo poder público em relação às necessidades mais elementares, como a água encanada e o calçamento da rua (que, por sua vez, só foi realizado com o uso do trabalho barato) que os moradores do Mont Serrat se destacaram na estrutura da cidade, porque começaram a se organizar num espaço caracterizado pela desorganização. E se organizando lutaram por melhorias de condições de vida, por visibilidade numa cidade que não quer ver os “indesejáveis”, mesmo que esses figurem num lugar nada invisível: nas encostas dos morros que rodeiam o centro da cidade, lugar por onde passa, necessariamente, boa parte dos cidadãos da elite florianopolitana.⁴⁰⁶

Segundo comentário do atual diretor da escola Marista, o irmão Pedrinho Tambosi, a presença marista no Mont Serrat e Caieira se faz há mais de duas décadas. Destaco aqui o ano de 2011, quando o governo do estado tinha decidido fechar a escola estadual Lúcia do Livramento Mayvorne, porque dizia não se justificar a escola com pouquíssimas crianças presentes para estudar. Foi então que o Padre Vilson Groh, junto com os maristas, foi ao Ministério da Educação solicitar que escola passasse aos cuidados da gestão marista. O governo concordou, entregando aos maristas os ônus e bônus. Não foi tranquila a transição, houve protestos, contestações e *fake news*. Felizmente essas questões foram logo resolvidas.

A perspectiva de uma libertação pessoal total, espiritual e social da comunidade humana já vem dos escritos proféticos e sapienciais (séc. XIII a.C. ao séc. III a.C), com estratégias de sobrevivência e resistência iniciais do povo judeu contra a opressão econômica, cultural e política dos impérios opressores (egípcios, persas e depois os gregos). Essa dimensão adicional do significado de libertação na Bíblia advém, por um lado, das tradições históricas de Israel, que falam da luta pela criação de uma comunidade humana livre do domínio e da exploração, uma sociedade em que homens e mulheres viviam juntos como irmãos e irmãs sob o regime justo e amoroso de Deus. Tais tradições históricas destacam uma libertação política e socioeconômica. Por outro lado, os escritos proféticos-sapienciais constituem um esforço em favor da libertação pessoal, que livra os indivíduos das fontes psíquicas de servidão pessoal

⁴⁰⁶ MORO, 2016, p. 57.

ou societal – questões tão comuns ainda hoje, como a ganância, a luxúria ou orgulho e agressividade desmesurados.⁴⁰⁷

A sabedoria procura motivar e educar os indivíduos nas virtudes que elevam à vida – uma vida plena e cheia de júbilo da pessoa humilde, diligente, prudente, que está no controle das suas emoções, é fiel nos relacionamentos, compassiva e temente a Deus. Em linguagem atual, diríamos que é um ser humano que se preocupa com os outros, maduro, íntegro, capaz de amar e ser amado. O importante para a reflexão das lideranças comunitárias é que esses livros proféticos e sapienciais oferecem esperança e estímulo a povos que hoje se acham em situações similares: grupos minoritários, que se veem marginalizados e sob pressão para que assimilem a cultura e a ideologia dominantes. Dessa forma, podem aprender com a coragem e as estratégias retratadas nesses livros, para que perseverem e se mantenham firmes contra essas assimilações culturais opressivas.⁴⁰⁸

Tais resistências às políticas opressoras se tornam especialmente cruciais nessa época de globalização. As máquinas da economia capitalista global lembram os esforços do programa grego de helenização, no sentido de controlar e moldar os mercados do mundo para que constituíssem uma cultura global. Essa cultura global perversa não tolera a diversidade nem o desvio. Nesse contexto, os exemplos e os recursos oferecidos pelos textos proféticos-sapienciais proporcionam um amplo material para estudo e reflexão para as comunidades aqui citadas.⁴⁰⁹

3.2.2 O papel da mulher, em especial da mulher negra, na resistência às adversidades cotidianas

No desenvolvimento da vida na comunidade, é significativo o papel da mulher como ator de resistência às dificuldades inerentes ao modo de vida imposto, em que imperava a pobreza, as restrições (de locomoção, mobilidade, desenvolvimento das relações sociais). A mulher, principalmente a negra, garantiu muitas vezes as condições de subsistência da família.

Com a abolição da escravatura, as condições socioeconômicas do povo negro não se modificaram, e a relação senhor-escravo se estendeu na relação branco-negro. Portanto o negro, apesar da abolição, continuou

⁴⁰⁷ CERESKO, R. Anthony. **A sabedoria no Antigo Testamento, espiritualidade libertadora**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 11.

⁴⁰⁸ CERESKO, 2004, p. 12 e 200.

⁴⁰⁹ CERESKO, 2004, p. 200.

a exercer o papel de dominado em relação ao branco (dominador). Alguns fatores desempenharam papel indispensável para isso. A discriminação ao *tripalium*⁴¹⁰ (aqui, trabalho doméstico) fez com que este continuasse a ser exercido por quem já o fazia por excelência. Também as condições oferecidas ao negro após a abolição, que foram nulas, possibilitaram essa perpetuação, já que não havia possibilidades materiais de mobilidade social.⁴¹¹

Sem qualificação ou condição material (terra, propriedade) de mobilidade, e com o único bem que possuíam, que era o trabalho físico, além do mercado de trabalho não muito favorável aos homens, as mulheres tinham a responsabilidade de manter a casa. Isso era realizado com serviços meramente domésticos. Focaremos um específico, o serviço de lavadeira, e uma pessoa em especial, Dona Catarina.

Dona Catarina Barbosa lavava roupa para fora nas fontes e cachoeiras da comunidade, era casada com Juvenal Barbosa, e com ele teve nove filhos. Ela morava no Pastinho, uma das localidades da comunidade. Saía cedo de casa para lavar roupa: já às cinco horas da manhã, lá ia ela em direção à cachoeira. No desenvolver do seu trabalho, descia e subia umas cinco vezes diárias, carregada de roupas. Para passar o tempo, como era muito religiosa, cantava hinos de louvor a Deus com a esperança de que a vida iria mudar. Dona Catarina era negra, e desempenhava os papéis já realizados por seus descendentes que vieram do Alto Biguaçu para Florianópolis em busca de boas novas. Não sabia ler nem escrever, e trabalhou até conseguir, com muita luta, o seu direito de aposentadoria.⁴¹²

Ela passou toda a sua vida resistindo, sem poder descansar para não perecer. Uma mulher que, apesar de não ter nenhuma instrução formal, participou ativamente da construção da comunidade. Foi Dona Catarina que também ajudou a formar a noção do que seria a Capela Nossa Senhora do Mont Serrat. Ela também se envolveu na horta comunitária, na padaria comunitária, nos mutirões. Ainda hoje ela é lembrada pelos moradores do Mont Serrat como pessoa indispensável para contar a história do Morro. A luta dela não foi de palavras e gestos,

⁴¹⁰ DaMatta descreve a concepção do trabalho na tradição brasileira concebido como castigo. Segundo ele: “E o nome diz tudo, pois a palavra deriva do latim *tripaliare*, que significa castigar com o *tripalium*, instrumento que, na Roma Antiga, era objeto de tortura, consistindo numa espécie de canga usada para aplicar escravos”. (DAMATTA, 1998, p. 31.)

⁴¹¹ MORO, 2016, p. 57.

⁴¹² MORO, 2016, p. 58.

mas uma luta de ação, que consistia em “botar a mão na massa”, como se diz. Ela se destaca porque sua força, apesar das restrições físicas e sociais que sua condição impunha, representava a força da mulher negra, que alimenta seus filhos, que faz os serviços domésticos, que trabalha, e ainda consegue ajudar a transformar os espaços da comunidade. Como elemento político, ela é chave do entendimento das mulheres do Morro.⁴¹³

Dentro da sua atuação, parece que ela sabia que a sua geração não sentiria os maiores resultados de suas lutas. Ela morreu sem saber escrever, tendo que assinar seus documentos com as impressões digitais. Morreu sem saber ler a Bíblia que tinha em casa, uma Bíblia grande, que ficava aberta na estante. Por isso é que a história da comunidade do Mont Serrat se dava através da oralidade, porque a grande maioria dos membros antigos era analfabeta. Essa história oral se distinguia pelos elementos que se uniam para contar as histórias, mas nunca se repetiam, porque o contador a mudaria de acordo com suas emoções e necessidades. Por isso a beleza e a importância do contar na construção da comunidade.⁴¹⁴

Dessa forma fica para todos nós um modelo de aprendizado dessas mulheres analfabetas se dava pela relação do corpo seus corpos de mulheres que se expressavam pouco em palavras, mas que se multifacetavam em dizeres nos gestos, no espírito, no andar, no não falar muito. Esse tipo de aprendizado é doloroso, porque nem sempre quem participa entende os significados da linguagem corporal. Nesse processo de aprendizado, também se mostra o lado coletivo, na interação entre as mulheres lavadeiras com o canto laboral. Esse canto era marcado pela tristeza, pela dor e pela esperança do novo, canto agudo de mulheres fortes que cantavam para o tempo passar, sem ser pesado nos altos do Mont Serrat.

Outra liderança atuante no Alto da Caieira é Dona Tereza Ribeiro, que já fazia no Rio Grande do Sul um trabalho com a pastoral da criança e da saúde para as comunidades mais pobres, e veio para Florianópolis em 1998. Pronta para servir no amor fraterno de Jesus, não se aquietou e logo foi atrás de mais serviços voluntários para a organização de sua comunidade. Através do incentivo do Pe. Vilson Groh, começou a trabalhar como catequista novamente.

Seu empenho como catequista foi decisivo para a construção da capela de madeira, que depois de alguns anos foi substituída pela atual “igreja dos mártires”, no Alto da Caieira. Mais tarde partiu para a luta social pela comunidade contra as elites conservadoras da capital via

⁴¹³ MORO, 2016, p. 58.

⁴¹⁴ MORO, 2016, p. 58.

comissão executiva do Fórum do Maciço Morro da Cruz com as secretarias municipais de Habitação e do Desenvolvimento Social. A comunidade, na época, tinha inúmeros problemas sociais básicos, como a falta de água, de eletrificação, a questão do lixo a recolher e a necessidade de ter agentes de saúde mais presentes.

Essa líder comunitária do Alto da Caieira lembra que, com as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs –, participou das parcerias entre a comunidade e os órgãos públicos para a capacitação dos adolescentes carentes, como em aulas de informática e secretariado. As CEBs também fizeram com muita dedicação e pesquisa os relatos da história de cada um dos mártires da igreja, retratados na capela, gente que ouviu e agiu conforme os ensinamentos de Jesus, pela justiça e partilha cotidiana com os irmãos. Para Dona Tereza, a história que mais marcou foi a da líder sindical Margarida Maria Alves, que defendia o direito das mulheres e camponeses pobres na região da Paraíba.⁴¹⁵

Dona Tereza lembra com muito orgulho uma das maiores conquistas: a instalação da água encanada na comunidade. No início, utilizavam água de poço artesiano, mas houve uma contaminação pela poluição, e muitas pessoas, principalmente crianças, adoeceram.

As conversas iniciaram com a então prefeita Ângela Amim, que se negou a ajudar, dizendo que na comunidade não havia gente morando, só mato. Com a resposta negativa da prefeita, os moradores invadiram a sala do presidente da Casan, Sr. Walmor De Luca. Segundo o relato, era tanta gente que as pessoas tiveram que se sentar no chão. De Luca autorizou, então, usar a água por meio de mangueiras, utilizando a fonte da RBS. Essa estratégia não funcionou. Houve confusão entre os moradores, que cortavam as mangueiras uns dos outros. Os moradores invadiram novamente a Casan, e finalmente foram iniciadas as obras para trazer água encanada para a toda a comunidade, em 2007.⁴¹⁶

O jornal Hora de Santa Catarina, em 21 de fevereiro de 2007, fez uma reportagem sobre o “Bloco dos Sem Água”, comentando que a comunidade do Alto da Caieira encontrou um jeito bem-humorado para se manifestar sobre a falta de água na sua comunidade. Trinta moradores, representando quatrocentas famílias, usaram apitos, faziam barulho, batucavam em baldes e em galões de água. Nas mãos carregavam chuveiros, mangueiras e até uma descarga manual, além de cartazes de

⁴¹⁵ MORO, 2016, p. 62.

⁴¹⁶ MORO, 2016, p. 63.

protesto, contendo frases como “Senhor Walmor De Luca, tivemos várias reuniões e até que aqui sem soluções”.⁴¹⁷

Segundo Dona Tereza, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) trouxe melhorias com obras de infraestrutura, como ruas asfaltadas e construção de casas. Porém ela lamenta a falta de participação efetiva dos vereadores e deputados progressistas, que não se fizeram presentes nessa nova empreitada política para as periferias. Ela lamenta ainda terem sido descontinuados os cursos de pintura em camisetas e panos de louça, tricô, crochê, costura, fabricação de vela e bordado.

Dona Tereza está satisfeita com as conquistas quanto às questões referentes a água encanada, asfalto e muros de contenção. Porém lembra que ainda há muito o que alcançar, como: creche, posto de saúde, a conclusão do saneamento básico (água e esgoto), a obtenção de nomes das ruas secundárias ou becos com nomes de pássaros e árvores (o carteiro deixa cartas no mercadinho e bares), número das casas. Ela lembra que o projeto dos nomes das ruas já foi levado para a Câmara Municipal de Florianópolis e para o prefeito, mas até agora não houve sucesso. Para a creche e o posto de saúde já existe terreno disponível. Hoje os moradores precisam frequentar os serviços no bairro Saco dos Limões, e, pela distância, fica impraticável visitar a creche e o posto de saúde lá localizados.⁴¹⁸

Finalizando, dona Tereza, possui um material histórico de luta social registrado e guardado com orgulho. Relata duas reuniões no mês de julho de 2005 no auditório da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social de Florianópolis, junto com a comissão executiva do Fórum do maciço do Morro da Cruz, conforme o anexo B.

Hoje as lutas das mulheres estão sempre apoiadas por suas famílias. As mães as ajudam a cuidar dos netos, e às vezes também de outras crianças vizinhas, cujas mães têm que trabalhar, e a creche está em reformas ou sem vagas. Verdadeiras guerreiras e acolhedoras, essas avós se inspiram muito em IJo, quando o autor fala em não amar as pessoas só com palavras, mas com ações de fé e amor:

Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade. Nisto saberemos que somos da verdade, e diante dele tranquilizaremos o nosso coração, se o nosso

⁴¹⁷ MORO, 2016, p. 63.

⁴¹⁸ MORO, 2016, p. 64

coração vier a nos condenar, porque Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas.⁴¹⁹

Outra liderança de destaque na luta pela comunidade de Mont Serrat é Dona Darcy Vitória de Brito, professora e educadora, hoje aposentada, pelo magistério e o normal regional. É considerada “cidadã da gema”, nasceu e se criou na comunidade, e tem muito orgulho da sua trajetória de mulher emponderada. Ela sabe reconhecer o seu papel na sociedade e, principalmente, como reclamar os direitos que lhe pertencem, assim como assumir os deveres. Ser empoderada é não competir com outras mulheres do morro, mas tratá-las com carinho e igualdade, oferecendo apoio e ajuda sempre que necessário em sua luta diária de sobrevivência. Ela veio de uma família muito religiosa e católica. Sua mãe, pessoa de muita fé em Jesus e Nossa Senhora do Carmo, era de uma generosidade extrema e sempre ajudava as pessoas vizinhas com o cuidar de seus filhos, para que assim suas vizinhas pudessem trabalhar.

Ela deu aulas na comunidade e em outros bairros da capital, e sempre se preocupou com as crianças sem proteção familiar na comunidade, por isso fundou a Casa de Acolhimento que leva seu nome. Esse serviço de acolhimento se destina ao abrigo provisório de crianças afastadas do convívio familiar por abandono, ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja encaminhado o retorno ao convívio com a família de origem ou realizada a sua adoção por famílias interessadas. Ela conta que a Casa de Acolhimento veio após a criação da Casa Anastácia, para socorrer as crianças com vida em risco, usadas pelo tráfico de drogas, abandonadas nas ruas (algo que hoje não se vê mais). Era para ser um lugar para idosos, mas a emergência das crianças falou mais alto. A Casa de Acolhimento já recebeu até crianças de pais ricos, mas dependentes químicos, que estavam passando fome e pedindo dinheiro nos sinaleiros. “Um pecado”, segundo ela, que não pode ver criança em dificuldade, principalmente com fome.⁴²⁰

Atuou como catequista por vários anos, bem como assumiu outros postos de liderança na luta diária por melhores condições de vida da comunidade, imbuída sempre de esperança. Esse esperar tem um fervor grande na fé em Nossa Senhora do Mont Serrat, que representa a força na caminhada para a construção do Reino de Deus.

⁴¹⁹ 1Jo 3,18-20.

⁴²⁰ MORO, 2016, p. 69.

Ela acredita muito numa nova consciência de resistência dos jovens afrodescendentes, por conta da oportunidade atual de estudar na escola dos Irmãos Maristas. Ela crê no testemunho dessas novas lideranças atuantes. Toda a comunidade, junto aos sindicatos, partidos progressistas e movimentos populares, vai avançar ainda mais, com pensamento mais crítico e libertador, para assim reivindicar direitos esquecidos ao longo da história do Brasil.

Para Dona Darcy, o viver cotidiano é estar a serviço, dar amor e carinho sempre a quem vem procurá-los. É a Igreja Nossa Senhora do Mont Serrat, sempre com as portas abertas para receber todas as pessoas que sofrem. Como diz o Papa Francisco, é “igreja em saída”, que vai ao encontro dos diversos outros:

Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atraí-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe.⁴²¹

As lutas para melhoria das condições de vida e acesso aos serviços públicos são constantes na vida de Dona Darcy. Ela cita com prazer as melhorias trazidas pelo PAC, com a ajuda da senadora Ideli Salvatti, na contenção de barrancos, na construção de casas e do parque do Maciço do Morro da Cruz. Também o surgimento de trabalhos sociais educacionais, como o curso pré-vestibular, trouxe muita alegria e esperança de dias melhores para nossa juventude, além de servir de exemplo para outras comunidades. Isso deixa claro para os preconceituosos que “o que falta nas comunidades da periferia são só oportunidades igualitárias para todos, o resto depende de cada um lutar o seu lugar no sol; e podemos afirmar com certeza que o céu é o limite”.⁴²²

As CEBs atuam na comunidade desde 1980, presentes desde a época do bispo Dom Euzébio Oscar Scheid. A Irmã Terezinha, através da pastoral popular, fez conhecer o catolicismo, a fé, o Deus único-fonte de vida para todos e todas, os modos de rezar, os seus direitos e deveres, e uma visão crítica da sociedade. As CEBs atuam para a consciência social crítica e a importância da política como instrumento para a realização da caridade efetiva, estudos bíblicos para uma visão mais pé no chão e para compreender as diferenças, a enculturação, valorizando sempre o ser

⁴²¹ FRANCISCO, 2013, p. 91; EG 113.

⁴²² MORO, 2016, p. 70.

humano para a construção de um mundo melhor, também numa visão do cuidar ambiental do planeta-mãe Terra, como criação eterna de Deus.⁴²³

A organização das CEBs da comunidade serviu de exemplo para outras comunidades se organizarem e conquistarem os seus direitos frente ao poder público sem coração solidário. Dona Darcy citou como grandes referências Antonieta de Barros, com quem conviveu, e a Escrava Anastácia. Foram grandes exemplos de mulheres que lutaram pelos seus direitos e não esmoreceram diante das dificuldades.⁴²⁴

3.3 NOVOS DESAFIOS DE LUTAS EMANCIPADORAS DAS COMUNIDADES DE MONT SERRAT E DO ALTO DA CAIEIRA

A regra geral das lideranças dessas comunidades, educadas na fé cristã é: “quem bater na nossa porta com fome, pedindo algo, sempre deve ser atendido, não deve sair com nada; vamos repartir o que temos em casa, na geladeira ou em cima da nossa mesa”. Este ato de fé concreto anima e ensina os mais jovens a fazer futuramente este seguimento de Jesus, entendendo também a sobriedade dos bens materiais para estarem sempre disponíveis, sempre que for possível, aos que mais precisam na comunidade. Práticas sociais assim, de solidariedade, são espelho e inspiração para a nossa caminhada na construção do Reino de Deus e sua justiça, como fala o padre Vilson. Desapego material para servir os outros é visto como grande testemunho de fé, conforme 1Jo 3, 16-17:

Nisto conhecemos o Amor: ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos. Se alguém, possuindo os bens deste mundo, vê seu irmão na necessidade e lhe fecha as entranhas, como permaneceria nele o amor de Deus.⁴²⁵

As lideranças querem agora fazer uma reflexão dessas ações entre as pessoas da comunidade, para que sejam mais eficazes que eficientes, ou seja, entendam mais a fundo as causas de sua pobreza e quais as possíveis soluções mais duradouras e mais dignas que as atuais cestas básicas e o auxílio do bolsa família federal. Vale ressaltar, porém, que tais medidas às vezes ainda são imprescindíveis, e durante a pandemia de COVID constituíram-se em atos de caridade preciosos. Essas atitudes

⁴²³ MORO, 2016, p. 68.

⁴²⁴ MORO, 2016, p. 69.

⁴²⁵ 1Jo 3, 16-17.

devem passar pela práxis caritativa, isto é, é preciso refletir sobre a prática de amor ao próximo para que, na medida do possível, ela ultrapasse as ajudas imediatas, ainda que tão necessárias, e alcancem uma ajuda que seja definitiva, como os empregos formais seguindo a legislação trabalhista atual.

Nesse caminho gerador de mais oportunidades, a comunidade do Alto da Caieira e a comunidade do Mont Serrat organizaram uma sala que busca essas oportunidades de empregos. Outra atitude motivadora foram também os cursos dados pelo SENAC para pessoas das duas comunidades interessadas em se tornar um MEI (microempreendedores individuais). Estes, se registrados no poder público, são estimulados a expor produtos alimentícios e artesanais na praça da caixa d'água da comunidade do Monte Serrat, emitindo assim notas fiscais de seus produtos e ampliando para possíveis clientes jurídicos. Esse local de exposição tem um pôr do sol dos mais bonitos da ilha de Florianópolis.

Outra observação interessante nessas comunidades é o raio de ação do poder do amor, do poder caritativo, sempre crescendo, observado em seus cotidianos. Esse raio de amor, primado por um olhar de acolhimento e alegria pela graça do Jesus amado, começa ou tem seu ponto central no seio da família e vai se expandindo aos parentes, aos vizinhos, aos membros da comunidade, até aos ambientes da escola e do trabalho, e depois às pessoas mais distantes. Interessante essa reflexão sobre o raio do amor caritativo vivido nestas comunidades, que, como flechas, perpassam nossos corações fechados ao outro que sofre. Muitas vezes reclamamos por coisas pequenas, sem a humildade de agradecer a Deus por nossa posição social de classe. Assim podemos nos dispor a aprender com eles os valores e as virtudes cristãs dessas comunidades, como a acolhida e a resiliência, por exemplo.

O Papa Francisco, com sua sensibilidade franciscana social do século XXI, entendeu em seu coração e acertou para que a Ecléisia se movimentasse na direção dsses locais carentes nas periferias cidadinas. Indo até lá, podemos aquecer nossos corações, e todos aprendemos. Não é só para se levar uma mensagem de esperança e ânimo, mas também para receber a sensibilidade espiritual (da fé fervorosa em Jesus e em Nossa Senhora do Mont Serrat e Nossa Senhora Aparecida) e a sensibilidade social dessas pessoas. Nessas comunidades, muitas vezes são negadas oportunidades de todo tipo, e mesmo assim a amorosidade se vive lá, deixando a todos com esperança de se chegar um dia numa civilização amorosa universal, a “civilização do amor”, como bem queria o papa Paulo VI.

Outro fato marcante nessas comunidades é a reflexão feita sobre o que diz o evangelista Marcos: “Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis”.⁴²⁶ Isso foi citado pelo Papa Francisco, na V Jornada Mundial dos Pobres, em 2021. Já foram feitas várias interpretações deste trecho, tanto por pessoas leigas quanto pelos exegetas. A análise das elites em geral, principalmente as elites políticas e as classes mais abastadas insensíveis, em seu desdém de coração de pedra rotineiro, é a mais perigosa. Não é aceitável achar que biblicamente os pobres existirão sempre, portanto seria algo impossível de se resolver, por conta do determinismo, do destino social insuperável e outras citações desumanas

As comunidades aqui citadas veem de outra maneira, com o olhar das CEBs. Elas entendem que essa fala é usada para justificar as situações de injustiça e de pobreza, e recusar-se a promover mudanças de inclusão social, pois se daria como certa ou ainda merecida a desgraça social desta situação. As comunidades aqui estudadas entendem que Jesus se referia à pobreza gerada por desgraças eventuais, dadas pela mãe natureza (implacável como sempre): furacões, terremotos, enchentes, desmoronamentos de encostas sobre as casas dos trabalhadores, calamidades em geral, causadas muitas vezes por interferência humana. Essa é, aliás, uma situação de carência material a qual todos estamos sujeitos por tratarmos a Mãe Terra, nossa morada comum, com desdém e imprudência (ações antrópicas).

Em resumo, há duas duas formas de pobreza para Jesus e que devemos agir continuamente buscando sua extinção: uma advinda da ação da mãe natureza; e a outra, pela injustiça social, que deve sempre ser combatida e jamais tolerada.

O Papa lembra ainda que “os pobres não são pessoas «externas» à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social”. Sabemos que a pobreza não é fruto do destino, é consequência da injustiça social, fruto do egoísmo humano. Este é o desafio: Que lugar os pobres ocupam nas CEBs, nas Dioceses, nos serviços pastorais, nos planos de pastoral, nas instituições ligadas à Igreja? O que os pobres nos ensinam?⁴²⁷

⁴²⁶ Mc 14,7.

⁴²⁷ MAFRA, Neuza. Pobres sempre os tereis: conformismo ou desafio? **Semanas Sociais Brasileiras**, Portal das CEBs, [s.l.], 24 set. 2021, não paginado. Disponível em: <<https://ssb.org.br/noticias/pobres-sem-pre-os-tereis-conformismo-ou-desafio/>> Acesso em: 20 mai. 2023.

Quem está em atividade missionária nestas comunidades da periferia percebe nitidamente que as pessoas vivem em situações indignas, mas elas não querem um simples favor. Querem emprego formal, luz elétrica reconhecida pela Celesc, nomes para suas ruas, saneamento básico, acesso a creches e escolas públicas decentes, além de outros direitos obtidos pelas classes médias.

Em abril de 2023, o Maciço do Morro da Cruz, que inclui todas as dezesseis comunidades, foi representado pelo seu Comitê Popular, em reunião *in loco* com o atual prefeito de Florianópolis, um empresário de sucesso, o senhor Topázio Neto. As comunidades apresentaram suas demandas atuais, como a necessidade de melhorias em acessibilidade, educação, mais vagas na educação infantil e creche, mais acesso a informações sobre coleta de lixo, ampliação do sistema de esgoto, fortalecimento da integração comunitária no Maciço, melhorias na praça da comunidade Nova descoberta e também na sua entrada, já que seus contentores estão subdimensionados.⁴²⁸

Na figura 3, abaixo, observam-se os encaminhamentos coletivos das comunidades do Morro do Maciço da Cruz de uma maneira muito clara para a realização do PAC III deste atual governo progressista. Suas necessidades materiais mais urgentes estão elencados em eixos, programas e futuros projeto. (ver também anexo C)

Figura 3 – Eixos e Programas do Comitê Popular Comunitário Do Maciço Do Morro Da Cruz



Fonte: Relatório de reunião com lideranças do Maciço do Morro da Cruz, 2023.

⁴²⁸ Vide Anexo C

Quanto à questão socioambiental, é importante que se tragam à tona algumas demandas que são inerentes a todas as comunidades do Maciço do Morro da Cruz: os resíduos urbanos. Gerados pelas próprias comunidades, e mal acondicionados, eles causam uma série de transtornos. Aqueles que são orgânicos poderiam ser aproveitados, reservados em composteiras, depois serviriam para alimentar mudas de espécie nativas que vão recuperar áreas degradadas e embelezar ainda mais a paisagem natural urbana, além de serem usados na agricultura urbana para a geração de alimentos.

Outra demanda específica da Unidade de Conservação trata-se da demarcação física da Unidade. Isso significa a necessidade de sinalização específica em vias que passam pelo Parque. Além disso, Alto da Caieira do Saco dos Limões foi contemplado com a abertura e a pavimentação de várias vias, o que também se transformou em rota de fuga para os motoristas que fogem da imobilidade urbana. Certamente essas vias necessitam de sinalização adequadas à transformação em estrada-parque. Além disso, animais, cães e gatos são também um assunto bastante procedente, pois, ainda que grande parte das pessoas tenha esses animais como membros da família, há também muito abandono, maus tratos e negligência.

O contexto que corresponde à vida eclesial e Pastoral das comunidades do Alto da Caieira e Mont Serrat caracteriza-se ainda pela experiência de Comunidades Eclesiais de Bases – CEBs. São formadas por leigos e leigas, principais responsáveis pelas atividades necessárias à existência da comunidade. Essas pessoas exercem a coordenação das atividades de forma colegiada, participativa.

Além disso, as concepções de fé e de vida, e sua intrínseca relação, configura outro aspecto importante na dinâmica comunitária dessas realidades, considerando-se o projeto de Jesus na sua essência de luta pela dignidade humana. Por isso, há o envolvimento dos leigos e leigas em espaços que permeiam as discussões sobre os direitos sociais e suas implicações na efetivação das políticas públicas: associações comunitárias, comissões, conselhos etc.

Nessa perspectiva, a igreja institucional e as CEBs têm uma relação direta com a expressão da eclesialidade apresentada anteriormente, e também pelo papel que exerce há décadas o padre Vilson Groh, pároco que atua numa rede de articulações sociopolítica e religiosa.

Assim, temos a presença nessas comunidades das pastorais do Batismo, Catequese, Liturgia. O Mont Serrat tem um Centro de Pastoral que atende especificamente a essas pastorais, além de Grupos de Casais e Terceira Idade. No Alto da Caieira funciona o Centro Social Elizabeth

Sarkamp, espaço que serve nos finais de semana para encontros da catequese e outras atividades da capela. O calendário pastoral dessas comunidades destaca as festas das padroeiras Nossa Senhora do Mont Serrat e Nossa Senhora Aparecida, a caminhada dos Mártires, a Missa da Consciência Negra etc.

Os desafios que perpassam o trabalho eclesial e pastoral estão relacionados com a baixa atuação e participação, principalmente de adolescentes e jovens nas atividades da igreja católica. Outra dificuldade relacionada ao processo de evangelização é a pouca adesão de adultos para a Pastoral Catequética e a descontinuidade no processo formativo de catequistas. Com relação ao Alto da Caieira, é preciso organizar o dízimo, mais voluntários que ajudem nas visitas às pessoas idosas e doentes, além da animação dos cantos na liturgia.

Sobre a atuação das escolas maristas no Mont Serrat e no Alto da Caieira, pode-se afirmar que tão logo os maristas assumiram, a comunidade começou a apoiar e a se integrar na nova dinâmica e metodologia de educação. Já no primeiro ano de vida escolar marista, 2011, houve um grande crescimento de alunos, e, a partir do segundo ano, a escola estava completa. Se antes dos maristas o problema era a falta de estudantes, agora com os maristas o problema era a falta de espaço para mais estudantes poderem estudar. A contestação era por falta de vagas pela demanda de estudantes advindos dessas comunidades.

A escola marista faz uma educação integral e atende crianças desde o primeiro ano fundamental até o terceiro ano de Ensino Médio. Todos os estudantes são contemplados por bolsas gratuitas de estudos. Essa escola valoriza a pessoa humana, trabalha na inclusão de todos, desenvolve todas as características da pessoa humana (a dimensão intelectual, biológica, psicológica, moral, espiritual), bem como atua na defesa dos direitos, na proteção das infâncias e de gênero, e na inclusão dos excluídos. Trabalha e educa na perspectiva de uma educação humanizadora, crítica, liberta e libertadora, com base nos ensinamentos de Jesus, dos documentos da Igreja católica e da Instituição Marista.

Para fomentar essa educação, a escola marista adota metodologias distintas que convergem para tal. Os estudantes do primeiro ao quinto ano permanecem o dia todo na escola, recebendo uma educação complementar à educação formal obrigatória. Os estudantes dos anos finais participam no contraturno da escola, com oficinas que dialogam com o seu crescimento educacional e humano, abrindo possibilidades de escolhas futuras. Os alunos do ensino médio também possuem aulas de jornada ampliada, onde podem se preparar melhor para a continuação dos seus estudos na universidade e na preparação de uma profissão futura.

É notável constatar o crescimento de alunos que adentram nas universidades. Não podemos esquecer que uma educação de qualidade, num ambiente saudável, forma pessoas novas, com sonhos de futuro. Também forma pessoas com espírito crítico, que foge da submissão. Com pessoas mais bem posicionadas e bons cidadãos, é possível sonhar uma sociedade e uma comunidade mais engajadas na vida política e social. É pelo engajamento dos estudantes e famílias que se pode medir o sucesso da educação que os maristas estão implantando nesse espaço do Mont Serrat e Caieira. A escola tem um baixíssimo número de estudantes egressos. A cada ano que passa, aumenta o número de estudantes que fica na lista de espera por vaga na Escola.

A escola Marista é signatária da ODS, lista de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, da ONU. Sendo assim, tem-se empenhado tanto no currículo escolar quanto em atividades socioambientais para desenvolver práticas que atendam a educação no âmbito escolar e das comunidades. A escola promove campanhas de cuidados do meio ambiente, através de reflorestamento, com preservação e plantio de árvores nativas. Muitas vezes em mutirão, estudantes e comunidades têm adentrado os bosques para se empoderar, reflorestar e cuidar da mata nativa dessas áreas de preservação.

Junto aos seus dois prédios 1 (Mont Serrat) e 2 (Alto da Caieira), a escola desenvolve pequenas hortas, chamadas de hortas pedagógicas, porque dialogam e se conectam com os conteúdos das disciplinas, dados em sala de aula. Os estudantes aprendem a cultivar, cuidar e valorizar as verduras. Depois eles estarão aptos a fazê-lo em suas próprias casas.

As comunidades do Mont Serrat e Alto da Caieira guardam na memória dos mais velhos uma história de lutas e conquistas de seus direitos. Esses cidadãos sabem que nada se conquista sem esforço, suor e luta. Tem-se a sensação de que, por não ter havido momentos de luta nestes últimos anos, as novas gerações carecem deste aprendizado. Quem não sente não sofre. Quem não vive não aprende. Em alguns momentos, tem-se a sensação de que os mais velhos não dão suficiente espaço as novas gerações; enquanto as gerações mais novas não se comprometem o suficiente com as responsabilidades que lhes cabem, de defender e planejar o seu futuro e o seu entorno. Hoje as ideologias políticas sectarizadas, especialmente da extrema direita, também contribuem para o enfraquecimento da luta nessas comunidades.

Os maiores problemas se relacionam ainda com a infraestrutura: vias de mobilidade (melhoria das ruas e escadas), limpeza, preservação das nascentes (bicas de água), limpeza e embelezamento das casas e quintais nas famílias e nas vias de comunicação, regularização da posse

dos terrenos legais das famílias, saneamento básico quanto ao esgoto e coleta de lixo, mais escolas, especialmente do ensino fundamental, um espaço de lazer diversificado para os jovens e crianças melhoria habitacional e financiamento habitacional.

O atual prefeito está administrando a prefeitura, no entendimento da comunidade, como um “quase” que nos moldes do Orçamento Participativo (OP), tão conhecido em trabalhos acadêmicos. É ferramenta eficaz, que foi muito utilizada nas administrações progressistas da cidade de Porto Alegre. Havia perspectiva de decisão coletiva dos debaixo, de que todos os bairros participariam das decisões por melhorias em seus locais de moradia, dando adeus a um orçamento impositivo “normal” pelos prefeitos mais centralizadores e conservadores.

O Orçamento Participativo (OP), uma inovação democrata participativa local, ao contrário do orçamento impositivo, é um processo pelo qual a população decide, de forma direta, a aplicação dos recursos em obras e serviços que serão executados pela administração municipal do local, evidentemente com vontade política idônea e partilha do poder do mandatário do local. A experiência do OP nos governos da Administração Popular de 1989 a 2004 começou no governo Olívio Dutra do Partido dos Trabalhadores, com o objetivo central de democratizar as decisões sobre o orçamento público e inverter prioridades, com o protagonismo direto da população interessada em tomar as rédeas de suas aspirações como cidadãos conscientes. Muito lamentado não entrar como atitude política obrigatória na sigla do partido para todo prefeito eleito, o que levou ao descrédito político os cidadãos mais conscientes e de vanguarda.

Ao longo dos anos aumentou a participação, construiu com a própria comunidade um Regimento Interno, que todo ano sofria aperfeiçoamentos e que permitia desdobramentos, como os Congressos da Cidade, abordando planejamento futuro ou temas específicos, como a reforma do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA), com um ano inteiro de debate na comunidade antes do envio do projeto à Câmara Municipal.⁴²⁹

⁴²⁹ PAZ, Walmaro. Orçamento participativo saiu das mãos da comunidade, diz ex-prefeito de Porto Alegre Raul Pont. **Brasil de Fato**, Política, Porto Alegre, 29 mar. 2022, não paginado. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/29/orcamento-participativo-saiu-das-maos-da-comunidade-diz-ex-prefeito-de-porto-alegre-raul-pont>> Acesso em: 20 mai. 2023.

Essa experiência que virou referência de gestão pública tornou Porto Alegre reconhecida no mundo inteiro e encontrou no Fórum Social Mundial um canal de difusão para todos os continentes.⁴³⁰

Nas duas comunidades aqui citadas, é mister que toda a sua população num futuro breve, atinja um nível de condição de vida adequado conforme direitos universais inerentes e garantidores para uma humanização vocacionada na liberdade, na solidariedade e na fraternidade, principalmente para com todos que sofrem. Para nós cristãos é necessário ir mais adiante na construção da dialética do futuro, que é a tensão do dinamismo entre “já” e o “ainda não” da plenitude das esperanças messiânicas. Na verdade, esse dinamismo (constante renovação) sugere a luta contra tudo que constitui empecilho para a realização do poder de amor universal de Jesus. Em outras palavras, é iniciar já, aqui e agora, a construção do Reino de Deus que tanto seu filho dileto Jesus anunciava.

Para tanto, estas comunidades cristãs do Mont Serrat e Alto da Caieira, precisarão antes passar por três grandes condições as quais não devem ser vistas de modo excludente, ou seja, como se bastasse a realização de uma delas para que todas as pessoas se tornassem felizes. Não, essas três condições se exigem mutuamente.

Há uma *condição mínima*, que engloba o cuidado com a vida física, o bem-estar do corpo, a posse dos bens materiais necessários à integridade da existência, como comida, casa, trabalho, segurança etc. Sem essa condição mínima, o Reino de Deus fica sem base, sem chão. Como ser feliz sem as condições mínimas de vida digna? Porém, isso por si só não é suficiente. A felicidade humana aponta para algo mais. Há uma *condição média*, que se diz respeito ao cultivo do espírito, à liberdade de locomoção e de comunicação, às expressões artísticas, esportivas e culturais, à promoção dos direitos humanos, pessoais e sociais, à construção da cidadania, à organização democrática, à segurança e à paz. Afinal, de que adianta ter comida se não há tranquilidade e paz? Mas a posse de bens materiais e espirituais ainda é pouco para a felicidade humana. O ser humano tem dentro de si um desejo do absoluto, um vazio que só será preenchido no encontro definitivo com Deus criador. Há, por isso, uma *condição máxima* e última para a realização do Reino de Deus: estar preparado agora, nesta vida (o “já” e o “ainda não”), para a ressurreição final, a posse dos bens eternos, a vida eterna, a convivência feliz no céu. Para Jesus, a pregação do Reino de Deus era acompanhada

⁴³⁰ PAZ, 2022, não paginado.

por obras que exprimiam a aproximação de Deus, a vinda gratuita de Deus, a solidariedade de Deus para com a humanidade oprimida.⁴³¹ As obras deste Reino de Deus, era de propor um novo projeto de sociedade, baseada em dois pilares a saber: nas relações pessoais, o amor; nas relações sociais, a partilha dos bens da Terra e dos frutos do trabalho humano.⁴³²

⁴³¹ FELLER, Vitor Galdino. **Jesus de Nazaré: Homem que é Deus**. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 2004, p. 41-42.

⁴³² BETTO, Frei. **Evangelho e Projeto Político do Reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 11.

CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, de cunho bibliográfico, abordou o tema do amor caridade, de serviço, gratuito. Noutras palavras, são os gestos de Jesus estudados na primeira carta de São João, pelos teólogos joaninos, na práxis pastoral social eclesial católica e de documentos papais da Igreja, todos eles vinculados com as comunidades aqui citadas, e estudados tendo elas em mente.

No primeiro capítulo, a partir da primeira carta de São João, com o apoio de teólogos e estudiosos contemporâneos, sintetizou-se a teologia do amor ágape visto em João. Nesse resumo, observa-se que a expressão "Deus é Amor" sintetiza a relação existente entre Deus e a humanidade, e é uma das expressões mais profundas do cristianismo. Como foi mencionado, o amor não é somente um modo de comportar-se de Deus, mas faz parte do seu ser, é intrínseco a ele. Ao se afirmar que Deus é a origem do amor, quem vive em comunhão com Deus é interpelado a amar os irmãos, sobretudo aqueles em dificuldades espirituais e materiais.

Para nós, cristãos, o amor ágape desinteressado universal é o mandamento novo trazido do Pai por Jesus Cristo. Não somente por meio de suas palavras, mas através de sua vida totalmente doada, sendo mesmo capaz de assumi-la até as últimas consequências, que é a morte.⁴³³ Assim, o Deus invisível e seu infinito amor se manifestam em Jesus crucificado e ressuscitado.⁴³⁴

A vivência do amor consiste em sermos sinais do Reino do seguimento de Jesus em todos os espaços, sobretudo nos espaços públicos, não somente em nossas comunidades, paróquias, igrejas. Essa vivência se expressa na humanização das relações nas experiências cotidianas, e é uma característica do ser cristão, um estilo de vida; mas também algo que está sempre em processo, sempre pode ser aprimorado.

Todo cristão é convocado a se identificar com Cristo, seguir seu projeto, seu caminho de humanização. Somos, assim, chamados a experimentar o mistério do Deus Amor por meio de um encontro vital com a pessoa de Jesus e com sua proposta do Reino de Deus. Esse encontro é marcado pelo mistério de se abrir à revelação do outro, que é o próprio Deus. Vivemos mergulhados numa densa rede de informações; mas, muitas vezes, permeada de pouca relação dialogal e de muito isolamento.

⁴³³ Jo 13,1.

⁴³⁴ 1Jo 4,9.

Somos, portanto, desafiados a recuperar ou a estarmos atentos a um processo sempre maior de acolhimento, por meio da escuta, da atenção ao outro. Isso requer diálogo, perdão, comunhão, busca da unidade na diversidade e uso de meios adequados para gerenciar as convivências e os conflitos. Assim, nasce também o desafio de desenvolver processos de comunicação autênticos, capazes de ampliar e desbravar novos horizontes. Encontrar-se com Jesus Cristo, o Filho de Deus, significa também assumir o seu projeto, pautando a própria vida pelo princípio do amor. É sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro. E ter nossa vida marcada pela solidariedade, pela compaixão, pela justiça.

Conhecer a fundo a pessoa de Jesus Cristo dos evangelhos nos faz sentir profundamente amados, e, pouco a pouco, vamos sendo inseridos no mistério de Jesus, que se revela como Vida. Vida que se expressa no amor fraterno, no seu projeto de compaixão, misericórdia, comunhão, fraternidade universal, partilha, fidelidade profética".⁴³⁵

A carta de João, ao falar do amor caridade visto nos gestos de Jesus, combate também uma gnose subjetiva, ainda hoje vista em muitas religiões. Estas desenvolvem apenas as virtudes pessoais em rituais e orações vazios, pois não se preocupam em agir cristãmente no mundo. Uma desmitificação da "elevação espiritual agnóstica" é clara ao se dizer "que ninguém está em comunhão com Deus se antes não está em comunhão com os irmãos".⁴³⁶

Nesses tempos de polaridade política, em que a discussão política é levada para níveis pessoais, pode-se afirmar que o cristão que tem medo espelhado no ódio é porque não ama como se deve amar as pessoas. Essa postura política de personalização não quer correr os riscos iminentes ao se viver este amor fraterno. Quem tem medo foge dos desafios do amor. No amor não há temor, porque a confiança em Deus sugere o amor de proteção contra o mal e fortalece nas ocasiões de desafios do dia a dia. Assim se conclui que o ódio tem afinidade com a treva e o pecado (aqui como estado de resistência ao amor); o amor tem afinidade com a luz e o bem; amor e ódio não se casam.

A tese joanina é clara: como Deus nos amou primeiro em dando-nos a vida, lição primeira da trindade amorosa, concluímos que nascemos do ventre de Deus, portanto participamos de sua mesma natureza, logo somos todos parentes divinizados pelo Pai comum. Ao imitar a comunhão trindade amorosa, podemos afirmar que seremos mais felizes na medida em que tornarmos mais pessoas felizes a nossa volta.

⁴³⁵ 1Jo 1,1.

⁴³⁶ 1Jo 1,6-7.

Aprendemos através destes textos que o amor de Jesus não é original: “assim como o Pai me amou, eu também vos amei. Permaneci em meu amor”.⁴³⁷ A origem do amor de Jesus aos seus⁴³⁸ é o amor do Pai, que tudo dá ao seu filho dileto, como a vida, o poder da cura, o poder de ressuscitar e de iniciar e anunciar a boa nova do Reino de Deus e a sua justiça.

Muito importante a reflexão: o amor da pessoa que crê em Jesus não é original, pois vem do novo mandamento dele. E mais, para que o amor alcance o seu objetivo de amar os irmãos cristãmente, o que crê deve acolher o amor que Jesus lhe oferece. Se não se acolhe o amor de Jesus, não se pode amar os irmãos com o mesmo amor que Jesus nos ama. Logo esse mandamento do amor tem uma primeira parte essencial que é acolher. É preciso acolher para poder dar. Aqui está a força do “como” em Jesus.

Portanto, aceitar o amor de Jesus e ser acolhido, para assim gerar dom, amor e vida dessa forma amorosa, capacita o crente a se doar aos demais irmãos excluídos da sociedade. Não se trata somente de imitar Jesus. É preciso viver do mesmo modo como ele viveu, porque, definitivamente, vivemos a vida que ele nos deu.

Em João, há uma compreensão mais profunda sobre o amor de Deus, uma dinâmica “fontal”: Deus Pai se alegra, fica feliz na medida em que seu amor para conosco é compartilhado com os irmãos e irmãs que lutam pelos seus direitos básicos ainda não conquistados. Deus quer ser amado assim, com essas atitudes solidárias embasadas pelos mandamentos de amor fraterno de seu filho. É uma visão inclusiva. Só podemos amar o criador se aderirmos ao amor dado ao seu Filho Jesus, que também deu seu amor por nós, com ápice amoroso na cruz: “quem ama aquele que gerou, ama também aqueles que por ele foram gerados”,⁴³⁹ Em outras palavras: “quem ama a Deus ama também os filhos de Deus”.

Para João, “Deus é amor”, e podemos afirmar também que “Deus é amar”. Para João, a perspectiva da eternidade já começa nessa vida, na medida em que aderimos ao seguimento da vida de Jesus em nossas práticas cotidianas. Para tanto devemos garantir nossa fidelidade à profissão de fé em seus ensinamentos, bem como a “praticidade” no seu amor fraterno.

⁴³⁷ Jo 15,9.

⁴³⁸ Jo 13,1.

⁴³⁹ 1Jo 5,1.

O capítulo dois forneceu pistas educacionais de uma política crítico-transformadora para se atingir uma nova consciência caritativa social e renovadora, com indicações filosóficas e das ciências sociais. Tais assuntos devem ser estudados e refletidos pelas lideranças das duas comunidades do Mont Serrat e do Alto da Caieira. Instrumentalizadas com as ciências descritas aqui nesses novos estudos, as lideranças serão os partícipes da construção de uma nova história desse país, não mais simples espectadores alijados em participar das decisões e rumos da política em todos os seus níveis. Assim, poderão agir na história como cidadãos e cidadãs conscientes, poderão construir uma nova sociedade para todos, e não para uns poucos, como a maioria da população ainda acha “normal”

É desesperançoso é ver em desuso geral pelos jovens de hoje a palavra “indignação”, vinda das contradições sociais aviltantes encontradas em nossa sociedade. Para piorar, são bombardeados por *fake news* e pelas pós-verdades, fenômeno pelo qual a opinião pública reage mais a apelos emocionais do que a fatos objetivos – a verdade é colocada em segundo plano. Precisamos urgentemente reverter essa situação com palestras, seminários e retiros em nossas comunidades. O objetivo desta pesquisa, se possível, é utilizá-la para tais reflexões com a juventude e com pessoas da comunidade em geral.

Há nestas lideranças elevadíssimos sentimentos de amor coletivos ao atuarem na política, numa economia com viés mais solidário e por uma cultura mais elevada que venha a somar nessa nova conscientização. Com essa nova visão de mundo, espera-se dessas lideranças uma nova práxis de luta amorosa e fé, e novas posturas éticas, como jamais trair sua comunidade ou seus eleitores quando da chegada ao poder, principalmente nas questões de acesso a dinheiro público. Serão assim incorruptíveis em qualquer situação, quer na esfera pública quer na iniciativa privada. Vale lembrar aos que lutam pelo poder, pela fama e pela riqueza, que esse trio não corrompe, mas revela o coração das pessoas envolvidas em sua busca.

O capítulo três procurou valorizar a atuação das lideranças dessas comunidades citadas, e como elas aprenderam com a teoria e com a experiência de várias lutas junto aos seus liderados. Estes desenvolvem mais confiança por seus líderes na medida em que se abram espaços para participação e o diálogo constante e construtivo na comunidade. Assim elas são vistas como exemplo a se seguir e em quem confiar. É a práxis de coerência entre fé e vida doada por essas lideranças. Essa práxis cotidiana constante exige de todos nós a disposição para nos converter no dia a dia com esses encontros. Com a força de um apoio quase

incondicional das suas comunidades, as lideranças se sentem mais fortes no embate contra o poder público indiferente aos seus direitos de cidadania básicos.

As lideranças comunitárias sabem, como o disse Papa Francisco, que a política é a caridade efetiva, ou seja, a forma mais alta, maior, da caridade, assim o amor é político, isto é, social, para todos. É necessária uma transformação mais radical da sociedade em suas estruturas de exclusão, ou no mínimo uma reforma nas estruturas sociais atuais. Assim todos os excluídos poderiam alcançar ao menos dois dos três “Ts” mencionados pelo Papa Francisco em sua economia solidária (trabalho, teto, terra), além de educação e serviços de saúde.

Essa postura libertadora na política vem da forte espiritualidade orante, que inclui a reza do terço e reflexões em grupos sobre a palavra de Deus, e que também se exercita nessas comunidades, em que as pessoas estão envolvidas de uma maneira ou de outra com a sinodalidade como dimensão constitutiva atual da Igreja. É esse o pedido do atual Papa, para que os leigos escolhidos pela sua fé e vida testemunhal assumam maior responsabilidade na participação na santa missa e na execução dos sacramentos do batismo e crisma. As missas são realizadas todos os sábados e domingos, independentemente da presença ou não do padre Wilson.

A pastoral social via CEBs age como uma dimensão da caridade cristã, mas uma dimensão que não pode ser reduzida nem confundida com outras. A caridade cristã é mais ampla e mais abrangente que a pastoral social. Esta é a expressão mais qualificada da dimensão socioestrutural da caridade cristã; é fermento evangélico nas estruturas da sociedade para a construção do Reino de Deus e sua justiça, missão terrena maior de Jesus Cristo. A pastoral social progressista denuncia e atua em defesa da superação do modo de se estruturar e institucionalizar nossa vida coletiva, que nega a grandes setores da população até as condições materiais básicas de sobrevivência, impedindo-as de viverem com dignidade e de se realizarem como pessoas. Trata-se, aqui, em última instância, do enfrentamento do pecado (a falta do amor ágape), que se materializa e se institucionaliza nas estruturas da sociedade. Aquilo que, desde Medellín e Puebla, convencionou-se chamar de “pecado social”.

Espera-se que nossas lideranças, ao atuarem em seus embates futuros com o poder público, guardem melhor as duas dimensões personificadas que se sensibilizam no exercício da cidadania ao se querer mudar e combater o mal no mundo. A primeira é a “bela alma”, com a dimensão espiritual sensível, de indignação e aflição frente ao mundo, mas que não atua no mundo, se acovarda. A outra dimensão é o

“comissário”, que atua, combate o mal no mundo, mas se insere com espiritualidade diminuta; de maneira fanática e doutrinária, coloca-se acima dos outros e não os e não os escuta, provocando passividade nas pessoas a sua volta. As intenções reformadoras se transformam, assim, em prática deformadora, nada revolucionária. Porém, ao unir esses dois polos, com uma espiritualidade fortalecida no poder do amor e a resiliência combativa, nossas lideranças escreverão uma nova práxis histórica autêntica e humanizada, em busca de sua libertação total merecida.

A partir do tema ora estudado, sugere-se como pesquisas futuras:

1) Uma pesquisa sobre a “civilização do amor”, utopia iniciada pelo Papa Paulo VI, após o Concílio Vaticano II, e continuada pelos papas seguintes. Isso seria feito de modo a refleti-la hoje em nossos movimentos sociais, tendo o poder do amor ágape como pedra angular na renovação do projeto, da ideologia e da organização hierárquica desses movimentos sociais.

2) Outra pesquisa é identificar por que a palavra caridade está hoje desgastada (Bento XVI comenta isso em sua encíclica *Caritas in Veritate*), ligada a um assistencialismo eventual. Além disso, as pessoas que praticam esse tipo de caridade não aprofundam seus gestos de solidariedade, comparando-se com o amor ágape de Jesus, que é muito mais libertador e de maior dignidade a todas as pessoas. Resumindo, as pessoas que ajudam na cesta básica votam naqueles que querem manter este assistencialismo *ad eternum* para os mais pobres e excluídos socialmente.

3) Pesquisar um novo enfoque, de mais amorosidade catequética, centrada na primeira carta paulina aos Coríntios 13, 1-13. Mostrar às nossas crianças, como fala o grande José Comblin, que

a salvação nossa passa por viver no amor, se importar com as pessoas a nossa volta. Quem ama está salvo e já passou da morte à vida. A morte física não mudará. O que era na sua vida terrestre amor, permanece para sempre. A única realidade deste mundo que permanece para eternidade é o amor.⁴⁴⁰

E mais, esclarecer às crianças duas coisas fundamentais: 1) seremos todos julgados por quanto amor demos às pessoas nessa vida,

⁴⁴⁰ COMBLIN, Jose. **O caminho**: Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004, p. 227.

conforme Mateus 25,35-45; e 2) na terra a nossa vida é um permanente combate entre o amor e a resistência ao amor, que é o pecado.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Congresso e Planalto vão tentar mais uma vez aprovar e reforma tributária. **Senado Federal**, Senado Notícias, [s.l.], 03 fev. 2023.

ALBUQUERQUE, Targelia de Souza; SOUZA, Karla Fornari de. Sonhar, ousar e esperar no coletivo: novos jeitos de fazer escolas democráticas. **Paulo Freire na escola**: série cadernos pedagógicos, Recife, n 6, p. 11-29, 2021.

ARAÚJO, Camilo Buss. **A sociedade sem exclusão do Padre Wilson Groh**: a construção dos movimentos sociais na comunidade do Mont Serrat. Florianópolis: Insular, 2004.

BENTO XVI. **Carta encíclica *Caritas in Veritate***. São Paulo: Paulinas, 2009.

BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus caritas est***. Vaticano: 2005.

BETTO, Frei. **Evangelho e Projeto Político do Reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. Nova edição papal realizada pelos Missionários Capuchinhos. Importador e Distribuidor Stampley. São Paulo: Publicações Ltda, 1971.

BOFF, Leonardo. **Vida para Além da Morte**. São Paulo: Editora Vozes, 1996.

CADERNO Encantar a Política. [s.l.] [s.n.], 2022.

CARVALHO, Sandro Sacchet de. Retrato dos rendimentos do trabalho – resultados de PNAD contínua do segundo trimestre de 2022. **Carta de Conjuntura**, IPEA, [s.l.]. Mercado de Trabalho, n. 56, nota de conjuntura 17, 01 set. 2022.

CERESKO, R. Anthony. **A sabedoria no Antigo Testamento, espiritualidade libertadora**. São Paulo: Paulus, 2004.

CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO. 2ª ed. Brasília: CNBB, 2022.

COMBLIN, Jose. **O caminho**: Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **7º Plano Biental dos Organismos Nacionais, 1983-1984**. Brasília: CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: CNBB, 2005.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DOM Helder Câmara: primeiro secretário-geral e idealizador do projeto da CNBB. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, [s.l.], 16 ago. 2017. Projetos Especiais.

FELLER, Vitor Galdino. **Jesus de Nazaré**: Homem que é Deus. Petrópolis: Vozes. Petrópolis, 2004.

FERREIRA, Antônio; SILVA, Luiz. **Unidade Letiva 02**: Valores e Ética Cristã. Lisboa: Fundação SNEC, 2015.

FERREIRA, Marcela Figueira; GUERRA, Agercicleiton Coelho. Marx e a filosofia: por uma filosofia da práxis. **I JOINGG – Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci; VII JOREGG – Jornada Regional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci**, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza, p. 1-11, 2016.

FIRPO, Mafê. Na última década, 1% mais rico ficou com metade de toda riqueza criada. **Veja**, Mundo, [s.l.], 16 jan. 2023.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Evangelli Gaudium***. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Fratelli Tutti***. Vaticano: 2020.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'***. Vaticano: 2015.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres**. Vaticano, 19 de novembro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 22.

GAIOSO, Victor. A conta vai bater? Os desafios da política fiscal brasileira em 2023. **Exame**, São Paulo, Panorama Econômico, 26 jan. 2023.

GONÇALVES, Pe. Alfredo José. A política é a forma mais perfeita da caridade. **O São Paulo**, São Paulo, 27 jul. 2022.

GRAMSCI, Antônio. **II Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Groce**, Turim: Einaudi, 1952.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Trad. Luiz Mário Gazzaneo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GROH, Vilson. **Labirintos de esperanças**: o significado pedagógico das histórias de vida de lideranças populares na trajetória comunidade, CEDEP, orçamento participativo na cidade de Florianópolis. 270 p. Dissertação (Mestrado), Departamento de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

GUERRA, Luiz Antonio. Ideologia. **InfoEscola**, [s.l.], 2006-2023.

HAYDOCK, George. **Comentário católico**: 1 João 3:14,15. [s.n.] [s.l.].

HELLER, Agnes, **O Homem do Renascimento**. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1982.

JOSÉ, Silvonei; LOMONACO, Amedeo. Grupo de padres sinodais renova o “Pacto das Catacumbas”. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 20 out. 2019.

JUNIOR, Francisco de Aquino. **Nas periferias do mundo**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

JUNIOR, Francisco de Aquino. **Teologia em saída para as periferias**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

KING JR, Martin Luther. **Força para amar**. Edições Tapir. Editora Lisboa, 1966.

KONDER, Leandro, **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KONINGS, Johan. **Amar a Deus e/ou ao Próximo**. Estudos Bíblicos 51. Petrópolis: Vozes, 1996.

KONINGS, Johan. **Tiago, Pedro, João e Judas - Cartas às comunidades**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2019.

KOSIK, Karel. A dialética da moral e a moral da dialética. In VOLPE, Galvano Della, et al. **Moral e Sociedade**. Trad. Nice Rissone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KOSIK, Karel. **A dialética do Concreto**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma o Revolución?** In MILLS, Charles Wright. **Los Marxistas**. México: Ed. Era S.A., 1964.

MAFRA, Neuza. Pobres sempre os tereis: conformismo ou desafio? **Semanas Sociais Brasileiras**, Portal das CEBs, [s.l.], 24 set. 2021.

MARTINS, Eduardo da Silva. **“Vai e faz o mesmo”**: A parábola do Bom Samaritano à luz da teologia do amor de Santo Tomás de Aquino. 122 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2022.

MARX, Karl; E ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MAZZAROLO, Isidoro. **As três cartas de São João**: exegese e comentário. 1. ed. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2010.

MORO, Norberto. **O papel das principais lideranças na luta materialização dos seus direitos sociais nas comunidades do Monte Serrat e Alto da Caieira**. 96 p. Monografia (Pós-Graduação), Doutrina Social da Igreja na Realidade Brasileira, FACASC, Florianópolis, 2016.

NEBIAS, Melissa. Governo do Estado e rede Marista assinam convênio de gestão compartilhada. **Governo de Santa Catarina**, Secretaria da Educação, [s.l], 22 dez. 2011.

“O PODER não corrompe, revela.” (Didier Anzieu). **Conexão T&D**, Florianópolis, 23 out. 2018.

O QUE é Pastoral Social. **CNBB**: Regional Oeste 1, Pastorais Sociais, Campo Grande.

OLIVEIRA, Marcos de. Brasil é o país mais desigual; 1% mais rico fia com quase metade da riqueza. **Monitor Mercantil**, [s,l], 20 set. 2022.
PAPA diz que política é “forma mais alta” da caridade. **Agência Ecclesia**, Lisboa, 20 mai. 2021.

PAULO VI. **Constituição Pastoral *Gaudium et spes***. Vaticano: 1965.
PAZ, Walmaro. Orçamento participativo saiu das mãos da comunidade, diz ex-prefeito de Porto Alegre Raul Pont. **Brasil de Fato**, Política, Porto Alegre, 29 mar. 2022.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. As eleições nórdicas e a social-democracia. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 25 nov. 2021. Artigo, edição 82.

POMBO, Cristiano Cipriano. Há 15 anos, missionária Dorothy Stang, 73, foi assassinada em assentamento no Pará. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2020. Poder, ano 99, n. 33.187.

ROTTERDÃ, Erasmo. **Diálogo ciceroniano**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SCHNACKENBURG, R. **Las Cartas de Juan**. Barcelona: Herder, 1980.

SILVANO, ZULEICA. **Primeira Carta de João-Crer em Jesus Cristo e amar uns aos outros**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas**. 1. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999.

VAZ, Sílvia Maria Reis Duarte. **Uma Planificação da Unidade Letiva 4 do Ensino Secundário**: “A Civilização do Amor”. Especialização

Moral e Religiosa Católica na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015.

VIEIRA, Henrique, pastor, **O amor como revolução**.1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? – Índice de Gini. **Desafios do desenvolvimento**, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, [s.l.], ano 1, ed.4, 01 nov. 2004.

ANEXO A – Discurso do Reverendo Michael Bruce Curry no casamento real

O reverendo Michael Bruce Curry, da Igreja Episcopal dos EUA, foi convidado para fazer a homilia do casamento do príncipe Harry e da atriz Meghan Markle — quebrando um protocolo britânico. No discurso, ele fez questão de citar o ativista Martin Luther King, assassinado há cinquenta anos, em 4 de abril de 1968. Curry, o primeiro negro a ser escolhido bispo presidente da Igreja Episcopal, é um ativista conhecido por sua profunda preocupação com a justiça social. O 'spiritual' citado por Curry, "Há um bálsamo em Gileade", era cantado por negros escravizados no Sul dos Estados Unidos. A seguir, o sermão que pronunciou na Capela de São Jorge, em Windsor, diante da realeza britânica.⁴⁴¹

Ponha-me como um selo em seu coração,
 como um selo em seu braço;
 porque o amor é tão forte quanto a morte,
 uma paixão sólida como a sepultura.
 Seus clarões são clarões de fogo,
 uma chama violenta.
 Muitas águas não podem apagar o amor,
 nem inundações podem afogá-lo.
 Dr. Martin Luther King Jr. disse certa vez:
 'Precisamos descobrir o poder do amor,
 o poder redentor do amor.
 E quando descobrirmos isso,
 seremos capazes de fazer deste velho mundo um
 novo mundo.
 O amor é o único caminho.'
 Há poder no amor. Não o subestime. Qualquer um
 que já tenha se apaixonado sabe o que eu quero
 dizer.
 Mas pense no amor sob qualquer forma. Ser amado
 e expressar amor é bom. Há alguma coisa certa a
 respeito disso. E por um motivo.
 Um antigo poema medieval diz: 'Onde houver o
 amor verdadeiro, o próprio Deus estará presente.'
 Na Bíblia, João diz isso da seguinte forma:
 'Amada (o), vamos amar um ao outro

porque o amor vem de Deus; todos os que amam são filhos de Deus.

Aquele que não ama não conhece Deus

Porque Deus é amor.'

Há poder no amor. O amor pode ajudar e curar quando nada mais pode. O amor pode levantar e liberar para a vida quando nada mais o fará.

E o amor que aproxima duas pessoas é o mesmo amor que pode mantê-las juntas, seja no cume da felicidade ou nos vales da dificuldade.

O amor é forte como a morte

Seus clarões são clarões de fogo.

Muitas águas não podem apagar o amor.

O amor pode ver através de você. Há poder no amor.

Mas o amor do qual eu falo não é apenas para casais que se casam ou apenas para relações pessoais.

Jesus de Nazaré nos ensinou que o caminho do amor é o caminho para uma relação verdadeira com o Deus que criou todos nós, e o caminho para uma relação verdadeira com os outros como filhos de um único Deus, como irmãos e irmãs na família humana de Deus.

Um erudito disse isso da seguinte maneira: 'Jesus encontrou o mais revolucionário movimento da História humana: um movimento construído sobre o amor incondicional de Deus pelo mundo e o mandato para viver este amor' (Charles Marsh, 'The Beloved Community')

E ao fazer isso, mudamos vidas e o próprio mundo. Há um motivo para isso.

Um velho 'spiritual' pode sugerir por quê:

'Se você não pode pregar como Pedro,

E não pode rezar como Paulo,

Você pode falar do amor de Jesus,

Como ele morreu para nos salvar

Há um bálsamo em Gileade

Para curar os feridos

Há um bálsamo em Gileade

Para curar a alma doente do pecado

Apenas fale sobre o amor de Jesus, como ele morreu para nos salvar.'

Ele não sacrificou sua vida por si mesmo, por nada que pudesse ganhar. Ele fez isso pelos outros, pelo

outro, pelo bem e o bem-estar de outros. Isso é amor.

Como Paulo diz isso?

O amor não é invejoso, rude ou arrogante

O amor não busca os seus próprios interesses.

O amor é altruísta, se sacrifica, é bom e justo.

O amor busca o bem e o bem-estar do outro.

O amor cria espaço para que o outro seja.

Esse amor, esse é o caminho de Jesus. E é o que muda o jogo.

Imagine nossos lares e famílias quando esse caminho de amor é escolhido.

Imagine nossos bairros e comunidades quando o amor é o caminho.

Imagine nossos governos e nossos países quando o amor é o caminho.

Imagine os negócios e o comércio quando o amor é o caminho.

Imagine o mundo quando o amor é o caminho.

Nenhuma criança iria para a cama com fome em um mundo como esse.

A pobreza seria história em um mundo como esse. Nós trataríamos uns aos outros como filhos de Deus, sem prestar atenção nas diferenças.

Nós aprenderíamos a largar nossas espadas e escudos à beira do rio e não estudaríamos mais a guerra.

Haveria um novo céu, uma nova terra, um novo mundo. Uma nova e bela família humana.

Este é o sonho de Deus

O amor é tão forte quanto a morte

Seus clarões são clarões de fogo

Muitas águas não podem apagar o amor.

Fonte: “O PODER do amor”: Leia o texto completo do sermão do casamento de Harry e Megan. **O Globo**, São Paulo, 19 mai. 2018, não paginado. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/o-poder-do-amor-leia-texto-completo-do-sermao-do-casamento-de-harry-meghan-22698444>.> Acesso em : 11 fev. 2023.

ANEXO B - Reuniões da Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social de Florianópolis junto à Comissão Executiva do Fórum do Maciço do Morro da Cruz.

Esta reunião se tratou, conforme ata de 04 de julho, onde o “Padre Vilson falou do projeto das ZEIS –Zonas Especiais de Interesse Social elaborado pela prefeitura e encaminhado pelo prefeito Dário Berger à câmara dos Vereadores ressaltando a presença neste dia de representantes do Fórum, secretários do município e do governo do Estado, o que caracterizou a importância deste projeto. Solicitou que a comissão do Fórum, encarregada de acompanhar o projeto, procurasse saber esta semana em que comissão ele está tramitando na Câmara. Passou a seguir outro assunto: a solicitação para que na próxima reunião o secretário de obras da Prefeitura, Djalma Berger, esteja presente para tratar de assuntos de sua pasta, assim como o secretário da Saúde, Dr. Juca. Segundo o padre Vilson há necessidade de uma parceria entre as comunidades e a Secretária da Saúde no que se refere ao mapeamento que vem sendo feito pelos agentes de saúde nas comunidades do Maciço. Pe. Vilson sugeriu que o assunto a ser tratado com o secretário Juca seja um encontro com os agentes de saúde a fim de conscientizá-los sobre a necessidade de ampliação do projeto. A secretária Rose Berger comprometeu-se a conversar com o secretário Juca para marcar a reunião para tratar deste assunto. Ainda relativo a este assunto Rui Alves sugeriu que seja feita divulgação sobre a pesquisa dos agentes de saúde nos morros através da mídia para que a população saiba o que está sendo pesquisado e para quê. Neste momento o secretário da Habitação, Atila Rocha dos Santos esclareceu o objetivo da pesquisa que está feita em cem por cento das comunidades carentes: seria de identificar as famílias que moram nestas regiões e que tenham interesse em retornar para a área rural, isto no caso de estarem residindo há menos de 10 anos na cidade, porque após este período perde-se o vínculo com o campo, afirmou. Citando dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2004, o secretário revelou que havia 25.616 habitantes na região do Maciço e uma população de 102 mil habitantes no entorno. Neste momento Rose Berger sugeriu que se formasse uma pequena comissão para discutir com as comunidades os futuros Clubes Sociais (equipamentos de educação, lazer, esporte, cultura e profissionalização) localizados no Morro da Cruz, que atenderão a três das seis comunidades. A seguir, a moradora da Vila Santa Rosa, Ivonete, falou da angústia vivida pelos moradores da sua comunidade que aguardam o prefeito Berger para que cumpra sua palavra e desaproprie a área para que 130 famílias não sejam despejadas na rua.

Para ela, o prefeito deve dar uma basta a especulação imobiliária e por fim dar uma solução política ao problema. ‘A gente sabe que tem como ficar ali’, completou”.

Em outro fórum, no mesmo local da prefeitura de Florianópolis no dia 11 de julho, “foi tratado a questão do lixo com o Sr. Juca da Comcap com levantamentos das necessidades existentes pelos moradores em quais pontos específicos a serem colocados estas lixeiras e o Sr. Rui coloca a construção de duas lixeiras no Morro da Mariquinha. Com a palavra o Sr. Rui se manifesta pedindo presença da Floram em nossas reuniões para tratarmos das questões ambientais, pois sente a falta de políticas públicas, como programas educativos de conscientização ambiental nas nossas comunidades quanto esta questão. E como conclusão dos assuntos neste primeiro momento ficou concluído o seguinte: o Sr. Juca deve elaborar um projeto educativo ambiental articulado com todos os órgãos competentes e as comunidades do Maciço. A Sra. Clementina pede prazo na execução das lixeiras, mas Sr. Juca informa que devido a demanda levantada a todo o momento e as dificuldades de execução face aos próprios contratempos da comunidade, mas as que já estão programadas devem ser executadas. A Sra. Rose se incumbiu pessoalmente de encaminhar um ofício para a Floram para participarem das nossas reuniões com o intuito de amadurecermos essa ideia. Sugeri ainda que a construção das lixeiras fosse realizada em mutirão com as comunidades para uma melhor interação e conscientização quanto uso destas. O Pe. Vilson informou da aula que iria realizar no dia 14 uma corrente na academia da polícia tratando do assunto de segurança visto pelas periferias. Em seguida as perguntas e reivindicações deverão ser feitas ao Sr. Carlos representante da Secretaria de Obras Municipais sobre drenagem e pavimentação das ruas, saneamento, limpeza das bocas de lobo, e Sra. Rose salientou de fazer urgente a contenção das encostas e construção do pontilhão. A Sra. Rose deixa registrado que a formação de novas lideranças seria fundamental para que todo esse processo de trabalhos juntos das comunidades não acabe e que se amplie cada vez mais. Como última solicitação, Pe. Vilson pede que a Sra. Rose encaminhe um ofício ao Sr. Governador reforçando a presença de seus integrantes junto as reuniões do Fórum do Maciço juntamente com os secretários do poder público municipal”.

ANEXO C

Comitê Popular Comunitário do Maciço do Morro da Cruz faz o chamamento

O Maciço do Morro da Cruz é formado por **18 comunidades, com mais de 40 mil moradores**, juntos representam 8% da população de Florianópolis. Um território marcado desde sua constituição, há mais de 150 anos, pelas lutas e conquistas sociais do seu povo. No topo desta impressionante formação rochosa está localizado o Parque do Maciço do Morro da Cruz, com as vistas mais espetaculares do pôr do sol e do centro de Florianópolis, com diversas trilhas, mirantes e suas 80 nascentes e 20 cursos d'água boa.

Em agosto de 2021, lideranças de 12 comunidades do Maciço do Morro da Cruz se reuniram na igreja Nossa Senhora do Mont Serrat, além de compartilharem as demandas urgentes de cada comunidade, este grupo deliberou sobre a necessidade de **reativar um movimento integrado de lutas e conquistas sociais do Maciço**. Com destaque para as ações do Fórum do Maciço, que iniciou suas atividades na década de 1990, e posteriormente o Conselho Comunitário do PAC, que promoveram a visibilidade do Maciço do Morro da Cruz frente às políticas públicas no âmbito local, estadual e federal. Desta vez o coletivo escolheu que **a personalidade deste movimento será o Comitê Popular Comunitário do Maciço do Morro da Cruz - CPCMMC**.

Passados dois anos de atividades e reuniões das lideranças, recebendo o prefeito e as equipes da prefeitura em quatro reuniões, o Comitê Popular Comunitário do Maciço do Morro da Cruz, em conjunto com o Instituto Vilson Groh, articularam a integração com três instituições públicas de ensino, pesquisa e extensão da cidade. De **forma inédita, o Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e a Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, estão atuando de forma institucional junto às comunidades do Maciço**.

Este reconhecimento do Comitê Popular Comunitário do Maciço do Morro da Cruz vem surtindo bons efeitos, pois esta mobilização social está produzindo duas importantes ações de forma coletiva e democrática. A **primeira consiste no Programa Pacto Pelo Maciço do Morro da Cruz, organizado em sete eixos de temáticos** e dezenas de projetos e ações que serão desenvolvidas com este conjunto de parceiros. A **segunda é a organização do PAC do Maciço**, onde estão sendo detalhadas as demandas de Infraestrutura e Moradia junto às 18 comunidades que formam o Maciço. O resultado das Oficinas de Planejamento será submetido aos governos municipal, estadual e federal. Para que o Maciço possa esperar novamente, como ocorreu nos governos Lula, que incluiu às demandas estruturantes de 16 comunidades do Maciço no PAC I [2007] e no PAC II [2010], sendo investidos mais de 100 milhões de reais em diversas obras que impactam todo o território.

Agora chegou o **momento de mais lideranças, representantes e moradores das 18 comunidades do Maciço do Morro da Cruz, participarem das oficinas de planejamento, para incluírem as demandas atuais no projeto [PAC do Maciço]** e conseguirmos produzir um verdadeiro "raio X" do Maciço de hoje, para projetarmos o Maciço do futuro. Um território com mais cidadania, saúde, educação, direito à moradia, mobilidade, lazer, acesso a cultura e o verdadeiro envolvimento com o Parque do Maciço do Morro da Cruz e suas 80 nascentes de água boa. Acompanhe as informações na rede social do Comitê CPCMMC e mobilize a sua comunidade para a próxima Oficina de Planejamento do PAC do Maciço.

Participar do presente é construir um futuro melhor para o Maciço.
Seguimos juntos.

Ass: Comitê Popular Comunitário do Maciço do Morro da Cruz

[@comitepopularcomunitariodomacicodomorrodacruz](https://www.instagram.com/comitepopularcomunitariodomacicodomorrodacruz)